

MAX LUCADO

Mais de 65 milhões de livros vendidos

RAZÃO DO ADOLESCENTE

**A mensagem do amor de Jesus
aos jovens e adolescentes**



THOMAS NELSON
BRASIL



MAX LUCADO

Mais de 65 milhões de livros vendidos

ELE ESCOIHEU VOCÊ!

A mensagem do amor de Jesus
aos jovens e adolescentes

Traduzido por Lilian Jenkino



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro – 2011

Título original
He chose you

Copyright da obra original © 2001 por Max Lucado
Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2011.

Publisher	<i>Omar de Souza</i>
Editor responsável	<i>Renata Sturm</i>
Produção editorial	<i>Thalita Aragão Ramalho</i> <i>Daniele Duarte Dortas</i>
Capa	<i>Julio Moreira</i>
Tradução	<i>Lilian Jenkino</i>
Copidesque	<i>Magda de Oliveira Carlos</i>
Revisão	<i>Margarida Seltmann</i> <i>Fernanda Silveira</i>
Projeto gráfico	<i>Miriam Lerner</i>
Diagramação	<i>Cris Teixeira</i>

Edição digital: janeiro 2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L965e

Lucado, Max, 1955-

Ele escolheu você / Max Lucado; [tradução Lilian Jenkino]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

Baseado em: Ele escolheu os cravos

Tradução de: He chose you

ISBN 978-85-786-0219-2

3. Adolescentes cristãos – Vida religiosa. 4. Conduta. 5. Vida cristã. I. Título.

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313

www.thomasnelson.com.br

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

Para o Programa da Juventude da Igreja de Cristo de Oak Hills.
Continuem assim! Vocês são incríveis.
M. L.

Sumário

1. Oh, as coisas que fazemos por amor!

(Deus fez isso por mim?!)

2. Saliva, pecado e outras coisas nojentas em que preferimos não pensar

“Vou suportar seu lado obscuro”

(A promessa de Deus ante a saliva do soldado)

3. O “Sei como é” definitivo

“Eu os amei o suficiente para tornar-me um de vocês”

(A promessa de Deus na coroa de espinhos)

4. O melhor “esconderijo” de todos os tempos

“Eu perdoo você”

(A promessa de Deus nos cravos)

5. Às vezes, um grito... às vezes, um sussurro

“Falarei com você em sua própria linguagem”

(A promessa de Deus por meio dos sinais)

6. Cuidado com o que pede: você pode conseguir!

“A escolha é sua”

(A promessa de Deus por meio das duas cruzes)

7. Se você não sabe aonde está indo, pode acabar se perdendo!

“Não abandonarei você”

(A promessa de Deus na caminhada)

8. Vestida para *aquele* dia!

“Darei minha túnica a você”

(A promessa de Deus por meio das vestes)

9. Todo mundo *diz* que joga bem; mas é a bola que conta!

“Eu compreendo sua dor”

(A promessa de Deus por meio da esponja embebida em vinagre)

10. Entre... a porta está sempre aberta!

“Convido você para entrar em minha presença”

(A promessa de Deus por meio dos espinhos na carne)

11. O presente que continua a dar

“Eu redimi você e o sustentarei”

(A promessa de Deus por meio do sangue e da água)

12. Amor tenro. Duro amor. Amor verdadeiro

“Para sempre amarei você”

(A promessa de Deus por meio da cruz)

13. Sem ter para onde ir senão... para cima!

“Posso transformar sua tragédia em triunfo”

(A promessa de Deus por meio das vestes de luto)

14. Contra tudo e contra todos!

“Eu venci”

(A promessa de Deus por meio do túmulo vazio)

15. Confira sua “bagagem”!

(O que você deixaria aos pés da cruz?)

Notas

Agradecimentos

Este livro não existiria sem a inspiração e a dedicação de várias pessoas.

Um agradecimento especial à equipe de Laura Minchew, Beverly Philips e June Ford, da Thomas Nelson.

Meu especial apreço a Monica Hall por escrever os exemplos contemporâneos espalhados pelos capítulos.

A Karen Hill, minha assistente e salvadora, que fez um trabalho de mestre na edição e no gerenciamento.

Aos três jovens amigos que graciosamente aceitaram ler o livro e dividir as impressões sobre ele: Chris Clark, Courtney Kunkel e Salena Wiley.

E, é claro, o maior agradecimento vai para Jesus, sem o qual não teríamos sequer uma história.

Caro amigo,

Fico muito feliz por você estar segurando este livro. Nas páginas que se seguem, você e eu vamos explorar o maior acontecimento da história — a cruz de Cristo.

Nenhum acontecimento foi mais decisivo. Se o que aconteceu na cruz é verdade, então a cruz é a solução para todos os problemas da vida. Perdão dos pecados, libertação da morte, propósito para viver: tudo isso está ao pé da cruz.

Você merece elogios por reservar uma parte de seu tempo para refletir sobre esses assuntos. Que Deus use estas páginas para abençoá-lo e mostrar a você o significado do Calvário.

MAX LUCADO

Porque Deus nos escolheu nele
antes da criação do mundo, para sermos santos
e irrepreensíveis em sua presença.
Em amor nos predestinou para sermos adotados
como filhos por meio de Jesus Cristo,
conforme o bom propósito da sua vontade,
para o louvor da sua gloriosa graça,
a qual nos deu gratuitamente no Amado.
Nele temos a redenção por meio de seu sangue,
o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus.
[Ele] revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom
propósito
que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo
todas as coisas, celestiais ou terrenas,
na dispensação da plenitude dos tempos.
Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados
conforme o plano daquele que faz todas as coisas
segundo o propósito da sua vontade.

Efésios 1:4-7; 9-11

1.

Oh, as coisas que fazemos por amor!

(Deus fez isso por mim?!)

O dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Romanos 6:23

Graças a Deus por seu dom indescritível!

2 Coríntios 9:15

Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes. Por sua decisão ele nos gerou pela palavra da verdade, para que sejamos como que os primeiros frutos de tudo o que ele criou.

Tiago 1:17,18

Cuidadosamente, com um joelho de cada vez, Josh engatinhou, inspirou profundamente e olhou por sobre a beira. (Gulp!) Era bem... beeeeeem... comprida a distância até o chão, vista lá de cima. E parecia ser uma ideia tão boa na hora. (Em *quê* ele estava pensando?!)

Ele fechou os olhos por um instante — não era um bom momento para ficar tonto! — e se sentou sobre os tornozelos. Não faria mal algum fazer uma pausa ligeira antes de recomeçar — curta o suficiente para colocar o estômago de volta no lugar. Além do mais, ele lembrou a si mesmo: é pelo presente, então pare de ser um maricas!

Josh não conseguia lembrar exatamente quando tivera a ideia genial que o tinha trazido até aquele momento. Mas tudo era muito bom — fosse um momento de terror, ou não — decidiu. Afinal, “soluções criativas” eram sua especialidade. E aquilo era realmente único! Que é exatamente do que você precisa quando é jovem demais para trabalhar de verdade, mas deseja dar um presente muito especial para uma pessoa também muito especial.

Bastava lembrar-se dela para sorrir. Estar com ela, de algum jeito, sempre acabava em aventura — ela encontrava motivos para se divertir, para aprender ou para celebrar mesmo nas coisas mais comuns. Quando olhou para ele com aqueles olhos azuis atordoantes e sorriu em resposta a alguma coisa que ele disse ou a algum gesto que ele fez, ele sentiu como se tivesse três metros de altura. Porque quando olhou para ele, ela viu algo... maravilhoso.

E ela merecia um presente tão especial quanto ela. Seja lá o que fosse preciso. E foi assim que ele acabou parando em cima do telhado

da velha Sra. Carter — olhando para o que pareciam ser quilômetros de calhas cheias de folhas!



Oh, as coisas que fazemos para dar presentes a quem amamos. Trabalhamos duro, economizamos dinheiro e temos muito cuidado ao comprar, ou gastamos muito tempo pensando — e fazendo — em presentes criativos para as pessoas especiais em nossa vida.

Mas isso não importa, não é? Qualquer um escolheria fazer tudo de novo. A verdade é que já *fazemos* tudo de novo. Cada Natal, cada aniversário — sempre de vez em quando — enveredamos por territórios estrangeiros. E de propósito. Algo que fazemos por livre escolha. Os adultos vão às lojas de brinquedo. Os pais vão à loja de roupas da moda. Esposas vão à seção de pesca e maridos buscam a seção de bolsas.

Mas não só entramos em lugares estranhos como ainda fazemos coisas incomuns. Aparamos a grama para comprar aquela ferramenta especial para o papai, e trabalhamos de babá só para comprar o perfume favorito da mamãe.

E faríamos tudo de novo. Depois de espremer as uvas do serviço, podemos beber o vinho mais doce da vida — o vinho da generosidade. Encarnamos o melhor de nós mesmos quando estamos dando. Na verdade, ficamos mais parecidos com Deus quando estamos dando.



Pronto! Josh tirou a última mão cheia de folhas molhadas e enlameadas — e nojentas! — da calha e jogou no chão. Até que enfim! Tudo que ele tinha de fazer agora era varrer a sujeira da grama da Sra. Carter e o plano estaria completo. É claro, *primeiro* ele tinha de sair do telhado, descer a escada e voltar para o bom e velho chão sólido. Lugares altos, definitivamente, *não* eram com ele. Mas ele tinha de admitir, a vista lá de cima era linda.

Ele deu um tapinha de despedida na telha e uma última olhada ao redor — admirou os canteiros de flores que havia limpado no fim de semana passado e a lustrosa demão de tinta que havia aplicado na

cerca velha e surrada. Então, pegou a camiseta (de *onde* tinha vindo aquele enorme rasgo?!) e a colocou. Ai! *Bem, paciência, ficar um pouco queimado não machuca ninguém. E o presente vale a pena!*

A escada tinha começado a escorregar...

De degrau em degrau, com cuidado, ele começou a descer a escada.

— Ei, Josh... Eu trouxe uma limonada para você, querido.

Josh pulou. A escada tinha começado a escorregar...

— Minha nossa, você está bem, querido? — a Sra. Carter se inclinou para limpar a camiseta (e as marcas de sol) com suas mãos frágeis e pequeninas.

— Ah... Acho que sim — Josh respondeu, olhando para ela. Depois, ele testou bem devagar os braços e as pernas. Tudo parecia estar funcionando. Por sorte. *Uau, que sorte a minha. Mais uma visita ao pronto-socorro e a mamãe surtaria de verdade!*

— Eu estou bem. De verdade. Acontece o tempo todo — ele disse, dando alguns pulos e andando (quase não dava para perceber que ele mancava).

— Bem, se você tem certeza, querido... — a Sra. Carter ainda parecia um pouco preocupada, mas deu um enorme sorriso quando se posicionou em frente à cerca recém-pintada; ele entregou o cartaz e bateu a foto.

Ah se ela soubesse!, pensou Josh, com um sorriso disfarçado no rosto, enquanto pensava em *algumas* das peripécias pelas quais passou em busca do presente.

Como dar banho e arrumar os cinco cachorros dos Anderson, por exemplo. Que engraçado, eles não pareciam ser tão... grandes — nem tão peludos — quando Josh aceitara o trabalho. E quem poderia

imaginar que o velho e dorminhoco Bruno causaria tantos problemas por causa dos nós em seu pelo? (*Deveriam ter lhe dado o nome de Rambo!*) Mas valeu a pena, a foto ficou ótima. Como também valeu a pena ver os sorrisos das crianças que brincavam no novo parquinho que ele havia ajudado a montar — ao mesmo tempo em que aprendia uma ou duas novas coisas sobre martelos durante o processo.

No fim das contas, Josh conseguira sobreviver aos últimos três meses mais ou menos intacto, mesmo apesar de tudo que seus pais haviam falado quando ele apareceu com essa ideia do presente. Para falar a verdade, eles amaram a ideia em si.

— É perfeito — o pai falou.

— Acho que ela gostaria disso mais do que qualquer outra coisa — concordou a mãe.

— Mas... — o pai começou a avisar — nada de pontas afiadas, nem ferramentas elétricas! — Papai ainda não havia conseguido superar o pequeno fiasco ocorrido com o cortador de grama. — Você sabe o que acontece...

Ele tinha de admitir, o pai estava certo. E Josh *ainda* estava na lista dos mais conhecidos de cada um dos médicos socorristas de cinco bairros diferentes. As coisas pareciam simplesmente... acontecer. Se algo estivesse prestes a cair, a probabilidade de aquela coisa cair em cima dele era enorme. Objetos pontudos e afiados conseguiam encontrá-lo no meio da escuridão. Os vãos das portas nunca eram largos o bastante. A calçada e os banquinhos de madeira — até mesmo a tigela do cachorro! — insistiam em se jogar no meio do caminho dele. E toda abelha e toda vespa que se irritavam conseguiam seu endereço.

Ferramentas elétricas estavam fora de cogitação. Mas havia uma série de *outros* trabalhos que podiam ser feitos. E também muitas pessoas — como a Sra. Carter — que não tinham condições de contratar um profissional para trabalhar. Quando essas pessoas ouviam sobre o presente — e viam como Josh trabalhava duro para

fazer de cada trabalho um trabalho *perfeito* — ele ganhava muito mais trabalho do que conseguia dar conta. Muito mais.

Alguns arranhões e machucados eram um preço pequeno a se pagar para o que ele tinha em mente. Além disso, ora, uma torção no tornozelo pode acontecer com qualquer um. O problema com a cola do papel de parede até *foi* meio uma surpresa. Mas ele já estava precisando cortar o cabelo mesmo...



Você já se perguntou por que Deus dá tanto? Nós poderíamos existir com muito menos do que temos. Ele poderia ter feito o mundo plano e cinza; e nem saberíamos a diferença. Mas ele não fez isso.

*Ele espalhou laranja no amanhecer
e tingiu de azul o céu.
Se você gosta de gansos voando,
é certo que os verá.
Por que fez a cauda do esquilo tão farta?
Foi obrigado a criar o canto dos pássaros?
O ciscar engraçado das galinhas
ou a majestade do trovão quando soa?
Por que dar perfume à flor? E sabor à comida?
Pode ser
que ele ame
o sorriso no seu rosto?*

Se nós gostamos de dar presentes para demonstrar amor, quanto mais não gostará Deus? Se nós — que somos cheios de manias e de avareza — amamos dar presentes, quanto mais Deus, o puro e perfeito Deus, não gostará de nos presentear com dons? Jesus perguntou: “Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos Céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem?” (Mateus 7:11).

Todo dom revela o amor de Deus...

Os presentes derramam luz no coração de Deus, no coração bom e generoso de Deus. Tiago, irmão de Jesus, conta: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes” (Tiago 1:17). Todo dom revela o amor de Deus... Mas nenhum dom revela mais o amor divino do que o presente da cruz. Esse presente não veio embrulhado em papel, mas em paixão. Ele não foi colocado em volta de uma árvore, mas próximo a uma cruz. Nem veio coberto por laços, mas salpicado de sangue.

O presente da cruz.

Muito já foi dito sobre o presente da cruz em si, mas e quanto aos outros presentes? E quanto aos cravos, ou quanto à coroa de espinhos? As vestes tomadas pelos soldados. As vestes usadas no sepultamento. Você já teve tempo para abrir esses presentes? Para ver o que eles são? Para pensar no que eles *significam*? Você compreende o incrível amor contido *dentro* de cada presente?



Josh correu com atenção por entre as frágeis cadeiras dobráveis. *Por favor, sem desastres por hoje!* Espiou o presente e deu uma olhada no campo lotado, tentando não bocejar enquanto seguiam os discursos. *Que chatice!*

Por fim — uma eternidade ou duas depois — os diplomas seriam entregues. Josh percorreu a longa fila de capelos e de togas com olhos ansiosos — procurando por *ela*. Ali! Bem no meio do desfile daquelas pessoas de vinte e poucos anos — praticamente pulando de alegria — lá estava ela. Olhos azuis e brilhantes. Um sorriso enorme. E uma infinidade de cachos prateados. Vovó — a avó *dele* estava se formando na faculdade!

Vovó: que tinha enchido a vida de Josh de amor e de alegria, ensinando que cada dia era um presente — e uma chance de fazer

“alguma coisinha boa, Josh, só umazinha...”

Vovó: que não só aprovava a regra de ouro, como estava convencida de sua responsabilidade pessoal de fazê-la brilhar.

Vovó: que achava um privilégio servir aos outros, e que lembrava sempre que todo mundo que precisa de uma ajuda faz parte da vizinhança!

Vovó: que acreditava em sonhos, e que eles se tornam reais.

Depois de dez longos anos de trabalho de dia e aulas de noite, vovó estava se formando na faculdade! E Josh estava prestes a explodir de amor e de orgulho.



— **A**qui, vovó — disse Josh com um grande abraço — isto é para você.

Vovó pareceu confusa quando começou a folhear o álbum de fotografias. Mas, depois, viu mais de perto e começou a sorrir.

Página após pagina, foto após foto, o sorriso dela ia crescendo conforme passavam todos aqueles rostos sorridentes. A Sra. Carter e sua cerca recém-pintada. Cinco cachorros extremamente arrumados, sentados ao redor da cadeira de rodas de Tom Anderson. As crianças da creche no novo parquinho. O próprio Josh cercado de vinte sacolas de lixo recolhidas daquele malfadado terreno baldio. As janelas lavadas daquele abrigo...

A cada página a história se desenrolava. E em todas as fotos de cada “presente” havia alguém sorrindo e segurando um cartaz bem grande, que dizia: *Para vovó... Com amor!*

— Oh, Josh... Você deve ter levado meses! — a voz da vovó deixava perceber só um pouquinho da emoção.

— Sim, é claro, vovó. Era essa a ideia. Afinal, muitas pessoas precisavam de uma mãozinha — respondeu Josh, com outro abraço.

— Eu... Eu nunca recebi um presente tão lindo. Não sei o que dizer — disse vovó, que, geralmente, *sabia* o que dizer.

— Você sabe, vovó — ele respondeu. — Pois já disse várias vezes. Lembra? “Os melhores presentes são aqueles que vêm do coração, junto com um pedacinho de quem está dando.”

— Acredite em mim, vovó — completou o pai, apontando com o olhar para a atadura na testa de Josh e para o gesso em seu braço. — Há *vários* pedacinhos do Josh nesse presente!

E tudo acabou bem, com todos juntos e rindo.



Sabe, Jesus não precisava dar *tantos* presentes na cruz. O único ato, a única ação *necessária* para nossa salvação era derramar seu sangue, mas ele fez mais que isso. Muito mais. Lembra-se da cena da cruz. O que você percebe?

Uma esponja embebida em vinagre.

Um sinal.

Duas cruzes ao lado de Cristo.

Dons, cada uma dessas coisas. Presentes divinos feitos para elevar aquele momento, aquele décimo de segundo em que seu rosto brilha, seus olhos se arregalam e Deus ouve você sussurrar: “Você fez isso por mim?”

O diadema da dor

que retalhou seu rosto gentil,

três cravos perfuram carne e tronco

para mantê-lo inerte.

O correr do sangue eu entendo.

O sacrifício, abraço.

Mas a esponja acre, a lança aguda, e a saliva em seu rosto?

Precisava de uma cruz?

Não haveria morte menos cruel

que seis horas pendendo entre morte e vida,

Fruto do beijo de um traidor?

“Oh, Pai”, dizes,

*com o coração estupefato ao imaginar,
“Desculpe perguntar, mas preciso saber,
Fizeste isto por mim?”*

**Ousaremos fazer essa oração?
Ousaremos pensar desse jeito?**

Ousaremos fazer essa oração? Ousaremos pensar desse jeito? Estaria o monte das cruzes repleto de dons de Deus? Vamos examinar, sim? Vamos desembulhar esses presentes de graça como se — ou, melhor, de fato — fosse a primeira vez. Enquanto estiver tocando os presentes — enquanto sente a madeira da cruz e prepara a trança da coroa e afia as pontas dos espinhos — pare e ouça. Talvez você consiga ouvir o que ele diz...

“Fiz isso só por você.”

2.

Saliva, pecado e outras coisas nojentas em que preferimos não pensar

“Vou suportar seu lado obscuro”

(A promessa de Deus ante a saliva do soldado)

*Há no meu íntimo um oráculo a respeito da maldade do ímpio:
Aos seus olhos é inútil temer a Deus.*

Salmo 36:1

*Os insensatos zombam da ideia de reparar o pecado cometido,
mas a boa vontade está entre os justos.*

Provérbios 14:9

*Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os
seus corpos mortais, fazendo que vocês obedeçam aos seus
desejos.*

Romanos 6:12

Saliva?! Eeeeeeca! Que coisa nojenta, não? Não que você faria algo assim tão feio, é claro. Mas Jenny Archer nunca faria isso.

Pelo menos pensava.

Mas chegaremos lá em um instante. Antes, deixe-me fazer uma pergunta: você já imaginou o que teria acontecido com a Fera se a Bela não tivesse aparecido?

Você conhece a história. Houve um tempo em que o rosto dele era bonito e em que o castelo era agradável. Mas isso foi antes da maldição. Antes de as sombras terem caído sobre o coração do príncipe. Quando as sombras caíram, ele se escondeu. Trancafiado em seu castelo, ficou abandonado com seu focinho reluzente e suas presas recurvadas... e com um mau humor terrível.

Tudo mudou, óbvio, quando a garota apareceu. Mas... e se ela não tivesse aparecido?

Ou ainda pior, o que teria acontecido se ela não *se importasse*? E quem poderia culpá-la por não ter se importado? Ele era... Bem, ele era uma besta. Cabeludo. Babão. Rosnando. Bravo! E ela era pura beleza. Incrivelmente linda. Gentil a ponto de contagiar. Será que já existiram encarnações de um nome tão perfeitas quanto a da Bela e a Fera? Quem ergueria o dedo para ela se ela não tivesse se importado?

Mas ela se importou.

E porque a Bela amou a Fera, a Fera se tornou mais bela.

Mas isso é só um conto de fadas, certo? Por isso a história parece tão familiar. De fato, essa é uma das partes da história. Mas você sabe por que outro motivo essa história parece tão familiar? Porque ela nos lembra de nós mesmos. Porque — e eis aqui a parte realmente assustadora — existe uma fera dentro de cada um de nós!

Não foi sempre assim. Houve um tempo em que a face da humanidade era muito bela e em que o palácio era bastante agradável. Mas isso foi antes da maldição. Antes de as sombras terem caído sobre o jardim de Adão. Antes de as sombras terem caído sobre o coração de Adão. E desde então, essa maldição nos

faz diferentes. Bestiais. Feios. Provocadores. Bravos!

Fazemos coisas — coisas odiosas, desagradáveis — que sabemos que não devemos fazer. E depois ficamos imaginando por que é que fizemos essas coisas.



A fera de Jenny acordou e se espreguiçou mostrando os dentes — de todos os lugares possíveis — na lanchonete do colégio Jefferson Middle School em uma segunda-feira ensolarada de outubro.

Jenny olhou com desconfiança para a panela fumegante de... alguma coisa. *Ah, por favor*, ela pensou, enquanto via a concha escorrer com uma generosa porção, *a carne surpresa de novo, não!*

Mas antes que ela conseguisse balançar a cabeça para dizer não... *Ploft!* O almoço (ou seja lá o que fosse) tinha aterrissado sujando tudo na bandeja — e também na parte da frente da camiseta novinha. (Primeiro, aquele cabelo teimoso, depois matemática, agora *isso!*)

— Bom, pelo jeito — suspirou — é um *daqueles* dias!

Nem bem acabou de dizer, deu um pulo quando a bandeja atrás dela bateu na sua e deu um beliscão nos dedos.

— Ai, desculpa, Jen — disse uma voz bem animada.

— Não diga, Brian! — bufou Jenny.

— Você está bem? — perguntou Brian, desacostumado a ver a alegre e “popular” Jenny agindo tão... irritada.

— Ah, sabe como é — disse, encolhendo os ombros enquanto iam para a mesa onde a “galera” sempre ficava. — É só uma segunda-feira daquelas.

— Sei o que quer dizer — respondeu Brian, sorrindo.

— E aí, galera — cumprimentou Jenny, enquanto se sentava em um lugar atrás de Emma. Ela deu um sorriso leve para todos da mesa: Karen, Lisa, Annie e Zack. Ela já se sentia melhor só por estar com os amigos que ela conhecia praticamente *desde sempre*. E daí que o dia tinha começado extremamente ruim? A tarde seria bem melhor,

decidiu. (Geralmente tudo acontecia do jeito que Jenny queria que acontecesse.)

— Como foi em matemática hoje, Jen? Melhorou? — perguntou Emma, com uma voz quase maternal. Ela sabia como Jenny estava dando duro naquela matéria — e também como ela odiava não ser a melhor em tudo que fazia.

— Por favor, Em — Jenny resmungou, dando uma dramática virada com os olhos verdes. — Não me pergunte — depois deu um sorriso. — Pelo menos não até meu cérebro voltar a funcionar.

Ah, e ele vai funcionar!, prometeu para si mesma em silêncio. *Se aquela menina nova esquisita consegue entender tudo, eu também consigo!*

— Nossa, olha aquilo — interrompeu Lisa, nem um pouco interessada em matemática. — Quem é aquela? E *onde* ela comprou aquelas roupas?!

Seis cabeças se viraram para ver o que tinha chamado a atenção de Lisa daquela vez. Ali! Perto da parede estava uma menina alta com um cabelo bem curto e um rosto pálido e angulado, balançando alguns livros, a mochila e uma lancheira enquanto andava.

— Uau — animou-se Zack.

E aquilo praticamente resumia os demais pensamentos. Em uma sala cheia de pessoas vestidas com roupas cáquis e em tons pastéis, ela era uma visão em... preto. Preto! Cada centímetro. Cada tecido. Cada peça de roupa. Preto — dos cabelos cor de meia-noite ao andar arrastado das botas pesadas.

— Esperem só até a Polícia da Moda ver isso! — Annie riu.

— Onde já se viu tantos brincos assim?! — acrescentou Karen, com a voz entre a desaprovação e o espanto.

— É capaz de ela captar sinal de TV *sem* antena — provocou Zack.

— Ela parece sozinha — disse Emma, gentil. — Como será que ela é?

— O nome dela é Jez. Ela é de Chicago, onde *todo mundo* é muito mais descolado — e bacana — do que nós aqui na “Joça”! — foi a resposta ácida de Jenny.

Emma olhou para a amiga, surpresa. Jenny era sempre a primeira com um sorriso amigo no rosto, a que sempre abria caminho para que as pessoas se sentissem à vontade. Quem era aquela estranha sentada ali do lado? E o que ela tinha feito com a *verdadeira* Jen?!

Mas aquilo também surpreendeu Jenny. *Por que eu disse isso?*, ela ficou se perguntando. (Na verdade, para ser sincero, ela sabia exatamente o porquê.)



Como o apóstolo Paulo, Jenny estava lidando com uma das maiores provações da vida. “Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio” (Romanos 7:15).

“... não faço o que desejo, mas o que odeio.”

Você já se sentiu assim?

Se já, você não está sozinho. Paulo não foi o único na Bíblia a lutar com a fera interior. Na verdade, é difícil encontrar uma página nas Escrituras em que esse animal não mostre os dentes: o Rei Saul perseguindo o jovem Davi com uma lança, os filhos de Jacó assassinando Siquém e seus amigos, Ló tentado pela perversidade de Sodoma, Herodes assassinando as crianças de Belém.

Se a Bíblia é chamada de Bom Livro, isso não se deve por um bom comportamento constante das pessoas que estão nela. Mas todo o mal da fera jamais será tão terrível como no dia em que Jesus morreu.

Os discípulos — amigos dele! — estavam dormindo profundamente quando ele mais precisou; quando as coisas ficaram ruins, eles correram para longe.

Herodes pretendia fazer um show.

Pilatos só queria que tudo acabasse.

Os soldados? Eles queriam sangue.

E por isso açoitaram Jesus — com um chicote cruel feito de tiras de couro que traziam uma pequena esfera de chumbo na ponta de cada uma. A ideia era simples: bater no prisioneiro até chegar — perto — da morte, e parar. Eram permitidas até trinta e nove chibatadas, mas só precisava de poucas. Um oficial mantinha uma vigilância atenta a fim de garantir que o prisioneiro não fosse morto por acidente — antes de ser devidamente executado! Jesus estava, provavelmente, muito próximo da morte quando teve as mãos desamarradas e caiu no chão.

As chicotadas foram o primeiro ato dos soldados.

A crucificação foi o terceiro. (Não, eu não esqueci o segundo. Voltaremos a ele em um instante.) Apesar de ter as costas rajadas com as feridas, os soldados ainda prenderam a cruz por sobre os ombros de Jesus e fizeram com que ele marchasse pelo Lugar da Caveira para, enfim, ser executado.

Por mais cruéis que tenham sido esses dois castigos, os soldados estavam, no fim das contas, apenas seguindo ordens. Mas o que é muito difícil de entender é o que fizeram no espaço entre um e outro. Eis como Mateus nos conta:

Então Pilatos soltou-lhes Barrabás, mandou açoitar Jesus e o entregou para ser crucificado.

Então, os soldados do governador levaram Jesus ao Pretório e reuniram toda a tropa ao seu redor. Tiraram-lhe as vestes e puseram nele um manto vermelho; fizeram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Puseram uma vara em sua mão direita e, ajoelhando-se diante dele, zombavam: “Salve, rei dos judeus!” *Cuspiram nele* e, tirando-lhe a vara, batiam-lhe com ela na cabeça. Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo (Mateus 27:26-31, grifos do autor).

A tarefa dos soldados era simples: levar Jesus para o monte e matá-lo. Mas eles tinham outra ideia. Eles queriam se divertir um pouco antes. Soldados fortes e descansados cercaram um carpinteiro exausto e à beira da morte — e bateram nele.

O açoite fora um comando. A crucificação era uma ordem. Mas por que alguém iria se divertir cuspiendo em um homem prestes a morrer? Uma saliva não tem a intenção de machucar fisicamente. Nem seria possível. O ato de cuspir pretende machucar a alma, fazer alguém se sentir pequeno e sem valor. E faz

mesmo.

O que os soldados estavam fazendo? Ah, você sabe, não sabe? Eles estavam tentando se elevar, subindo e pisando em outra pessoa. Eles estavam se sentindo grandes ao fazer Jesus se sentir pequeno.



— **Q**ue foi? — perguntou Jenny, muito ocupada com uma presilha em seu cabelo cor de cobre, tentando agir como se nada estranho tivesse acabado de acontecer. *Por que a Emma está parecendo tão espantada?*, perguntou a si mesma. *Quem disse que eu preciso gostar de todos os alunos novos?*

— Bem... — disse Emma, com cuidado. — Ela parecia tão sozinha. Deve ser difícil ser nova e tão... Diferente. Você a conhece?

— Todo mundo da aula de matemática a conhece! — respondeu Jenny, dando de ombros. *E como alguém poderia ignorá-la?*, pensou. *Sentando na beira da cadeira, daquele jeito. Sorrindo e concordando com a Sra. Allen antes da metade da explicação. Agindo como se tudo fosse tão fácil!*

— Bem, parece que ela conhece você — sussurrou Karen.

De algum modo, naquela lanchonete pequena e apertada, aqueles olhos frios e cinzentos haviam encontrado a mesa de Jenny — Jenny... e a cadeira vazia ao seu lado. (Às vezes, ter o cabelo da cor exata de uma moeda de cinco centavos *não é uma bênção!*)

— E agora, Jen? Podemos convidá-la? — disse Zack, que nunca conseguia resistir às novidades.

— Tem um lugar vazio — lembrou Emma.

Agora tudo dependia de Jenny. Tudo que ela precisava fazer era erguer a mão e acenar. Um estranho seria transformado em bem-vindo. Jez poderia começar a vida na escola nova conhecendo um pessoal bem legal. Jenny ia conseguir até ganhar alguma ajuda com a matemática.

Tudo que precisava fazer era acenar. Jenny sabia disso. Todo

mundo sabia disso. Jez sabia disso — apesar de ser praticamente impossível reparar na sutil elevação de seu queixo indicando que tudo aquilo não fazia a menor diferença. Tudo que Jez fazia era olhar para Jenny — olhos cinzentos encontrando olhos verdes — e esperar.

Jenny sabia o que *deveria* fazer. Ela também sabia o que *queria* fazer. Devagar, sua mão se ergueu. Hesitou. Então baixou, pegou a mochila... E a colocou com firmeza na cadeira vazia ao seu lado.

— Confie em mim, galera — ela disse. — Ela não faz nosso tipo.



Você já fez algo parecido? Talvez você não tenha cuspidido de verdade em alguém, como fizeram os soldados. Mas Jenny também não fez isso — ao menos, não literalmente. Mas há salivas... e salivas. Você já fez fofoca? Já rolou os olhos para fazer alguém se sentir burro? Já explodiu de irritação com algum amigo? Já fez alguém se sentir mal para que você se sentisse bem?

Foi o que os soldados fizeram a Jesus. Quando você e eu fazemos a mesma coisa a alguma pessoa, é como se fizéssemos também a Jesus. “Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram” (Mateus 25:40).

O jeito como tratamos as pessoas é o mesmo como tratamos Jesus.

Não gosto de ouvir isso, você está pensando. Acredite em mim, eu também não gosto de dizer isso. Mas a verdade é que há algo de bestial dentro de cada um de nós. Algo bestial que faz com que nós façamos coisas com as quais até nós somos surpreendidos. Você nunca teve uma surpresa dessas? Nunca pensou sobre algo que acabou de fazer e se perguntou: *O que foi que aconteceu comigo?*

A Bíblia tem uma palavra de seis letras para responder a essa pergunta: P-E-C-A-D-O. É isso que acontece com você. E comigo. E com todo ser humano desde a queda de Adão. O pecado — mau e bestial — espreita dentro de cada um de nós. Afiando os dentes. Esperando.

Não significa que nós não *conseguimos* fazer o bem. Nós conseguimos — e fazemos. É que nem sempre conseguimos evitar fazer coisas ruins. Às vezes, acontece quando menos esperamos. Foi o que aconteceu com Jenny, que costumava dar risada dos “dias ruins”. Dessa vez, Jenny — que gostava de ser a melhor, que não conseguia aceitar que a matemática que era tão difícil para ela

era tão fácil para Jez — fez questão de garantir que Jez se sentisse tão mal quanto ela mesma.

Não gostamos do que fazemos. E pior — sozinhos — não conseguimos mudar!

Apesar de termos sido feitos à imagem de Deus, nós caímos. Davi disse: “Sei que sou pecador desde que nasci” (Salmo 51:5). E quem poderia dizer o contrário? A verdade é que todos nós nascemos com uma tendência ao pecado. As Escrituras deixam claro:

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho (Isaías 53:6).

O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo? (Jeremias 17:9).

Não há nenhum justo, nem um sequer... Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus (Romanos 3:10,23).

Palavras bem fortes, certo? Talvez fortes *demais*? Talvez alguém dê uma olhada ao redor e diga: “Comparado com todo mundo, sou uma pessoa bastante decente.” Acontece que um porco poderia dizer a mesma coisa. Ele poderia olhar ao redor, observando seus companheiros, e afirmar: “Estou tão limpo quanto os outros!” Comparando com humanos, por outro lado, aquele porco precisa de ajuda! Que é o mesmo de que precisamos nós, humanos, quando nos comparamos a Deus. O exemplo da ausência do pecado não pode ser encontrado em nenhum dos porcos espalhados pela Terra, mas apenas no trono do Céu. Deus é o próprio exemplo.

Esta é a má notícia: carregamos a escuridão — o pecado — dentro de nós. Agora, a notícia ainda pior: estamos presos a ela! Nossos feitos são feios. Toda ação é dura. Não fazemos o que desejamos. Não gostamos do que fazemos. E pior — sozinhos — não conseguimos mudar!

Tentamos; ah, como tentamos. Mas será que o etíope pode mudar a sua pele? Ou o leopardo, as suas pintas? Assim também vocês são incapazes de fazer o

bem, vocês que estão acostumados a praticar o mal” (Jeremias 13:23). O apóstolo concordou com o profeta: “a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Romanos 8:7).

Não!, talvez você esteja pensando, *isso não pode estar certo*. Você tem certeza? Tem mesmo? Então experimente isto: pelas próximas vinte e quatro horas, viva sem nenhum pecado. Não estou pedindo um ano perfeito, nem mesmo um mês perfeito. Só um dia perfeito. Você consegue? Você conseguiria viver sem pecado por um único dia?

Não? E se fosse uma hora? Você conseguiria prometer que pelos próximos sessenta minutos você só terá bons pensamentos e fará apenas boas ações?

Não tem certeza? E quanto aos próximos cinco minutos? Apenas cinco minutos de uma vida amorosa, livre da raiva e do egoísmo — você conseguiria?

Não? Nem eu.

Por isso, temos um problema: somos pecadores, e “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23).

Temos um problema: não somos santos, e “sem santidade ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14).

Temos um problema: somos maus, e “a renda do ímpio lhe traz castigo” (Provérbios 10:16).

O que podemos fazer? Por conta própria, nada.

O que Jesus pode fazer? Tudo.

E ele fez, quando tomou a escuridão do nosso coração — do mesmo jeito com que tomou a saliva do soldado no rosto — e carregou até a cruz. Lá, misturado ao suor e ao sangue, ele se vestiu com a repugnante sujeira de cada pecado já cometido.

Deus poderia ter feito as coisas de outro modo. No plano de Deus, Jesus recebeu vinho para molhar a garganta, então, por que não uma toalha para seu rosto? Simão carregou a cruz de Jesus, mas ele não limpou o rosto de Jesus. Os anjos estavam a apenas uma oração de distância. Eles não poderiam ter evitado o cuspe?

Poderiam, mas Jesus não ordenou que o fizessem. Por algum motivo, aquele que escolheu os cravos também escolheu o cuspe. Além do chicote e dos espinhos, ele ainda suportou o cuspe do homem. Por quê? Poderia ser por ele enxergar a beleza que há dentro das feras?

Mas aqui estamos indo muito além do conto de fadas, alcançando algo muito mais extraordinário. Na fábula, a Bela beija a Fera. Na Bíblia, o Belo faz muito

mais. Ele *se torna* a Fera, para que a Fera possa tornar-se Bela. Jesus troca de lugar conosco! Iguais a Adão, permanecemos sob uma maldição, mas Jesus “se tornou maldição em nosso lugar” (Gálatas 3:13). Aquele que não tem pecado assumiu o rosto de um pecador para que nós, pecadores, pudéssemos assumir o rosto do amor.

E se a Bela não tivesse aparecido? E se a Bela não tivesse *se importado*? Então, teríamos permanecido Feras.

Mas o Belo veio, e o Belo se importou.



Concentração, Jen. Concentração! Braço. Braço. Braço. Respira. Braço. Braço. Respira... Droga! Braços voando, pernas batendo, Jenny tossiu e cuspiu a boca cheia de água da piscina.

O treino da natação não estava indo bem. Por mais que tentasse, ela não conseguia deslizar pela água com a graça de sempre. Algo parecia estar atrapalhando. (Uma consciência pesada pode ter um peso tremendo, sabia?)

Ela deveria estar concentrada na linha de chegada. Mas só conseguia ver o olhar no rosto de Jez mais cedo — na lanchonete, quando fez pouco caso da garota nova.

**Jenny se concentrou e achou
uma reserva de velocidade. Mas
não foi o suficiente.**

Para com isso!, ela dizia sozinha. *Isso já foi, já passou. Agora estou nadando!* Mas nada parecia fluir. Na verdade, alguém acabava de passar por ela em outra raia! Isso *nunca* aconteceu!

Jenny se concentrou e achou uma reserva de velocidade. Mas não foi o suficiente. Outra mão tocou a parede primeiro, depois foi erguendo o corpo magro para a beira da piscina.

Sem fôlego, Jenny fixou o olhar na garota alta de maiô preto. Ela sentiu algo remexer por dentro — algo feio. *Para baixo!*, disse, em silêncio. Então, deu uma risada.

— Puxa vida, Jez, *por favor*, diz que você não é boa em matemática e campeã na natação!

Jez olhou pensativa por um longo instante. Depois, abriu um sorriso:

— Nããão, foi só um pouco de sorte — ela estendeu a mão para puxar Jenny para fora. — Já o lance da matemática...

Jenny sorriu de volta.

— Para falar a verdade, eu preciso de uma mãozinha com isso. Você pode ajudar amanhã? No almoço?

3.

O “Sei como é” definitivo

“Eu os amei o suficiente para tornar-me um de vocês”

(A promessa de Deus na coroa de espinhos)

Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude.
Colossenses 1:19

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.

João 1:14

Eu e o Pai somos um.

João 10:30

Você já olhou para alguém de quem gosta — ou que admira — e se perguntou como seria *ser* aquela pessoa? Como seria ser tão esperto... talentoso... popular... etc.? Como seria estar na pele dessas pessoas? Descobrir o que faz cada um seguir em frente? Parece bastante legal, não?

Mas como seria estar na pele de alguém que você *não* admira? Alguém que chateia, intriga, assusta ou frustra você? Alguém que faz coisas estranhas e feias por motivos que você não consegue compreender? Bom, agora não parece assim tão legal.

Você já imaginou *de verdade* como seria estar na pele de outra pessoa?

Se você fizer essa pergunta para Brian Parnell, a resposta será, provavelmente, um dos famosos olhares “você ‘tá’ brincando, certo?” Porque Brian tinha uma pele só sua — uma pele especial — que caía muito bem nele, sim, senhor, muito obrigado!



O *tap, tap, tap* dos tênis de corrida de Brian batiam ao ritmo de uma música que só *ele* conseguia ouvir. Sempre foi assim. Quando ele corria — e ele não conseguia se lembrar de alguma ocasião em que não estivesse correndo — era sempre seguindo a batida da música silenciosa que tocava dentro de sua cabeça.

Mais rápido!, dizia a música. *Mais rápido!* E ele ia mais rápido.

Voe... sugeria a música. E lá ia ele a voar.

Brian *nasceu* para correr, todos diziam. “Alto lá”, corrige a mãe dele, com um sorriso. “Brian nasceu *correndo*. Na verdade...”, dizia a mãe, enquanto o sorriso aumentava um pouco, “Brian não parece ter nascido; parece ter sido *ejetado* da fonte dos bloquinhos de construção celestiais... Ele não parou de correr desde então!”

E isso era bem verdade. Sempre que havia uma corrida, Brian estava lá... Geralmente, na liderança da prova. Beeeem na frente. Duzentos metros. Quatrocentos metros. Oitocentos metros. Era tudo a mesma coisa para “Brian, o Bom” (apelido que o pai havia colocado no filho magro e ágil que pulou direto as fases de engatinhar e ficar de pé para avançar pela vida em uma correria desenfreada). A música chamava e Brian corria. Simples assim.

Quase sempre. Mas não hoje. Hoje — na corrida de treino para o encontro da sexta-feira — a batida estava um pouco... Errada. A música estava um pouquinho fora do tom. Porque Brian havia trazido consigo o segredo — o pequeno e horrível segredo — bem *nesta* corrida.

Brian gostava de pensar em si mesmo como um cara bem legal. A maioria das outras crianças também concordaria. Todo mundo gostava dele quase que naturalmente, ele só retribuía a atenção. Ele desviava do caminho só para ser gentil e atencioso, e “verdadeiro”. Além disso, o lendário “sorriso do Brian” era capaz de iluminar uma casa.

Menos... *Menos* quando ele estava perto de pessoas com necessidades especiais. Por mais que ele se esforçasse — e ele se esforçava *muito* (talvez fosse esse o problema) — ele só não conseguia ser ele mesmo perto dessas pessoas. A voz dele ficava mais alta (*como se elas fossem surdas também, minha nossa!*). O sorriso dele ficava um pouco maior (*e mais mentiroso!*).

Isso o incomodava muito, porque Brian era *mesmo* um cara legal. Só que a verdade era que pessoas como Mark — que andava de cadeira de rodas — o faziam ficar... Desconfortável. Ele não sabia o motivo, como também não sabia por que Mark usava uma cadeira de rodas. (Dizem por aí que ele quebrou a espinha em um acidente, anos atrás.)

Na verdade, a cadeira de rodas parecia incomodar Brian muito mais do que incomodava Mark — que lidava bem com tudo aquilo. Passar pelos corredores. Fazer amigos. Cavar um lugarzinho para si

mesmo... Com todo mundo, menos Brian, é claro. Brian geralmente conseguia estar em outro lugar sempre que Mark estava por perto. E hoje... *Hoje*, ele tinha olhado para o lado, fingindo não ter visto Mark acenando amistosamente —

Dá um tempo! O Mark provavelmente pensou que você não o viu. Encontre a música... Encontre a música!

Balançando a cabeça de tanta impaciência, Brian acertou o passo. Cabeça erguida, braços se mexendo, Brian — e o segredo — voou, levantando poeira.

Ele não viu nem sombra do buraco...



Você sabe qual é a coisa mais legal sobre a vinda de Cristo? Sabe qual é a parte mais importante da encarnação?

Não, não foi ele ter trocado a eternidade por calendários. Apesar de essa troca merecer nossa atenção.

As Escrituras dizem que não há como calcular os anos da sua existência (Jó 36:26). Podemos buscar o momento em que a primeira onda bateu na praia, ou quando a primeira estrela brilhou no céu, mas nunca conseguiremos encontrar o primeiro momento em que Deus foi Deus, porque não existiu nenhum momento em que Deus não foi Deus. Ele nunca *não foi*, porque ele é eterno. Deus não é escravo do tempo.

Porém, quando ele veio à Terra, tudo isso mudou. Ele ouviu pela primeira vez uma frase que jamais tinha sido usada no Céu: “Seu tempo acabou.” Quando era criança, ele tinha de deixar o templo, porque o tempo acabava. Como homem, ele teve de deixar Nazaré, porque o tempo acabou. E como Salvador, ele teve de morrer, porque seu tempo tinha acabado. Durante trinta e três anos o alazão dos Céus viveu no curral do tempo.

Isso é notável, de fato; mas há algo *ainda* mais notável.

Quer ver a joia mais brilhante do tesouro que foi a encarnação de Jesus? Talvez tenha sido o fato de ele ter vivido em um corpo. Em certo momento ele era um espírito ilimitado; no instante seguinte, ele se torna carne e ossos. Como nós. Você recorda as palavras do rei Davi? “Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos Céus, lá estás;

se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás. Se eu subir com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita me guiará” (Salmo 139:7-10).

Perguntar “onde está Deus?” é o mesmo que um peixe perguntar “onde está a água?”, ou um pássaro perguntar “onde está o ar?” Deus está em todo lugar! Ele está igualmente presente no Cairo e em Chicago. Ele age na vida dos islandeses do mesmo modo como age na vida dos texanos. O Reino de Deus vai “de mar a mar e desde o rio Eufrates até os confins da Terra” (Salmo 72:8). Não é possível encontrar *um* lugar onde Deus não está.

Perguntar “onde está Deus?” é o mesmo que um peixe perguntar “onde está a água?”

Apesar de tudo, quando Deus adentrou o tempo e se fez homem, ele, que era ilimitado, se tornou limitado. Aprisionado em carne. Dependente da fadiga dos músculos e das pálpebras. Por mais de trinta anos, seu alcance, antes sem fronteira, foi limitado ao comprimento de um braço, e a velocidade imensurável foi reduzida ao passo do caminhar humano.



Tinha sido uma fratura feia, o médico disse.

Errado!, pensou Brian, olhando para o gesso na perna. *Foi uma fratura maldita! A maior... droga!*

Nada de corrida na sexta-feira. Nada de campeonato regional. Nada de campeonato estadual. Brian, o Bom; Brian, o Ligeiro; Brian; o *Corredor* estava fora do resto da temporada! E essa nem era a pior parte.

O que doía mais que tudo — se você não levar em conta a dor do osso que estava se curando — era estar preso em um corpo que não *funcionava* do jeito que ele esperava. Em vez de correr, ele mancava.

Em vez de levantar pulando da mesa, ele tinha de fazer manobras para sair do lugar. E quanto a deslizar suavemente pelos corredores lotados durante os intervalos? Bem, tente *imaginar* isso com muletas. *Por que* os corredores da escola eram tão apertados, afinal? E quanto às escadas? Nem me fale!

— E aí, Brian, como vai, cara?

— Tudo beleza, Zack, tudo beleza — era a resposta que ele quase sempre dava, sem se importar com quem perguntava, nem como ele estava se sentindo.

Afinal, não fazia sentido pegar pesado com os amigos. Eles tinham sido ótimos. Muitos cartões e telefonemas quando ele estava no hospital. E algumas coisas que eles escreveram no gesso — especialmente o poema de Jenny — eram hilários. Agora que ele estava de volta à escola, todos estavam se esforçando — talvez até *demais* — para fingir que nada havia mudado.

Mas alguma coisa tinha mudado, é claro. Eles guardavam lugar para ele no almoço, mas talvez estivessem ficando cansados de tropeçar nas muletas. Os amigos faziam questão de incluí-lo em todos os planos, mas ele podia *sentir* como se eles estivessem sempre esperando que ele os alcançasse. Lisa deu um sorriso perdoando quando ele implicou com ela por pegar os livros que ele tinha derrubado. (E Lisa *não* é do tipo que perdoa!) E ninguém — ninguém mesmo — mencionava as pistas nem falava a palavra *correr*.

A verdade é que Brian estava dando um belo show de autopiedade — até que decidiu dar um basta a toda aquela história de “coitadinho”.

Relaxa, Brian! Você não vai ficar assim para sempre, ele lembrou a si mesmo. *Muita gente está em situação mais difícil. Muito mais difícil!*

Na verdade, tudo aquilo que estava acontecendo era uma grande surpresa para Brian, que geralmente fazia tudo sem a menor dificuldade. Ele ia ter de ficar com o gesso por um ou dois meses, o que podia haver de difícil nisso?! O que ele não esperava era o “dia a

dia” da coisa toda. Que grande fardo — ainda mais pesado que o gesso em si — para um corredor veloz se sentir devagar, tímido e... preso à terra!

Acima de tudo, ele tinha perdido a paciência em se sentir tão “diferente”, deixando os amigos tão... incomodados. O que ele não daria — por um instante apenas — para sentir a poderosa energia fluindo e a flexão obediente dos músculos outra vez. Voar pela pista. Beber o vento. Seguir a música.



Você acredita que Jesus tenha se sentido apertado em seu corpo humano? Tentado a reclamar sua liberdade — nem que tenha sido por um só momento? No meio de uma longa viagem, com os pés doendo, será que ele sequer considerou se transportar até a cidade mais próxima? Quando a chuva gelava até os ossos, será que ele se sentiu tentado a mudar o clima? Quando o calor rachou seus lábios, será que ele pensou em dar um pulo no Caribe para se refrescar?

Se ele chegou a ter tais pensamentos, ao menos nunca cedeu a eles. Nem uma vez. Pare e pense sobre isso. Nem uma única vez Cristo usou seus poderes sobrenaturais em nome do conforto próprio. Com uma só palavra ele poderia ter transformado a terra em uma cama macia, mas ele não fez isso. Com um aceno de mão, ele poderia ter transformado o cuspe em bumerangue para voltar direto no rosto de quem estava cuspidando, mas não fez isso. Levantando apenas uma sobrancelha, ele poderia ter paralisado a mão do soldado que trançava a coroa de espinhos. Mas ele não fez isso.

Nem uma única vez Cristo usou seus poderes sobrenaturais em nome do conforto próprio.

Notável. Mas será a parte *mais* notável da vinda de Jesus? Muita gente diria que não. Muitos, se não a maioria, apontariam para além da entrega das liberdades do tempo e do espaço, escolhendo primeiro a entrega de uma

existência *sem pecados*! É fácil perceber o porquê.

Não é essa a mensagem da coroa de espinhos?

Um soldado desconhecido pega alguns galhos — maduros o suficiente para que tenham espinhos, verdes o bastante para que se dobrem — e os trança em uma coroa de escárnio. Uma coroa de espinhos. Uma coroa de... *consequências*.

Consequências?! Ah, sim. Olhe em qualquer lugar das Escrituras e você verá que o que os espinhos simbolizam não são o pecado em si, mas os *resultados* do pecado. Lembra-se do Éden? Depois que Adão e Eva pecaram, Deus amaldiçoou a Terra: “maldita é a Terra por sua causa(...) Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá de alimentar-se das plantas do campo” (Gênesis 3:17,18). Os arbustos espinhosos na superfície são produto do pecado no coração.

A rebelião contra Deus resulta em espinhos: “No caminho do perverso há espinhos e armadilhas” (Provérbios 22:5). Jesus chegou até a comparar a vida das pessoas ruins com um arbusto espinhoso. Referindo-se aos falsos profetas, ele disse: “Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?” (Mateus 7:16).

O resultado dos pecados são os espinhos, dizem as Escrituras — espinhos afiados, compridos e penetrantes. Na coroa espinhosa que vai sobre o semblante de Jesus, não é possível enxergar um retrato da dor que nossos pecados causam a ele?

Uma coroa de espinhos. Uma coroa de... consequências.

Entre no meio da roseira brava da humanidade e sinta alguns lembretes pontudos. Vergonha. Medo. Desgraça. Desânimo. Preocupação. Será que nosso coração — será que o *seu* coração — ainda não sentiu a picada?

O coração de Jesus, no entanto, nada disso sentiu. Ele nunca sentiu nenhuma dessas coisas. Ele jamais fora cortado pelos espinhos do pecado. O que você e eu encaramos todos os dias ele nunca conheceu. Preocupações? Ele nunca se sentiu nem mesmo ansioso! Jesus nunca conheceu os frutos do pecado... Até ter se *tornado* pecado por nós. Até se tornar um de nós.



Para Brian, a última gota — ou talvez a *primeira*, depende de como você vê — veio quando ele já estava quase saindo da prisão. Mais uma semana, e o gesso sumiria!

Aguente firme, Brian. Aguente firme. Não falta muito agora. Era um bom conselho, ele pensou ironicamente, mas que não ajudava muito nesse momento em particular. Balançando com as muletas, tentando carregar e equilibrar a mochila, livros e equipamento de esportes. Bem em frente a uma dessas grandes, pesadas — bem *fechadas* — portas duplas da quadra.

Certo, tente isto: lanche nos dentes, mochila na mão esquerda. Abra a porta com a mão direita. Espera aí... Que mão vai segurar as muletas...

É claro, ele era o único culpado de tudo. Emma tinha se oferecido para carregar os livros. Josh não se importava de andar junto com ele para abrir as portas. Mas ele estava *cansado* de todo mundo fazer coisas para ele. Como se ele fosse um verdadeiro inválido — e... inútil!

**Brian não conseguia nem
superar as diferenças externas
para enxergar a pessoa interior.**

— Quer uma mãozinha? — o deslizar de pneus de borracha de uma cadeira de rodas brilhante e que servia para corridas soou perto de Brian. Com um movimento ensaiado, o sorridente Mark girou a cadeira de rodas com uma mão, alcançou a maçaneta com a outra e abriu a porta. — Por favor.

E a luz brilhou.

Não era Mark que deixava Brian incomodado. Não era nem mesmo a cadeira de rodas. Era a preocupação de ele dizer ou fazer algo que lembrasse a Mark que ele não conseguia andar ou correr.

(Como se ele não soubesse!) Era o medo de constranger Mark, ou talvez de se constranger. Era medo. Ora, ora... Brian, o Bom estava com medo! Com tanto medo que ele não conseguia nem superar as diferenças externas para enxergar a *pessoa* interior. Outro garoto. Igualzinho a ele.

Se tivesse uma mão livre, teria dado um tapa na própria testa. Naquela situação, ele olhava para Mark como se estivesse vendo-o pela primeira vez — e, de certa maneira, estava mesmo.

— Então? — perguntou Mark, levantando uma sobrancelha. — Não tenho o dia inteiro, sabe? Tenho de correr.

— Uh! Ah, sim. Valeu, cara. Obrigado! — e Brian passou pela porta aberta.

— Ei... Espera aí — ele chamou quando Mark passou rápido por ele, indo embora. A velocidade da cadeira de rodas diminuiu, e Brian foi capengando o mais rápido que podia para alcançar.

— Quer dizer que você corre com essa coisa? — perguntou.

— Um pouco — respondeu Mark — que estava de olho no campeonato para cadeirantes. — Um pouco. De vez em quando. Preciso pensar em uma estratégia melhor, para falar a verdade.

— Ah, é? — Brian amava falar sobre estratégias. — Qual é o problema?



Como deve ter sido, para Jesus, quando ele se tornou um de nós e todas as emoções do pecado tropeçaram nele, como sombras em uma floresta? Ele se sentiu ansioso, culpado e abandonado. Você não consegue ouvir essas coisas na oração que ele fez? “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mateus 27:46). Essas não são palavras de um santo. Esse é o choro de um pecador.

E essa oração é uma das partes mais notáveis da vinda dele. Mas não é a parte *mais* notável, porque consigo pensar em algo ainda melhor. Quer saber o que é? Quer saber qual é a coisa mais legal da vinda de Jesus?

Não é que aquele que jogava bolas de gude com as estrelas tenha desistido

para jogar bolas de gude com bolas de gude. Não é que aquele que pendurava galáxias tenha desistido para pendurar enfeites de porta para clientes mal humorados que querem tudo para ontem, mas que não podem pagar antes de amanhã.

E não é que Jesus, em um segundo, tenha passado de não precisar de nada para precisar de ar, de comida, de uma banheira com água quente e sais para seus pés cansados e, mais do que tudo, precisar de alguém — qualquer pessoa — que esteja mais preocupado com o lugar em que vai passar a eternidade do que com o que vai gastar o salário deste mês.

E não é que ele tenha resistido à vontade de fritar os autoproclamados e baratos monitores da santidade, que ousaram sugerir que ele estava realizando a obra do diabo.

Não é que ele tenha mantido a calma quando seus doze melhores amigos no mundo sentiram o calor aumentar e saíram de perto. Ou por ele não ter dado as ordens aos anjos que imploravam: “Só precisa acenar, Senhor. Só uma palavra e esses demônios sumirão!”

E não é que ele tenha se recusado a se defender quando foi culpado por todos os pecados de todas as almas que passaram desde Adão. Nem que ele tenha ficado em silêncio quando um milhão de vereditos acusando-o de culpado ecoaram nos aposentos do Céu, e o portador da luz foi deixado na frieza da noite de um pecador.

... com um sorriso, com muita elegância e uma pergunta para o pequeno Lúcifer —

Nem mesmo que depois de três dias em um buraco escuro, ele tenha se levantado com o nascer do sol da Páscoa com um sorriso, com muita elegância e uma pergunta para o pequeno Lúcifer — “Esse é seu melhor golpe?”

Tudo isso foi legal, incrivelmente legal. Mas quer saber a coisa mais legal sobre aquele que abandonou a coroa do Céu para usar uma coroa de espinhos?

Ele fez isso por você.

Só por você.

4.

O melhor “esconderijo” de todos os tempos

“Eu perdoo você”

(A promessa de Deus nos cravos)

Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz.

Colossenses 2:13,14

A justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.

Romanos 3:22-24

Os “olhares” começaram em uma terça-feira. Molly reparou, mas não deu muita bola no dia. Muita coisa passava por sua cabeça. Um trabalho de história — que ela não estava nem *perto* de terminar — estava marcado para sexta-feira. Ela não tinha conseguido pensar em uma ideia para um projeto no grupo de jovens da igreja. E não tinha a *menor* ideia de como iria convencer sua mãe de que ir comprar o presente para o aniversário da Kim era mais importante do que a aula de piano daquela semana! Por outro lado, mamãe era uma *grande* fã de Kim — então, talvez ela entenda que *mico* horroroso seria deixar de lado o aniversário de Kim.

Molly e Kim eram melhores amigas fazia anos. Elas se conheceram no jardim de infância — logo depois de Molly e sua mãe terem, de repente, feito as malas e mudado para essa nova cidade. A cabeça de Molly ainda girava com a velocidade da mudança quando ela espiou pela porta de sua nova sala de aula. Ela não conhecia ninguém! Então, uma pequena garotinha de pele dourada olhou para ela e sorriu. Olhos azuis redondos encontravam olhos castanhos puxados, e foi amor à primeira vista! Desde então Molly Craig e Kim Nakamura se tornaram inseparáveis.

Se você visse os cachinhos cor de caramelo da Molly em algum lugar, poderia ter certeza de ver logo em seguida a cascata de cabelos negros e brilhantes da Kim. O que uma tentava, a outra tinha de fazer também — com diferentes graus de sucesso, o que sempre garantia boas risadas.

Aulas de natação? Kim caía na água como um peixe; Molly parecia mais uma “pata”. *Ambas* quase se afogaram de tanto rir.

Uma experiência na cozinha? Os bombons da Molly eram divinos;

Kim não conseguia nem fazer gelatina.

— São dois *copos* de água, Kim, não dois litros!

— Bem... Se você *insiste* em ler as instruções! — risadas e mais risadas.

Coral da igreja? Molly compensava com entusiasmo tudo o que lhe faltava em afinamento. Por isso, Kim tinha de cantar um pouco mais alto para disfarçar os “escorregões” da amiga — o que a fazia rolar de rir.

Molly e Kim. Kim e Molly. Elas iam para todo canto — e faziam tudo — juntas. E rindo durante todo o tempo.

— Risadas S/A — era como a mãe de Molly chamava as duas.

— Dupla Dinâmica — chamavam os amigos.

— O Leste encontra o Oeste, e... Sai da frente! — era o comentário da Sra. Nakamura sobre a amizade das duas.

Molly e Kim. Kim e Molly. Como farinha do mesmo saco. Dois lados da mesma moeda. Melhores amigas. E por isso o que aconteceu doeu tanto. Cortou como uma faca. Perfurou como um cravo...

Ocupada como sempre, só na sexta-feira Molly reparou com toda certeza os olhares. Como ela pôde não ter visto?! Na aula, no almoço, no campo de futebol... Toda vez que ela olhava, percebia um par de olhos olhando para *ela*. Crianças que ela conhecia. Crianças que ela não conhecia. Crianças que ela nunca tinha visto na vida. E *que* olhares! Dó. Curiosidade. Felicidade disfarçada.

Mas o pior é que quando não estavam olhando para ela — ou desviando o olhar quando ela pegava as pessoas olhando — é que todos pareciam estar falando *sobre* ela. E ela não conseguia nem começar a contar a quantidade de vezes que uma conversa foi interrompida quando ela se juntava a um grupo de amigos.

Era mortificador! Todo mundo — todo mundo — parecia saber algum segredo enorme sobre *ela*.

Mas eu não tenho nenhum segredo!, pensou. *Pelo menos nada que mereça todo esse rebuliço. A não ser que... Ah, não!*

Na verdade, Molly *tinha* um segredo. Bom, não exatamente um segredo *dela*, e ela nem conhecia esse segredo por tanto tempo assim. Mas Molly tinha prometido para a mãe que não ia contar para ninguém. E ela não tinha. Exceto... tudo bem, o segredo *meio que* escorregou quando ela estava falando com a —

Mas a Kim jamais —

Será que ela...?!



Todos nós temos segredos na vida que preferimos não contar para outras pessoas. Coisas ou situações que nos deixam embaraçados ou envergonhados. Pense, não seria horrível se alguém escrevesse todas essas coisas — e distribuísse para todo mundo?!

Pense sobre isso por um instante: uma lista de fraquezas, erros e segredos. Não é exatamente “engraçado”, é? Eu sei que eu não gostaria de ver minha lista rodando por aí! Você gostaria que alguém visse a sua? Você gostaria de tornar sua lista pública? Como você se sentiria se essa lista fosse pendurada tão alto que todo mundo, incluindo Cristo em pessoa, pudesse ler?

Posso transportar você para o momento em que isso aconteceu de verdade? Sim, há uma lista com os seus erros. Cristo já compilou as suas falhas. Ele conhece cada engano e cada segredo. E, sim, essa lista foi aberta ao público. Mas você nunca a viu. Nem eu. Nem ninguém.

Venha comigo para o monte do Calvário, e eu irei contar o porquê.

Veja como os soldados arremessam o carpinteiro ao chão, e como esticam seus braços ao longo do tronco da cruz. Um dos soldados pressiona o joelho contra um antebraço, e um cravo contra a palma de uma mão. Jesus vira o rosto em direção ao cravo no exato instante em que o soldado ergue o martelo para dar o primeiro golpe.

Jesus não poderia tê-lo impedido? Com uma flexão do bíceps, fechando o punho, ele poderia ter resistido. Não era essa a mesma mão que acalmou o mar? Que purificou o templo? Que ressuscitou os mortos?

Mas o punho não se fecha... e a história segue inalterada.

Soa o martelo, rasga-se a pele e o sangue começa a pingar, depois a correr. Então, segue a pergunta. Por quê? Por que Jesus não resistiu?

“Porque ele nos amava”, nós respondemos. Isso é verdade, uma verdade maravilhosa, mas — perdão — apenas parcialmente verdade. Há o que se acrescentar a esse motivo. Ele viu algo que o fez ficar paralisado. Quando o soldado ajoelhou sobre o braço, Jesus rolou a cabeça para o lado e, com a bochecha descansando sobre a madeira, ele viu:

Um martelo? Sim.

Um cravo? Sim.

A mão do soldado? Sim.

Mas ele viu algo mais. Ele viu a mão de Deus. Ela parecia ser a mão de um homem. Dedos longos de um carpinteiro. A mão calejada de um carpinteiro. Parecia ser bastante comum aquela mão. Não poderia estar mais distante disso.

Aqueles dedos criaram Adão a partir do barro, e escavou a verdade em tábuas.

Com um gesto, aquela mão derrubou a torre de Babel e dividiu o Mar Vermelho.

Daquela mão voaram os gafanhotos que assolaram o Egito e o corvo que alimentou Elias.

A mão de Deus é uma poderosa mão. É mão amorosa. E está prestes a sentir um cravo a perfurar.

Oh, as mãos de Jesus. Mãos de encarnação, em seu nascimento. Mãos de libertação, quando ele curava. Mãos de inspiração, quando ensinavam. Mãos de dedicação, que sempre serviam. Mãos de salvação, quando ele morreu. E mãos de amor, quando ele perdoou.



— Como você pôde, Kim? Como você pôde?! Você prometeu que não contaria para ninguém! — com os olhos azuis faiscando, Molly encarou a amiga. (Quer dizer, *ex-amiga!*)

Os olhos escuros de Kim se inundaram com lágrimas. — Oh, Molly, me desculpe! De verdade... Eu não tive a intenção. Eu nem pensei em falar, mas... *escapou*.

— Mas como uma coisa dessas pode simplesmente escorregar?! — esbravejou Molly, esquecendo quase que por conveniência quem havia sido a *primeira* a deixar o segredo escapar.

— Eu sei, eu sei. Foi burrice. — Kim concordou. Ela se sentia terrível por todo mundo estar fazendo uma tempestade daquilo tudo.

— Estávamos falando sobre hereditariedade na aula — como as coisas parecem ser passadas dentro das famílias — Kim tentou explicar.

— E eu disse que isso nem sempre era verdadeiro. Disse que você era a pessoa mais honesta que eu conhecia, mesmo sabendo que você tem um tio que foi preso por desv...

— Aula...?! Você falou tudo isso na *aula*?! — Molly mal conseguia dizer as palavras. Não era de admirar que toda a escola estivesse comentando!

— Eu nunca vou perdoar você por isso, Kim. *Nunca!*



Trancada no quarto, Molly passou o fim de semana abatida e irritada. *Pelo menos não tenho de olhar para ninguém por alguns dias*, pensou. Mas a segunda-feira chegaria, e com ela viriam mais olhares. E era tudo culpa da Kim. *Que bela amiga ela é!*

Na verdade, quanto mais ela pensava sobre tudo aquilo, mais brava ela ficava. E tanto mais coisas ela descobria sobre a “amiga” que a incomodavam! O jeito como Kim *nunca* chegava na hora. Todas aquelas idas ao museu, mesmo *sabendo* que Molly não dava a mínima para arte. A recusa insistente para ler qualquer instrução. (“Ah, vamos tentar e ver no que dá”.) O jeito bastante irritante com que cada fio daquele cabelo preto, comprido e sedoso estava sempre perfeitamente no lugar. Além de, é claro, o jeito que ela quebrou a promessa de não contar!

Quando chegou a noite de domingo, a lista de defeitos da Kim já estava bem grande. É claro, se você fosse ser justo com aquela coisa toda — algo que Molly *não* estava animada para fazer — você chegaria a uma lista de defeitos da Molly igualmente impressionante.

Afinal, não haveria um segredo para ser escondido, em primeiro lugar, se Molly não estivesse olhando — tudo bem, bisbilhotando — a mesa da mãe. E também se ela não tivesse aberto a carta... Se não tivesse *lido*. Além disso, ela mesma tinha feito uma promessa, para sua mãe, de não contar a ninguém.

— Assuntos de família, Molly — disse a mãe quando Molly por fim perguntou sobre a carta — e sobre o tio de quem ela mal se lembrava, dos tempos de infância.

— Nada que ninguém precise ficar sabendo.

— Ter um irmão na prisão não é algo que me deixa orgulhosa. Eu *odiava* como as pessoas falavam sobre isso... Odiava os olhares que eu recebia. É por isso que nos mudamos para esta cidade quando você tinha apenas cinco anos. Para que *você* não precisasse conviver com aqueles mesmos olhares — a mãe fez uma pausa.

— E *o que* você estava fazendo na minha mesa, mesmo?! — e assim começou outra conversa bastante desagradável.

Mas não tão desagradável para Molly quanto a semana seguinte na escola. Foi exatamente tão detestável quanto ela imaginou que ia ser. Mas o que deixava tudo pior, é claro, era ter de encarar tudo sozinha.

Dessa vez, não havia nenhuma melhor amiga do lado para dizer: “Não dê importância...”; não havia nenhum apertar de mãos que pudesse consolar, nenhum sorriso de “E daí?” para animar um pouco. Porque Molly *não* estava falando com Kim! Nem uma só palavra. Nenhuma. Nunca mais. Por mais esperançoso que fosse o sorriso de Kim... Ou por mais machucada que ela parecesse toda vez que Molly se virasse e começasse a andar. O que fazia com que todos na escola tivessem *outro* motivo para comentar. (*Molly e Kim não estão se falando?!*)

A semana pareceu se arrastar. Molly mantinha o queixo erguido e tentava ignorar os assovios e olhares curiosos. E Kim? Bem, Kim parecia “murchar” um pouco mais a cada dia.

Bem feito para ela, pensou Molly. O que ela fez é imperdoável!

Mas, por algum motivo, o olhar triste e perdido no rosto de Kim não parecia fazer Molly se sentir nem um pouco melhor.



A multidão reunida em torno da cruz pensava que o propósito daquela martelada — o propósito dos cravos — era fixar as mãos de Cristo à madeira. Mas elas estavam apenas meio certas. Elas não conseguiam enxergar. Mas Jesus conseguia. E o Céu conseguia. E nós também podemos — se soubermos para onde olhar e o que procurar. Pelos olhos das Escrituras, conseguimos enxergar o que ninguém viu, apenas Jesus: “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz” (Colossenses 2:14, Almeida Revisada e Corrigida Fiel).

Entre a mão de Jesus e a madeira da cruz havia uma lista. Uma longa lista. Uma lista de nossos erros: da raiva e da mentira, dos pensamentos de desprezo e momentos de cobiça, e de horas desperdiçadas. Uma lista de nossos pecados.

Pendurada na cruz está uma lista repleta de itens catalogando seus pecados. As escolhas erradas do ano passado. As atitudes negativas da semana passada. Ali, em plena luz do dia para todos os habitantes do Céu conferirem, há uma lista dos seus erros. E dos meus.

Esses erros estão encobertos. Os pecados são escondidos. Os do topo da lista estão escondidos pela mão divina; os da parte de baixo estão cobertos pelo sangue. Seus pecados são “encobertos” por Jesus. “[Ele] cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz” (Colossenses 2:14).

É por isso que ele se recusou a fechar o punho. Ele enxergou a lista! O que fez com que ele não criasse resistência? Essa garantia, esse inventário de nossos fracassos. Ele sabia que o preço daqueles pecados era a morte. Ele sabia que a fonte desses pecados era você, e como ele não conseguia suportar a ideia da eternidade sem você, ele escolheu os cravos. Ele escolheu perdoar.



mãe de Molly sabia que alguma coisa estava errada. Mas ela também gostava de dar espaço para que Molly tentasse resolver seus

A problemas sozinha. *Mas já é o bastante!* Na noite da quinta-feira — depois de dizer para Kim pela décima vez na semana que Molly estava “muito ocupada” para atender o telefone — ela marchou escada acima até o quarto de Molly.

— E aí, Moll? O que está acontecendo com você e a Kim?

— Acontecendo? Nada... Ah, mamãe, está tudo errado! Eu não sei o que fazer... — e assim toda a história começou a jorrar. Acompanhada de mais do que poucas lágrimas.

— Certo — disse a mãe, com um suspiro — Certo! Para começar, não é o fim do mundo, apesar de eu já ter achado isso um dia, também. Mas eu aprendi que não podemos impedir as pessoas de falarem sobre nós, se assim elas estiverem decididas a fazer. As crianças da sua escola logo arranjarão outra coisa para fofocar. No mês que vem, isso tudo já será passado.

— Mas é tão... vergonhoso!

— Sim — a mãe concordou, entregando mais um lenço para Molly. — É verdade. Confie em mim, eu sei o que é isso. Mas não é isso que está incomodando você *de verdade*, é?

Molly limpou as lágrimas mais uma vez.

— Você está certa — respondeu com um suspiro. — É sobre mim e a Kim. Ela está arrasada. Eu estou arrasada. E eu não sei o que f-f-fazer!

A Sra. Craig sorriu, depois deu um abraço na filha.

— Bem, você *poderia* perdoá-la.

— Perdoar?! — veio a resposta indignada. — Mas ela contou... e tinha prometido que nunca contaria!

— Mais ou menos como *você* fez?

— Mas isso foi dife... — Molly abortou o pensamento — Oh!...

Se as coisas não fossem tão sérias naquela ocasião, a mãe de Molly teria dado risada da cara da filha. Em vez disso, ela disse, devagar:

— Sabe, outra pessoa já perdoou *muitas* pessoas por *muito* mais do que só um escorregão da língua. E *ainda* ensinou a todos nós como

fazer isso. Ou será que você não anda prestando atenção na escola dominical?

Os olhos azuis de Molly começaram a brilhar, então ela pulou da cama e voou para o andar de baixo atrás do telefone. Ela estava prestes a discar o número de Kim quando um pensamento *desconcertante* passou à mente.

— Mas e se ela não *me* perdoar? — Molly berrou na direção do topo da escadaria.

— Eu não me preocuparia com isso. O perdão pode ser *bastante* contagioso! — a mãe respondeu.



Quando olhar para a cruz — quando seus olhos demorarem nas mãos feridas e nos cravos cruéis — lembre-se disto:

- A mão que segurou o cabo não era de um oficial romano.
- A força por trás do martelo não era a da multidão irada.
- O veredito por trás da morte não foi decidido por judeus invejosos.
- Jesus em pessoa escolheu os cravos.

Assim, as mãos de Jesus permaneceram abertas. Se o soldado tivesse hesitado, Jesus teria, ele mesmo, batido o martelo. Afinal, ele sabia fazer isso, já que não era ignorante quando o assunto eram cravos. Como carpinteiro, ele sabia o que era necessário. Como Salvador, ele conhecia o significado de tudo aquilo. Ele sabia que o propósito verdadeiro do cravo era colocar nossos pecados onde eles pudessem ficar escondidos pelo sacrifício divino e cobertos com o sangue. E que fossem perdoados.

- Jesus em pessoa bateu o martelo.
- A mesma mão que acalma o mar aplaca sua culpa.
- A mesma mão que purificou o templo purifica seu coração.
- Aquela mão é a mão de Deus.
- O cravo é o cravo de Deus.

Enquanto as mãos de Jesus se abriram para os cravos, as portas do Céu se abriam para você. Porque você foi perdoado.

**... as portas do Céu se abriam
para você.**

5.

Às vezes, um grito...

às vezes, um sussurro

“Falarei com você em sua própria linguagem”

(A promessa de Deus por meio dos sinais)

Pilatos mandou preparar uma placa e pregá-la na cruz, com a seguinte

inscrição: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.

João 19:19

Consequentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida

mediante a palavra de Cristo.

Romanos 10:17

A sua mãe já entrou como um foguete dentro da bagunça que você chama de quarto — e deixou você assustado por mostrar quanta importância ela dava para aquilo? Apesar de ela *ter* falado sobre o assunto uma ou duas — ou dez — vezes? Apesar de rolar os olhos para trás sempre que espiava pela porta? Mesmo depois de ela ter colocado um aviso de “CONDENADO” na sua porta?

Você não viu os sinais.

Pode ter acontecido de você ter sido atingido na cabeça andando de skate, quando uma das rodinhas saiu voando no meio de uma manobra radical. Você lembra, aquela rodinha que já vinha chiando e tremendo fazia semanas...

Você não viu os sinais.

Algumas vezes, todos nós deixamos de ver os sinais. O futuro de nosso destino depende da consciência que temos das coisas. Deus sabe que, às vezes, não notamos os sinais. Talvez seja por isso que ele sempre dá sinais em profusão. O arco-íris depois do dilúvio significa o pacto com Deus. Uma estrela única sobre Belém anunciava o nascimento do filho de Deus, e todas as estrelas juntas representam o tamanho da família divina. A comunhão é um sinal da morte dele, e o batismo é o sinal que representa o nascimento espiritual. Cada um desses sinais é usado para simbolizar uma verdade espiritual maior.

Mas o sinal mais tocante — o mais *representativo* — é um que talvez você nunca tenha imaginado: o sinal da cruz. Algumas palavras rápidas escavadas em um pedaço de madeira. Tão comum. Tão ordinário. Tão fácil de ser ignorado, como acontece com tantas pessoas...



Era muito fácil não reparar em David. Ele era mestre nessa arte. Quando você é sempre mais baixo, mais magro e mais quieto — para resumir, *menor* — que todas as pessoas da sua idade, “ser discreto” não é só um conselho. Geralmente é uma regra! E era

também, até onde David sabia, uma ideia *muito* boa.

A verdade era que David era tímido. Muito, muito tímido. Comparado a David, um rato era valente como um leão. Comparado a David, um pardal era tão elegante quanto um pavão. Comparado a David...

Não que alguém *costumasse* comparar alguma coisa com David. Para poder comparar, antes é preciso reparar as coisas. Quando David chegou à oitava série do Ensino Fundamental, sua rotina de Homem Invisível já estava quase atingindo a perfeição. Mas para ele estava bom. Algo do tipo. Quase sempre.

Claro, nem todo mundo passava batido. Emma Johnson sempre tinha um sorriso e um amigável “Oi, David!” para ele. David sempre ficava vermelho.

Zack Porter também tinha sido bem legal quando esbarrou em David no corredor lotado pouco antes de o terceiro sinal soar.

— Desculpa, cara. Não vi você. Tudo bem? — perguntou, abaixando para salvar o óculos de David das pernas, ajudando até a pegar todos os dez (!) livros. — Nossa, você deve gostar mesmo de ler.

— Ahn... é... eu gosto — resmungou David, fazendo um mínimo de esforço.

Mas David não só gostava de ler... ele *amava* ler. Na verdade, David não lia... ele *devorava* livros. Mergulhava de cara. Se cobria com as capas dos livros. Pode-se dizer que David vivia sua vida nos livros. Nos livros, ele não era o tímido, quieto e pequenino David — que nunca tinha a menor ideia sobre o que dizer ou fazer quando estava perto de algum colega de sala maior, mais rápido e *mais barulhento*. Nos livros, David vagava pelas galáxias, lutava contra dragões, escalava montanhas, salvava o dia e sempre — sempre — dizia exatamente a coisa certa. Nos livros, David era um herói!

É claro, ele não era nem sombra de tudo aquilo na vida real. À primeira vista, você poderia imaginar saber tudo o que há para saber

sobre David. David em pessoa seria o último a se imaginar herói na “vida real”. Mas isso estava prestes a mudar...



O aviso da cruz parece ser de simples compreensão — ao primeiro olhar. Você conhece a história:

Pilatos mandou preparar uma placa e pregá-la na cruz, com a seguinte inscrição: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Muitos dos judeus leram a placa, pois o lugar em que Jesus foi crucificado ficava próximo da cidade, e a placa estava escrita em aramaico, latim e grego. Os chefes dos sacerdotes judeus protestaram junto a Pilatos: “Não escrevas ‘O Rei dos Judeus’, mas sim que esse homem se dizia rei dos judeus.”

Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi.”

(João 19:19-22)

Sim, coisa simples. Um aviso feito à mão encomendado pelos romanos, em três línguas. E depois quase um pensamento tardio de Pilatos. E *isso* foi tudo. Mas são os *porquês* que guardam as pistas: Para começar, por que um aviso foi colocado sobre a cabeça de Jesus? Por que aquilo que estava escrito incomodava os judeus, e por que Pilatos se recusou a mudar o texto? Por que aquelas palavras estão escritas em três línguas, e por que esse aviso é mencionado nos quatro Evangelhos?

... o sinal revela duas verdades
sobre a vontade de Deus de
alcançar o mundo.

Por quê?

Poderia ser esse pedaço de madeira um retrato da devoção de Deus? Um símbolo da paixão divina por contar ao mundo sobre seu Filho? Um lembrete de que Deus fará de tudo para proclamar a mensagem daquele aviso? Aqui, sugiro que o sinal revela duas verdades sobre a vontade de Deus de alcançar o mundo.

Eis a primeira:

Não há pessoa que ele não use.

Por favor, note que o aviso sobre a cruz rende frutos imediatamente. Você consegue se lembrar das palavras ditas pelo criminoso que estava pregado ao lado de Jesus? Momentos antes da própria morte, se afogando em dor, ele se vira e diz: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino” (Lucas 23:42).

Que escolha de palavras interessante. Ele não suplica: “Salveme.” Ele não implora: “Tenha piedade de minha alma.” Ele fala como um servo a um rei. Por quê? Por que ele faz referência ao Reino de Jesus? Talvez porque ele tenha ouvido Jesus falar. Talvez ele estivesse familiarizado com as palavras de Jesus sobre o Reino dos Céus. Ou, talvez — e talvez, apenas — ele tenha lido o aviso: “Jesus de Nazaré, rei dos judeus.”

O ladrão sabe que está verdadeiramente em apuros. Ele vira a cabeça de lado e lê uma proclamação real, e pede pela ajuda do rei. Pode ter sido simples assim. Se isso for verdade, esse sinal terá sido a primeira ferramenta usada para proclamar a mensagem da cruz! E, por causa do sinal, uma alma foi salva. Tudo porque alguém colocou um aviso em uma cruz.

Não sei se os anjos fazem entrevistas de admissão no Céu. Mas, se fazem, esta entrevista aqui seria muito engraçada de presenciar. Imagine o ladrão chegando ao Centro de Recrutamento Portões de Pérola.

ANJO:	<i>Sente-se. Agora, conte-me, Sr... uh... Ladrão, de que modo você acabou sendo salvo?</i>
LADRÃO:	<i>Acabei de pedir a Jesus que se lembre de mim em seu Reino. Mas não esperava que acontecesse assim, tão rapidamente.</i>
ANJO:	<i>Entendo. E como exatamente você ficou sabendo que ele era um rei?</i>
LADRÃO:	<i>Havia um aviso em cima de sua cabeça: “Jesus de Nazaré, rei dos judeus.” Eu acreditei no sinal — e aqui estou eu!</i>
ANJO:	<i>(Fazendo anotações) Acreditou... no... sinal.</i>
LADRÃO:	<i>Isso mesmo. E o aviso foi colocado lá por um cara chamado João.</i>
ANJO:	<i>Acho que não.</i>
LADRÃO:	<i>Hmmm... Talvez tenha sido o outro seguidor, Pedro.</i>
ANJO:	<i>Não, não foi Pedro.</i>
LADRÃO:	<i>Então, que apóstolo fez aquilo?</i>
ANJO:	<i>Bom, se você quer mesmo saber, o aviso foi ideia de Pilatos.</i>
LADRÃO:	<i>Não brinca! Pilatos, é?</i>
ANJO:	<i>Não se espante. Deus usou um arbusto para chamar Moisés e um burro</i>

para convencer um profeta. Para conquistar a atenção de Jonas, Deus usou um peixe bem grande. Não há nada nem ninguém que ele não use. Bom, isso é tudo. (Carimba o papel.) Leve isto até o próximo guichê. (O ladrão começa a sair.) É só seguir os sinais.

Pilatos não tinha a intenção de espalhar o evangelho. Na verdade, o que o sinal dizia, até onde *ele* conseguia perceber, era: “Isto é o que acontece com um rei judeu; é isto o que os romanos fazem com ele. O rei desta nação é um escravo; um criminoso crucificado; e se este é o rei, o que será da nação de quem ele é o rei?”¹ Pilatos pretendia que o aviso zombasse dos judeus e os ameaçasse. Mas Deus tinha outro propósito... Pilatos foi o instrumento que Deus usou para espalhar o evangelho. Mesmo sem saber, ele foi um *ghostwriter* do Céu. Ele recebeu o ditado de Deus e o escreveu em um aviso. E aquele aviso mudou o destino de um leitor.

Acontece, sabe?



David não fazia ideia que o Sr. Hamilton (e não *Deus*!) tinha uma surpresa especial planejada para ele, que revelou depois de dispensar a aula de inglês naquela quinta-feira.

— Espere um instante, David — chamou o Sr. Hamilton. — Preciso de ajuda em um projeto que é bem a sua cara.

— *Minha cara?! —* David não tinha certeza nem mesmo se *tinha* uma cara.

— Sim — veio a resposta animada. (O Sr. Hamilton era uma das poucas pessoas que não só reparavam em David, como também enxergavam *o quanto* ele tinha para oferecer.)

— Você tem uma imaginação fantástica, David, e um verdadeiro talento para as palavras. E não conheço ninguém que dê mais valor ao poder dos livros que você. O que acha de compartilhar esses dons?

Compartilhar? O que... Com quem...?! David não fazia a menor ideia sobre o que o Sr. Hamilton estava falando.

— É o seguinte, David. Existem algumas pessoas interessadas em fundar um programa de Leitura Monitorada para crianças mais novas

que precisam de uma mãozinha. Crianças que têm muita esperança na vida.

— Você sabia que existem crianças na terceira e na quarta série que mal conseguem ler?! Cada palavra — cada dia na escola — é uma luta. E a cada dia que passa, elas ficam um pouco mais para trás. Imagine como deve ser.

Por melhor que fosse sua imaginação, David mal conseguia dar cores a uma cena daquelas. Ir para a aula todos os dias e abrir um livro que não faz o menor sentido? Lutar com *todas* as palavras? Não ter a menor ideia sobre o que está *escrito* na página 38 — que dirá fazer um relatório sobre ela!

Ora, seria impossível progredir. Ou mesmo acompanhar. É mais provável que acabe... desistindo! David tinha de admitir: aquela possibilidade era horrível. Mas ele não conseguia perceber o que tudo aquilo tinha a ver com ele.

O Sr. Hamilton, por outro lado, conseguia:

— Esta é a nossa ideia... E se as crianças grandes ajudassem as menores a trabalhar a leitura? (*Grandes?* Os olhos de David brilharam.)

— Adolescentes em quem poderiam se espelhar. — David quase sorriu. — Alguém que desse incentivo, alguém que conhecesse a *magia* das palavras. Alguém como... você.



Dois meses depois, David ainda não tinha muita certeza de como ele acabou — toda quarta-feira, depois da escola — sentado em seu quarto ao lado de Jason, na frente de um livro. Ele tinha bastante certeza de que não havia dito exatamente “sim” para o Sr. Hamilton. Por outro lado, um “não” quase sussurrado é muito fácil de ignorar.

Na verdade, não era tão ruim — apesar de as primeiras vezes terem sido bem embaraçosas. Para começar, a “criança pequena” que ele ia

monitorar não era assim tão pequena. Jason tinha nove anos e quase cinco centímetros a mais de altura que David. Além disso, nossa, uma senhora língua! Jason tinha opinião para tudo! Mas ele não estava assim tão animado de estar fazendo aquilo.

— E onde é que aprender a ler vai me levar?

David tinha uma resposta para essa pergunta:

— Depende de onde você quer chegar.

— O que significa isso — “onde eu quero chegar”? — Jason atirou de volta.

— Bem — disse David —, você já esteve em Marte?

— Marte?! — riu Jason. — Cara, eu nunca nem saí do meu bairro!

— Um livro pode levá-lo até lá. — David fez questão de garantir.

— Ou talvez para o topo do monte Everest. Ou até o fundo do mar.

— Ah, é...? — Jason pareceu interessado.

— Em um piscar de olhos — disse David, sorrindo. — Mas, claro, *antes*, você precisa aprender a ler.

Jason pensou um pouco. Então, perguntou:

— E onde é que aprender a ler
vai me levar?

— E hóquei?

— Hóquei? — David não esperava que ele fosse fã de esportes.

— É! Existe livro sobre hóquei? Algo com Wayne Gretzky no meio? Cara, ele é o melhor!

— Uh... — respondeu David. — Tenho certeza que sim. É provável que sim. Talvez semana que vem — prometeu.

Dito e feito, lá estava o livro sobre hóquei com Gretzky no meio. Era um grande sucesso. Meio que atraiu Jason para o lado *divertido* de ler. E assim continuou. Toda vez que Jason desanimava — e isso

acontecía — David descobria um novo jeito (e as palavras certas) para manter Jason indo em frente. Não que fosse fácil. Mas David sabia que ele tinha algo de que Jason precisava e, como ele só precisava conversar... *Certo, vou conversar!*

O melhor foi quando David perguntou:

— Se você pudesse ser o que quisesse, qualquer coisa no mundo, o que você seria?

Jason deu de ombros. Depois, respondeu, rindo:

— Como um astronauta, ou um... um médico?! Cara, você deve estar louco! Eu nunca conseguiria essas coisas.

— Por que não? — perguntou David, sério. — Quem — além de você mesmo — diz que você não pode?

Jason ainda estava rindo.

— De onde eu tiraria o dinheiro para uma coisa dessas? E é preciso ser inteligente de verdade... — ele balançou a cabeça. — Muitos obstáculos (uma palavra nova que ele havia acabado de aprender).

— Bem — disse David — o que é que o Wayne Gretzky faz quando alguma coisa bloqueia o caminho *dele*?

Jason olhou por bastante tempo para David. Então, pareceu que ele olhou *através* de David, com uma expressão muito estranha no olhar. Como se uma porta se abrisse sem que ele soubesse que ela estava lá — e ele visse algo maravilhoso.

Então, Jason começou a sorrir e agarrou o livro com que vinha se debatendo.

— O que estamos esperando? Temos muito trabalho pela frente...



O poder das palavras. Um ladrão chega a Cristo por meio de Pilatos, que rejeitava a Cristo. Um garoto com muita atitude e nenhum futuro tem a vida transformada por um garoto tímido que jamais sonhara que tinha *tanto* para dizer. Acontece, sabe?

Não há pessoa que Deus não use. Lembra? Essa é a primeira verdade revelada pelo aviso da cruz. Eis a segunda verdade:

Não há língua que Deus não fale.

Todos os que passavam por ali conseguiam ler o sinal pendurado na cruz, porque todo mundo sabia ler em hebraico (a língua judaica), em latim ou em grego — as três grandes línguas do mundo antigo. “O hebraico era a língua de Israel, a língua da religião; o latim era a língua dos romanos, a língua da lei e do governo; e o grego era a língua da Grécia, a língua da cultura. Cristo foi declarado rei em todas elas”.² Deus tinha uma mensagem em cada uma das línguas: “Cristo é rei.” A mensagem era a mesma, mas as línguas eram diferentes. Como Jesus era rei de todas as pessoas, a mensagem tinha de acompanhar a língua de todo mundo.

Não há língua que Deus não fale. O que nos leva a uma deliciosa pergunta: em que língua ele fala com *você*? Que pistas ele esconde no drama cotidiano da *sua* vida? Porque Deus fala, e *você* sabe. Ele fala conosco sempre na língua que entendemos. E nem sempre ele faz isso com palavras.

Há ocasiões em que ele fala por meio da língua do “muito”. Sua barriga está cheia? *Você* tem roupas bacanas para usar? Seu bolso faz aquele barulho metálico? Tudo isso é muito bom, não é? Mas cuidado, não tenha tanto orgulho do que *você* possui, ou talvez *você* confunda o *resto* da mensagem. Será que *você* tem muito para que *você* possa dar bastante? “E Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, *vocês* transbordem em toda boa obra” (2 Coríntios 9:8).

Deus fala com *você* por meio da língua do “muito”? É bem legal, não é? Mas, sabe, às vezes, Deus tem algo para nos dizer de *outros* modos. Às vezes *não* temos tudo de que precisamos — ou que pensamos precisar. Às vezes batemos de frente com um desafio enorme (que é outro nome para “oportunidade”). E vez por outra estamos em situações que nos trazem um desconforto enorme. Sem que ao menos tenhamos ideia de como acabamos assim. Sem saber o porquê. Sem conhecer o objetivo.

Mas Deus conhece. E opera em nossa vida — com amor cuidadoso — todos os dias. Tudo que temos de fazer é prestar atenção.



David estava sentado, sorrindo por dentro, sem sequer ouvir a barulhenta discussão que acontecia bem ao seu redor. Ele ainda conseguia ver o orgulho nos olhos de Jason, ontem, quando ele mostrou o resultado de um teste. Um B bem grande e gordo! (Jason nunca tinha tirado uma nota *dessa* antes.) Incrível! O brilho no olhar do garoto fez David sentir como se tivesse dez metros de altura. Bem... Quase isso.

Emma interrompeu, e David começou a prestar atenção.

— Vamos, galera — ela disse — podemos fazer melhor. Ninguém tem nenhuma ideia *daquelas* para este projeto?

David não tinha a menor ideia de como tinha ido parar no meio daquela situação.

— Uh... — disse.

Tudo parou. Todas as cabeças se viraram juntas. *David? David tinha alguma coisa para dizer?!*

David quase se sentou de volta na cadeira. *Não! Não desta vez. Isso é importante demais. Precisamos de mais voluntários!*

— Uh... — David limpou a garganta. — Eu tenho uma ideia — a voz dele tremeu um pouco.

— Uma ideia... — ele limpou a garganta novamente. — Vou falar sobre o Jason...

Era possível ouvir uma torneira pingar quando David — o tímido e quieto David — contou sua história. Então, todos começaram a falar juntos. Eles tinham amado! E estavam todos sorrindo... para *ele*.

— É uma ideia *brilhante*, David — elogiou Emma, enquanto todos que estavam na sala procuravam seus próprios “Jasons”.

— Uau — apareceu um Zack, bastante impressionado. — Quem imaginaria?!



Assim como ele fez com o aviso da cruz, Deus fala a cada um de nós na linguagem que precisamos para compreender.

Para David, foram os livros em que ele se escondia que Deus usou para lançá-lo no mundo real. E para mostrar para o garoto que ele também tinha uma missão especial para realizar.

Para Jason, foi a leitura com que ele se debatia que Deus usou para dar a ele um futuro que jamais havia imaginado.

E as crianças da sala de David? Bem, *pode ser* que Deus tenha usado David para lembrar a elas que tudo, *e* todos, podem não ser tão comuns quanto as pessoas pensam — à primeira vista.

**Deus fala a cada um de nós na
linguagem que precisamos para
compreender.**

Ou, como Zack (que adora clichês) diz: “Não se pode julgar o livro pela capa!”

Deus fala com cada um de nós da maneira exata com que ele melhor nos alcançará. Ele pode estar falando com você agora mesmo.

Deus tem um plano especial para a *sua* vida — para os *seus* dons — e ele fala sobre isso com você de muitas maneiras. Às vezes ele grita... às vezes ele sussurra. Você está ouvindo?

6.

Cuidado com o que pede: você pode conseguir!

“A escolha é sua”

(A promessa de Deus por meio das duas cruzes)

Ali o crucificaram, e com ele dois outros, um de cada lado de Jesus.

João 19:18

Gostaria de apresentar vocês a um ator muito famoso, chamado Edwin Thomas. Ele —

Quem? Edwin Thomas?! Nunca ouviu falar, certo? Acredite em mim, ele era uma estrela. O Mel Gibson... o Harrison Ford... de seu tempo. (Tudo bem, o “tempo” dele foi o século XIX — um pouquinho antes do seu tempo. Antes até do meu tempo!)

Edwin fez sua estreia nos palcos aos quinze anos, com a peça *Ricardo III*, e logo ficou conhecido como um dos melhores atores shakespearianos da época. As pessoas enlouqueciam com ele em Nova York... e o amavam em Londres! Quando se fala sobre tragédia no teatro, Edwin Thomas está em um grupo bastante seleta.

Mas isto também é verdadeiro quando falamos sobre tragédias na vida real.

Edwin tinha dois irmãos, John e Junius. Ambos também eram atores, apesar de nenhum deles ter o mesmo talento de Edwin. Em 1863, os três irmãos apareceram juntos em *Júlio César*. Um irmão de Edwin encenava o papel de Brutus. Aquilo teria feito gelar a espinha de toda a plateia, se soubessem o que esperava os irmãos — e todo o país — dois anos depois.

Pois o mesmo John que fez o papel de assassino em *Júlio César* é o mesmo John que assumiu o papel de assassino na vida real no Teatro Ford. Em uma noite gelada de abril de 1865, ele invadiu em silêncio a parte de trás de um camarote do teatro localizado em Washington D.C. e disparou uma bala contra a cabeça do presidente norte-americano Abraham Lincoln.

Sim, o último nome dos irmãos era Booth — Edwin Thomas Booth e John Wilkes Booth.

**Abel escolheu Deus. Caim
escolheu matar. E Deus assim
permitiu.**

Edwin nunca mais foi o mesmo depois daquela noite. A vergonha pelo crime do irmão fez com que ele se aposentasse. Ele nunca teria voltado aos teatros, não fosse por uma surpresa do destino em uma estação de trem em Nova Jersey. Edwin estava esperando pelo comboio quando um jovem bem vestido, empurrado pela multidão, perdeu o equilíbrio e começou a cair entre a plataforma e um trem que se movia. Sem pensar duas vezes, Edwin entrelaçou a perna em uma grade, agarrou o jovem e o puxou de volta para a segurança. Depois de suspiros aliviados, o jovem reconheceu o famoso Edwin Booth.

Edwin, porém, não havia reconhecido o rapaz a quem havia salvado. Isso só veio a acontecer semanas depois, com uma carta. Carta que ele carregaria no bolso pelo resto da vida. Uma carta do secretário do general Ulysses S. Grant. A carta agradecia Edwin Booth por salvar a vida do filho de um herói norte-americano — Abraham Lincoln!

Estranho, não é? Um irmão matou o presidente; o outro salvou o filho do mesmo presidente. O nome do garoto que Edwin Booth devolveu à segurança? Robert Todd Lincoln.¹

Edwin e James Booth. Pai, mãe, profissão e paixão idênticas — não obstante, um escolhe a vida, o outro escolhe a morte. Como isso é possível? Eu não sei, mas aconteceu. Ainda que a história deles seja dramática, ela não é a única.

Abel e Caim, ambos filhos de Adão. Abel escolheu Deus. Caim escolheu matar. E Deus assim permitiu.

Abraão e Ló, ambos peregrinos em Canaã. Abraão escolheu Deus. Ló escolheu Sodoma. E Deus assim permitiu.

Davi e Saul, ambos reis de Israel. Davi escolheu Deus. Saul escolheu o poder. E Deus assim permitiu.

Pedro e Judas, ambos negaram o Senhor. Pedro procurou a misericórdia. Judas buscou a morte. E Deus assim permitiu.

Em todas as épocas da história, em todas as páginas da Escritura, a verdade é revelada: Deus permite que façamos escolhas!

E ninguém diz isso de forma mais clara que Jesus. De acordo com ele, podemos escolher:

- A porta larga ou a porta estreita (Mateus 7:13,14)
- O caminho espaçoso ou o caminho apertado (Mateus 7:13,14)
- A grande multidão ou a pequena multidão (Mateus 7:13,14)

Podemos escolher também:

- Construir sobre a rocha ou a areia (Mateus 7:24-27)
- Servir a Deus ou ao dinheiro (Mateus 46:24)
- Ser contado com os bodes ou com as ovelhas (Mateus 25:32,33)

“E estes [que rejeitam Deus] irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna” (Mateus 25:46).

Deus oferece escolhas eternas, e essas escolhas têm consequências igualmente eternas.

Tudo que Michael — Mike! — O’Hara desejava era pertencer... Ser parte de alguma coisa... Ter amigos. Isso é pedir demais, meu Deus do céu?!

E ele tinha encontrado isso — o que não era nada fácil para um garoto que começava o Ensino Médio. E aqueles caras eram muito legais. Sim, eles eram! E daí que um monte de outras crianças da escola pareciam... evitá-los?! Ele também não tinha visto nenhuma *dessas* mesmas pessoas correrem até ele para dizer “Oi!”, nem para deixá-lo confortável, e isso não era um problema para ele. Mike tinha encontrado próprios amigos. Ou eles o encontraram. Escolha se puder!

Quem teria imaginado que uma tarde no shopping — só dando uma volta com os camaradas — iria acabar se tornando tão... complicada?! Quem imaginaria ainda que Mike ficaria cara a cara com uma escolha tão importante?



Deus oferece escolhas eternas, e essas escolhas têm consequências igualmente eternas. É um pensamento que vale a pena repetir... e lembrar.

Não é essa a ideia por trás das três cruzes do Calvário? Já se perguntou por que havia duas cruzes ao lado de Jesus? Por que não seis ou dez? Já parou para perguntar por que Jesus estava no meio? Por que ele não foi crucificado no canto à direita ou no canto da esquerda? Será que as duas cruzes simbolizam um dos

maiores presentes de Deus? Esse é o dom da escolha.

Os dois criminosos crucificados ao lado de Jesus tinham muito em comum. Condenados pelo mesmo sistema. Condenados à mesma morte. Cercados pela mesma multidão. Igualmente próximos a Jesus. Na verdade, os dois assumiram até a mesma postura inicial naquele dia, no Calvário: “Igualmente o insultavam os ladrões que haviam sido crucificados com ele” (Mateus 27:44).

Mas um deles mudou.

Um dos criminosos que ali estavam dependurados lançavalhe insultos: “Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!” Mas o outro criminoso o repreendeu, dizendo: “Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal.” Então ele disse: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.” Jesus lhe respondeu: “Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso.” (Lucas 23:39-43).

Muito já foi dito sobre a oração do ladrão penitente, e ela decerto merece toda a admiração. Mas enquanto nos deliciamos com o ladrão que mudou, ousaremos nos esquecer daquele que não mudou? *E quanto a ele, Jesus? Um convite pessoal não seria mais apropriado? Será que caberia uma palavra de persuasão agora? Não entendemos!*

Pois o pastor não larga as noventa e nove ovelhas para perseguir aquela que desgarrou? A dona de casa não varre a casa até encontrar a moeda perdida?

Sim, o pastor vai atrás e a dona de casa varre, mas o pai do filho pródigo, lembre-se, nada faz.

A ovelha se perdeu por inocência.

A moeda se perdeu por acidente.

Mas o filho pródigo tomou a decisão de sair.

O pai deu a ele uma escolha. Jesus deu aos dois ladrões a mesma oportunidade. Ele deixou que eles escolhessem. Assim como ele permite que *nós* façamos uma escolha. Do mesmo jeito com que ele deixa que Mike escolha...



indo, empurrando — ocupando duas vezes mais espaço do que o

Recessário — o grupo de meninos barulhentos vagava pelo shopping. Bem no meio estava Mike — se esforçando para parecer seguro e confiante, como os outros meninos. E por que ele não haveria de se sentir assim? Ele pertencia a um grupo. Ele tinha amigos!

Bem, é verdade, algumas das coisas que eles faziam pareciam um pouco... arriscadas. Pular a janela para participar de uma das “rondas da meia-noite” não era assim tão engraçado quanto ele achou que seria. Mas o que os garotos faziam que era tão ruim, afinal? Virar algumas latas de lixo... Disparar alguns alarmes de carros? Isso não é nada! (Jay não estava tentando abrir aqueles carros *de verdade*. Só estava brincando. *Não estava?!*)

Ah, dá um tempo, eles são seus amigos!

E eles *eram* amigos dele. Bons amigos. Mike só desejava que algumas ideias de diversão que eles tinham não parecessem tanto um... teste. E desejava também que os pais gostassem um pouquinho mais deles. Ele ouviu a conversa da noite passada, quando ambos pensaram que ele já estava dormindo.

— Só sei que aqueles garotos têm cheiro de problema. E Michael fica andando com eles! — disse a mãe.

Mas o pai não ficou atrás:

— Ah, eles são só crianças, Katie. Garotos barulhentos e metidos, tenho de admitir. E também não tenho certeza de que eles são os melhores amigos para Mike. Mas a vida é cheia de escolhas, e não podemos ficar seguindo-o e ajudando-o a decidir sempre. Mike tem uma cabeça boa. Ele vai descobrir.

Descobrir o quê?, pensava Mike, quando deu de cara com Jay — que tinha parado de andar. Que estava parado ali. Olhando e refletindo à frente da janela da loja de música.

— Se liga, olha isso!

— Ah... Foi mal, Jay. Eu não estava aqui. (Aquilo era *cigarro* nos

bolsos do Jay? Cara, eu não iria por esse caminho. Essa coisa pode matar!)

— Relaxa — disse Jay — somos amigos, certo? — depois, deu uma risada e olhou para os outros garotos, que devolveram com risos.

— Ei, Mike! — disse Kyle. — Aposto que aquele CD novo que você estava querendo está dentro desta loja. Só esperando você salvá-lo! — E todos riram juntos dele.

Mike sorriu de volta, sem ter tanta certeza se aquilo era engraçado.

— Bem que eu queria! Mas estou com um pequeno problema de grana.

— Mas quem foi que falou em *comprar* alguma coisa? — perguntou Jay, desafiador.

Demorou um pouco para cair a ficha. Então, surgiu a luz. *Eles querem que eu roube aquele CD!* Mike estava encarando todos eles. E eles encaravam de volta. Desafiando Mike a baixar o olhar.

— Considere isso como seu “teste de admissão” — disse Jay — a não ser que você prefira sair chorando... A escolha é sua...

Mike estava atordoado demais para conseguir abrir a boca. Ele só conseguia ficar parado, em um silêncio que ficava cada vez maior... e maior.



Às vezes Deus manda trovões para mexer conosco. Por vezes Deus manda bênçãos para atrair. Mas também tem vezes em que Deus manda nada mais que o silêncio, ao mesmo tempo em que nos honra com a liberdade de *escolher* onde passaremos o resto da eternidade.

E que honra! Em muitos aspectos da vida não podemos fazer escolhas. Pense sobre isso. Você não escolheu seu sexo. Você não escolheu seus irmãos. Você não escolheu sua raça, nem o local onde nasceu.

Às vezes, a falta de escolha nos deixa irritados. “Não é justo”, dizemos. “Não é justo eu ter nascido pobre, ou que eu cante tão mal, ou que corra muito devagar”. Mas a balança da vida pendeu para o lado da vida para sempre quando

Deus plantou uma árvore do Jardim do Éden. Todas as reclamações cessaram quando Adão e seus descendentes receberam o livre-arbítrio — a liberdade para fazer qualquer escolha eterna que desejarmos. Qualquer injustiça desta vida é suplantada pela honra de escolher o destino na vida que vem depois.

Você não concordaria? Você preferiria que fosse de outro jeito? Preferiria que fosse o contrário? Você escolhe tudo nesta vida, e ele escolhe onde você vai passar a próxima? Você escolhe o tamanho do seu nariz, a cor do seu cabelo e ele escolhe onde você passará a eternidade? É isso que você prefere?

Seria legal se Deus permitisse que escolhêssemos a vida como escolhemos uma refeição. Acho que vou querer uma boa saúde e um QI alto. Não vou pegar habilidades musicais, mas quero muitos amigos... É, seria legal. Mas não acontece. Quando se trata da sua vida na Terra, você não pode votar nem escolher.

**...Deus manda trovões para
mexer conosco.**

Mas quando falamos da vida após a morte, você pode escolher. Neste meu livro, esse parece ser um bom negócio. Você não concorda?

Que privilégio que nos é concedido pode ser maior do que aquele da escolha? Esse privilégio não só apaga qualquer injustiça como o dom do livre-arbítrio pode apagar quaisquer enganos.

Pense no ladrão que se arrependeu. Apesar de pouco sabermos sobre ele, ao menos isto sabemos: ele fez algumas escolhas erradas na vida. Ele escolheu a galera errada, os costumes errados, o comportamento errado. Mas você consideraria a vida dele como desperdício? Ele passará a eternidade colhendo os frutos de todas as escolhas erradas que ele fez? Não, é exatamente o oposto. Ele está desfrutando a única boa escolha que ele fez. No fim, todas as escolhas ruins foram redimidas por uma única boa escolha.

Você já fez algumas escolhas ruins na vida, não fez? Talvez tenha escolhido os amigos errados, ou os objetivos errados... Talvez tenha tomado bastantes decisões que gostaria de não ter tomado. Você olha para trás e diz: “Se... Se eu pudesse compensar minhas escolhas erradas”. Mas você pode. Uma boa escolha para toda a eternidade apaga mil escolhas erradas feitas na Terra.

A escolha é sua.

Como podem dois irmãos, nascidos da mesma mãe, criados no mesmo lar e um escolher a vida e o outro escolher a morte? Eu não sei, mas eles sabem.

Como dois homens conseguiam ver o mesmo Jesus e um escolheu rir dele, enquanto o outro escolheu orar para ele? Eu não sei, mas foi assim.

Quando o primeiro orou, Jesus o amou o bastante para salvá-lo. Quando o segundo zombou, Jesus o amou o bastante para permitir que ele zombasse.

Ele permitiu a escolha.

Ele faz o mesmo por você.



A mente de Mike voava naquele momento, de frente para a vitrine da loja de música.

Ia ser muito fácil. A loja estava lotada. Os vendedores estavam ocupados. Ele era rápido. E havia *muitos* CDs. Quem iria sentir falta de um só?

Ia ser muito fácil. Muitos garotos faziam. E ninguém — além dos amigos dele — iria ficar sabendo. Bem... *Uma* pessoa ainda saberia. Mike.

E isso fazia toda a diferença. Amigos são importantes — e ele queria desesperadamente que aqueles caras fossem seus amigos — mas também é importante conseguir se olhar no espelho sem se sentir envergonhado.

E também tinha aquela coisa que o pai dele sempre dizia. O pai *honesto* e orgulhoso, que trabalhava tão duro para cuidar de sua família. E que se sentia muito mal quando não podia dar alguma coisa para sua família.

— Podemos não ter muito, Mike, mas o que temos é nosso de verdade. Por que cada pedaço de tudo isso foi *merecido* honestamente.

Sim, ia ser muito fácil. Mas quando se desce por essa ladeira...

— E então? — atçou Jay — Vai entrar ou ficar de fora? Você que sabe.

Sim, ia ser muito fácil. Mas quando se desce por essa ladeira...

Mike arrumou a postura e olhou para Jay — o risonho e provocativo Jay — bem nos olhos:

— Exatamente, *eu* que sei.

Ele deu um último olhar de pena para aqueles amigos de quem tanto gostava — mas que estavam indo por um caminho que não era para ele.

— Desculpa, galera, mas não é a minha. Vejo vocês por aí.

Mike se virou e começou a andar.

7.

**Se você não sabe aonde está indo,
pode acabar se perdendo!**

— Yogi Berra

“Não abandonarei você”

(A promessa de Deus na caminhada)

Não apenas isso, mas também nos gloriamos em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, mediante quem recebemos agora a reconciliação.

Romanos 5:11

Ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado.

Colossenses 1:13

A pequenina Madeline, de apenas cinco anos, subiu nos joelhos do pai.

— Você comeu tudo, Maddy? — ele perguntou.

Ela sorriu e deu um tapinha na barriga:

— Não consigo comer mais nada.

— Você comeu a torta da vovó?

— Um pedaço!

Joe olhou para a mãe, do outro lado da mesa, e piscou.

— Parece que você deixou todo mundo satisfeito. Acho que não vamos fazer outra coisa senão ir para cama.

Madeline colocou as minúsculas mãos nas bochechas enormes do rosto do pai.

— Ah, mas, papai, é véspera de Natal. Você disse que a gente ia dançar.

Joe fingiu consultar a memória.

— Eu disse? Ora, eu não me lembro de dizer nada sobre dançar.

A avó sorriu e balançou a cabeça, enquanto limpava a mesa.

— Mas, papai — Madeline suplicou — a gente sempre dança na véspera de Natal. Só você e eu, lembra?

O pai se levantou e ofereceu a mão à filha e, por um momento — só um instante — sua esposa estava viva mais uma vez. E os dois iam para a sala para passar mais uma noite antes do Natal como já haviam passado muitas outras. Dançando até a noite acabar.

Joe e a esposa poderiam ter dançado juntos até o fim da vida, mas, de repente, veio a gravidez surpresa e as terríveis complicações. Madeline — o bebê, Maddy — sobreviveu. Mas sua bela mãe não

conseguiu. E Joe ficou sozinho para criar sua filha Madeline.

— Vamos, papai — ela puxou a mão dele. — Vamos dançar antes de todo mundo chegar. — Ela estava certa. Logo soaria a campainha e parentes encheriam a casa, e a noite passaria rápido.

Agora, no entanto, eram só papai e Madeline.



O amor de um pai por um filho é de uma força tremenda. Pensem em um casal com um filho recém-nascido. O bebê não oferece absolutamente nada para os pais. Nenhum dinheiro. Nenhuma habilidade. Nenhuma palavra de conselho. Se tivesse bolsos, estariam vazios. Ver um bebê deitado em um berço é ver a inutilidade completa. O que há ali para se amar?

O que quer que seja, papai e mamãe sabem bem. Olhe só o rosto da mamãe quando ela brinca com o bebê. Repare nos olhos do papai quando ele segura seu filho. Mas tente falar ou fazer algum mal à criança. Se fizer isso, estará encarando uma força enorme, porque o amor de um pai é algo poderoso.

Jesus certa vez se perguntou se nós, que somos pecadores, temos tanto amor, quanto mais não terá Deus, nosso Pai puro e abnegado, em relação a nós? (veja Mateus 7:11). E o que acontece quando o amor não é recíproco? O que acontece com o coração do pai quando o filho dá as costas?



A rebeldia tomou conta do coração de Maddy — e do mundo de Joe — como uma nevasca amarga de inverno. Quando estava prestes a atingir a idade mínima para dirigir, Madeline resolveu que já estava madura o suficiente para decidir sobre a própria vida. E aquela vida não incluía seu pai.

— Eu deveria ter percebido antes — diria Joe, mais tarde — mas, Deus do céu, eu não percebi. Maddy sempre pensou sozinha. Mas eu não podia esperar por isso...

Ele não sabia o que fazer. Ele não sabia como lidar com o *piercing* no nariz e com as saias curtas demais, e apertadas demais. Ele não

entendia as noitadas e as notas ruins. Para piorar tudo, ele não sabia quando falar e quando ficar quieto.

Madeline, por outro lado, sempre sabia de tudo. Ela sabia quando falar com o pai — nunca. Ela sabia quando ficar quieta — sempre. Todas as palavras e sorrisos e pensamentos da garota eram exclusivos do garoto esquelético e tatuado que vivia no fim da rua — e que não prestava, e Joe sabia disso.

E de jeito algum ele iria permitir que sua filha passasse a véspera de Natal com aquele moleque!

— Você vai ficar conosco hoje, mocinha. Você estará na casa da sua avó, e vai comer a torta da sua avó. Você passará a véspera de Natal conosco.

E ela passou. Apesar de estarem na mesma mesa, era como se estivessem em lugares opostos da cidade. Madeline só brincava com a comida, sem dizer nada. A avó tentou falar com Joe, mas ele não tinha humor para conversar. Parte dele estava com raiva; outra parte estava arrasada. E o resto dele daria tudo para saber como falar com a mesma garotinha que um dia se sentara sobre os joelhos dele.

Logo os parentes chegaram, trazendo com eles um bem-vindo fim para todo aquele silêncio constrangedor. A casa se enchia de som e de pessoas, mas Joe permanecia de um lado enquanto Madeline se escondia emburrada de outro.

— Aumente a música, Joe — pediu um dos irmãos. E ele aumentou. Pensando que a deixaria orgulhosa, ele se virou e foi em direção à filha:

— Você poderia dançar com seu papai hoje?

Julgando por como ela saiu bufando e dando as costas, alguém poderia imaginar que ele a havia ofendido. Na frente de toda a família, ela saiu pela porta da frente e seguiu rua abaixo, deixando o pai sozinho.

Muito sozinho.



A rua mais notória do mundo é a Via Dolorosa, “o Caminho das Tristezas”. De acordo com a tradição, é o caminho que Jesus percorreu do palácio de Pilatos até o Calvário. O caminho é marcado por “estações” muito usadas pelos cristãos para devoção. Uma das estações marca a passagem do julgamento de Pilatos. Outra marca o lugar onde Simão ajudou Jesus a carregar a cruz. Duas estações recordam, uma, o tombo de Cristo e, a outra, as palavras dele. Há quatorze estações no total, cada uma delas um lembrete da caminhada final de Cristo.

Mas a rota está correta? Provavelmente não. Quando Jerusalém foi destruída em 70 d.C. e depois em 135 d.C., as ruas da cidade também foram destruídas. Por isso, ninguém sabe o caminho exato trilhado por Jesus naquela sexta-feira.

Mas nós sabemos exatamente onde aquela caminhada *começou*.

A caminhada começou não na corte de Pilatos, mas nos salões do Céu. O Pai começou a caminhada quando deixou sua casa para ir ao nosso encontro. Armado com nada mais que paixão para conquistar os corações, ele chegou procurando. Ele tinha um desejo — trazer seus filhos para casa. A Bíblia tem uma palavra para essa missão: *reconciliação*.

“Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” (2 Coríntios 5:19). A palavra grega para *reconciliar* significa “transformar algo de algum jeito”.¹ Mudar alguma coisa. Tornar diferente do que era.

A reconciliação costura o que está solto. Ela controla a rebeldia. Reanima o coração gelado com o fogo do amor.

A reconciliação toca o ombro da criança teimosa e a coloca no caminho de casa.

O caminho da cruz nos diz exatamente até onde Deus irá para nos chamar de volta para ele.



O garoto magrelo do fim da rua — aquele que tinha o coração e a atenção de Maddy — tinha um primo. O primo trabalhava no turno da noite em uma loja de conveniência na parte sul de Houston — um mundo, e uma longa viagem de ônibus, bem distante da casa que Maddy não desejava mais. Por alguns dólares por mês, ele

deixava os dois fugitivos ficaram no apartamento durante a noite. Mas eles tinham de sair durante o dia.

Mas isso não os incomodava. Eles tinham grandes planos. Ele ia ser um mecânico, e Madeline, de algum jeito, sabia que conseguiria um trabalho em uma loja de departamento. Bom, tudo bem que ele não sabia quase nada sobre carros — e que ela sabia menos ainda sobre como conseguir um trabalho. Mas ninguém pensa nessas coisas quando está arrebatado pela ideia de “liberdade”.

Madeline de repente se viu com
uma noite toda pela frente, sem
ter um lugar para dormir...

Depois de algumas semanas, o primo tinha mudado de ideia. “Não está rolando.” No dia em que anunciou a decisão, o namorado achou por bem imitar o parente. Madeline de repente se viu com uma noite toda pela frente, sem ter um lugar para dormir nem uma mão para segurar.

Foi a primeira de muitas noites como aquela.

Uma mulher em um parque contou sobre um abrigo perto da ponte. Por uma certa quantidade de dinheiro ela conseguiria uma tigela de sopa e uma cama. Um punhado de dinheiro era tudo que Madeline tinha. Dormiu usando a mochila como travesseiro e o casaco como cobertor. O quarto era tão lotado que era difícil dormir. Madeline virou o rosto para a parede e, pela primeira vez em muitos dias, pensou no rosto com bigode do pai quando ele costumava dar um beijo de boa-noite. Quando as lágrimas começaram a brotar, ela se recusou a chorar. Ela empurrou as memórias de volta para as profundezas e prometeu para si mesma não pensar mais na antiga casa. Madeline tinha ido longe demais para voltar.

Na manhã seguinte, uma garota um pouco mais velha, em uma

cama próxima à dela, mostrou a mão cheia de dinheiro que tinha conseguido dançando em uma boate.

— Esta será a minha última noite aqui — disse — agora posso pagar pela minha casa.

Ela deu uma nova olhada para o belo rosto de Madeline e para o corpo magro da garota.

— Sabe, você deveria dar uma chance. Sei que eles estão procurando por outra garota. E eles não fazem muita cerimônia com idade — contanto que você não se importe em ser observada. E que saiba como dançar — ela colocou as mãos no bolso e puxou uma caixa de fósforos — aqui tem o endereço, caso você se interesse.

O estômago de Madeline revirou só de pensar. Tudo que conseguiu responder foi um murmúrio:

— Eu... Eu vou pensar.

Dançar em uma boate... com gente assistindo?! Prefiro morrer de fome!

Ela passou o resto da semana andando pelas ruas, buscando um trabalho. Mas não havia trabalho para garotas menores de idade sem qualquer referência. E ela era muito orgulhosa — e se envergonhava — de pedir dinheiro para estranhos, como fazem muitos mendigos.

Alguma coisa vai aparecer. Sei que vai!

A semana chegava ao fim e era hora de pagar a conta do abrigo. Maddy colocou as mãos no bolso — e tirou deles uma caixa de fósforos. Era tudo que havia sobrado.

— Acho que não vou ficar aqui hoje — disse, caminhando em direção à porta.

Madeline não sabia para onde estava indo. Ou o que estava indo fazer. Ela só sabia aonde *não* podia ir, e o que *não* podia fazer. Ela não podia ir para casa.



Orgulho e vergonha. Impossível dizer que são irmãos. Parecem tão diferentes. O orgulho estufa o peito. A vergonha pende a cabeça. O orgulho se gaba. A vergonha se esconde. O orgulho procura ser visto. A vergonha tenta passar sem ser vista.

Mas não se engane, os dois sentimentos vêm da mesma fonte. Ambas as emoções têm o mesmo efeito. Elas nos distanciam do Pai:

O orgulho diz: “Você é bom demais para ele.”

A vergonha diz: “Você é ruim demais para ele.”

O orgulho leva para outra direção.

A vergonha segura você.

Se o orgulho é o que antecede toda queda, então a vergonha é o que nos impede de levantar depois de cair.



Se havia um talento que Madeline possuía, este era o da dança. O próprio pai havia ensinado.

Talvez não seja tão ruim dançar nesse clube. Eu não preciso conversar com as pessoas, nem nada do tipo. Vou fingir que estou sozinha. E pensar sempre em alguma coisa diferente!

Mas era ruim. Ela odiava o jeito com que olhavam para ela. Mas não havia outra escolha. Madeline dançava tanto quanto conseguia. E recolhia os dólares, que lhe deram um lugar para ficar e alimento para comer. E tentava não pensar muito sobre tudo aquilo.

Na verdade, ela ficou muito boa na parte de não pensar. Até que chegaram as cartas.

O primo trouxe as cartas, o mesmo primo cujo apartamento ela alugara quando havia chegado à cidade. Não uma carta, nem duas, mas uma caixa cheia delas. Todas endereçadas a ela. Todas do pai.

— Eu tive um belo trabalho procurando você — reclamou o primo.
— Seu ex-namorado deve ter ido para casa e dedurado você. Elas chegam duas ou três vezes por semana. E eu tenho mais o que fazer além de entregar sua correspondência. Dê seu endereço para seu pai.

Ah, mas ela não podia fazer aquilo. Ele podia encontrá-la. Ela não conseguia suportar a ideia de sequer abrir as cartas.

Ela sabia o que elas diziam; ele queria que a filha voltasse para casa. Mas se ele soubesse o que ela andava fazendo, ele deixaria de querer.

Parecia menos doloroso não ler as cartas. Por isso, ela não lia. Nem naquela semana, nem na semana em que o primo trouxe mais cartas, nem na semana em que ele veio de novo. Ela guardava as cartas no armário do trabalho da boate, organizadas de acordo com os selos. Ela corria os dedos pelo topo das cartas, mas não conseguia abrir uma que fosse.

Ela jamais voltaria para casa. Era melhor não pensar sobre o assunto. E ela não pensava.

Com o tempo vieram as folhas e o ar ficou mais frio. A correspondência chegava, o primo reclamava e a pilha de cartas seguia crescendo. Apesar de tudo, ela continuava se recusando a dar o endereço para o pai. E se recusava a abrir qualquer carta que fosse. E continuava dançando.

Então, dias antes da véspera de Natal, outra carta chegou. Mesma forma. Mesma cor. Mas essa não tinha marca, nem selo. E ela não fora entregue pelo primo. A carta simplesmente apareceu na mesa do trabalho.

— Dias atrás um homem grande apareceu pedindo que eu entregasse isso para você — explicou uma das dançarinas. — Ele disse que você entenderia a mensagem.

— Ele esteve aqui? — perguntou Maddy, ansiosa.

A outra garota deu de ombros.

— Acho que ele precisaria ter vindo...

Madeline engoliu em seco e olhou para o envelope. Então ela o abriu e olhou para o cartão que estava dentro. “Eu sei onde você está”, ela leu. “Sei o que você faz. Isso não muda o que eu sinto. O que eu disse em todas as cartas ainda é verdade.”

— Mas eu não sei o que você disse! — Madeline puxou uma carta do começo da pilha e começou a ler. Depois mais uma e uma terceira. Cada uma delas terminava com a mesma frase. Cada frase fazia a mesma pergunta.

Em questão de minutos o chão estava coberto de papel, enquanto o rosto de Maddy se cobria de lágrimas.

Não passou um hora até que ela estivesse dentro de um ônibus.

— Talvez eu consiga chegar a tempo.

Ela conseguiu por pouco.

Os parentes estavam começando a sair. Joe estava ajudando a vovó na cozinha quando seu irmão chamou da sala, que ficara silenciosa de repente.

— Joe, alguém está aqui para ver você.

Joe saiu da cozinha e parou. Em uma das mãos a garota trazia uma mochila. Na outra, uma carta. Joe viu a pergunta estampada no rosto dela.

— A resposta é “sim” — ela disse para o pai — se o convite ainda estiver valendo, a resposta é “sim”.

Joe engoliu em seco.

— Minha nossa. O convite ainda está valendo.

E os dois voltaram a dançar em uma véspera de Natal.

... o chão estava coberto de
papel, enquanto o rosto de
Maddy se cobria de lágrimas.

No chão, perto da porta, uma carta endereçada para Madeline, com um pedido do pai:

“Quando você vai voltar para casa e dançar com seu papai mais uma vez?”

8.

Vestida para *aquele* dia!

“Darei minha túnica a você”

(A promessa de Deus por meio das vestes)

Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito.

1 Pedro 3:18

Mas Cristo sem culpa (...) tomou sobre si nosso castigo, para que ele pudesse verdadeiramente expiar a nossa culpa, e destruir a nossa punição.

Santo Agostinho

Lisa estudava o colorido armário de roupas com olhos intencionalmente atentos. Bonito. Muito bonito. Mas não exatamente o que ela estava pensando. Onde estaria? Lisa tinha *certeza* de lembrar ter visto algo especial, que seria perfeito — ali! Lá estava ele, atolado bem no fundo. *Aquele* vestido! E ele era tão perfeito quanto ela se lembrava.

E se alguém sabia o que era perfeição quando se tratava de roupas, esse alguém era Lisa. Ela era especialista no assunto. Quer saber o que é novo... ou quente... o que está “na moda”? É só olhar para Lisa. Quer saber onde encontrar os acessórios mais fabulosos? É só seguir Lisa em uma volta pelo shopping. Se fosse o mais novo, o mais descolado, a última palavra em termos de roupa, Lisa estava vestindo!

Ninguém tinha muita certeza de como ela conseguia. (Ela nunca mencionava todo o trabalho de babá que respondia pelo conforto financeiro quando ela não conseguia convencer os pais a pagar seus gastos. Mestres da ilusão nunca revelam os segredos!)

Até mesmo os pais — que a conheciam bem de perto — muitas vezes ficavam tão surpresos quanto os amigos pela pequena “borboleta” da moda que haviam criado.

— Meu Deus, Lisa — a mãe dizia — existem coisas mais importantes na vida do que *roupas*, sabia?

Sim, é claro que existem! Lisa sabia disso. Valores. Integridade. O modo de lidar com as pessoas. Essas eram coisas que realmente contavam — coisas que fazem você ser... *você!* Tudo mais não passa de acessório. Mas, contanto que as prioridades internas estivessem em ordem, qual era o mal em fazer o *exterior* ficar em ordem também?

Além disso, saber que estava *bem vestida* a fazia se *sentir* bem.

Que era o verdadeiro motivo daquele “passeio de compras”. Ela encontrou exatamente o que estava procurando! Comprido, esvoaçante, salpicado com flores de lavanda, era o vestido dos sonhos de qualquer garota. Dando um gritinho de alegria, Lisa tirou o achado do meio do... guarda-roupa de Jenny Archer.

— Espera um minutinho, Lisa — disse Jenny, apressada — eu amo esse vestido!

— Bom, eu sei, Jenny. Essa é exatamente a ideia — disse Lisa, quase sem pensar, virando o cabide para admirar a barra ondulada da saia. — Além do mais, quando foi a última vez em que você o usou?

Jenny deixou os olhos tombarem para o lado. Será que Lisa conseguia ler mentes, também? Na verdade, *fazia* quase um ano desde que...

— Mas isso não vem ao caso! — respondeu Jenny. — Certo, conte mais sobre essa sua “boa causa” — e o que ela tem a ver com o *meu* guarda-roupa.

Lisa olhou para a amiga com olhos grandes e inocentes.

— Mas não é só o *seu* guarda-roupa, Jen — ela respondeu. — Já olhei o da Karen e o da Emma e o da Molly e o da Caitlin...

— Mas e aí, por que você está desbravando os guardaroupas de todas as suas amigas? — interrompeu Jenny.

— Você vai amar a ideia, Jen...



As Escrituras falam pouco sobre as roupas que Jesus usava. Nós sabemos o que o primo dele, João Batista, usava. Sabemos o que os líderes religiosos usavam. Mas a roupa de Jesus não é nada notável; nem humilde a ponto de tocar um coração de dó nem tão glamoroso a ponto de fazer virar cabeças.

Mas há *uma* referência sobre as roupas de Jesus que é digna de nota: “Os soldados tomaram as roupas dele e as dividiram em quatro partes, uma para cada um deles, restando a túnica. Esta, porém, era sem costura, tecida em uma única

peça, de alto a baixo. ‘Não a rasguemos’, disseram uns aos outros. ‘Vamos decidir por sorteio quem ficará com ela’” (João 19:23,24).

Devia ser a posse mais importante de Jesus. A tradição judaica exigia que a mãe judia fizesse tal robe e que o desse ao filho como presente de despedida quando ele saísse de casa. Será que Maria teria feito isso por Jesus? Não sabemos. Mas sabemos que a túnica não tinha costura, que fora feita inteira de cima a baixo. Por que isso é tão importante?

Jesus era como seu robe: perfeição ininterrupta.

As Escrituras muitas vezes descrevem um comportamento como uma roupa que é usada. Pedro recomenda que nós nos vistamos permanecendo “humildes” (1 Pedro 5:5). Davi fala das pessoas ruins que vestem “a maldição” (Salmo 109:18). As roupas podem simbolizar a personalidade e, como sua roupa, o caráter de Jesus não tinha qualquer costura. Coordenado. Unificado. Jesus era como seu robe: perfeição ininterrupta.

“Tecida (...) de alto a baixo.” Jesus não era conduzido por sua mente; ele agia de acordo com a mente do Pai. Leia estas palavras:

“O Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz” (João 5:19).

“Por mim mesmo, nada posso fazer; eu julgo apenas conforme ouço, e o meu julgamento é justo, pois não procuro agradar a mim mesmo, mas àquele que me enviou” (João 5:30).

O caráter de Jesus era como um tecido sem costura feito desde o Céu até a Terra... Dos pensamentos de Deus às ações de Jesus. Das lágrimas de Deus à compaixão de Jesus. Da palavra de Deus à resposta de Jesus. Tudo em uma única peça. Tudo como retrato do caráter de Jesus.

Mas quando Cristo foi pregado na cruz, ele tirou o robe da perfeição sem costura e abriu um novo guarda-roupa. O guarda-roupa da indignidade.

A *indignidade da nudez*. Por algumas horas repletas de dor, os líderes religiosos pareceram vitoriosos, enquanto Cristo parecia o perdedor. Aquele que era envergonhado por seus acusadores.

Pior do que tudo, ele vestia a *indignidade do pecado*. “Ele mesmo levou em

seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados” (1 Pedro 2:24).

Quais eram as roupas de Cristo na cruz? O pecado — seu e meu. Os pecados de toda a humanidade.

Consigo lembrar meu pai explicando para mim o motivo de um grupo de homens ao lado da estrada vestir roupas listradas: “Eles são prisioneiros”, ele disse, “eles não respeitaram a lei e agora estão servindo por um tempo.”

Quer saber o que me espantou naqueles homens? Eles nunca olhavam para cima. Eles não faziam contato visual. Teriam vergonha? Provavelmente sim.

O que aqueles homens sentiram à beira da estrada foi o que nosso Salvador sentiu na cruz — a desgraça. Tudo que estava ligado à crucificação tinha o propósito não só de machucar a vítima, mas também de humilhá-la.

A morte na cruz estava geralmente reservada aos piores criminosos: escravos, assassinos, mercenários etc. O condenado marchava pelas ruas da cidade carregando a cruz nos ombros e trazendo ao redor do pescoço uma placa com seu nome e seu crime. No local da execução, o criminoso era então despido e ridicularizado.



Jenny sorriu de alegria quando a amiga, toda animada, começou a explicar o plano — com um jeito impetuoso e afobado que lhe era peculiar. Ela sempre imaginou que havia mais em Lisa que um sorriso encantador, do bom papo... e do guarda-roupa fantástico. Mas isto...?

— Na verdade, foi ideia da minha prima Nicole — disse Lisa, contando a história nos mínimos detalhes. — Bom, talvez não tenha sido bem *dela* a ideia... meio que ela se inspirou... alguma coisa que a mãe dela estava... Você conhece a Nicole, não conhece, Jen? Minha prima que...

— Sua prima que mora do outro lado da cidade e que é aluna da Escola Ímã da Arte. A dançarina — completou Jenny, com uma risada — claro que conheço. Agora, tome um ar e comece de novo, Lisa. Eu ainda estou um pouco confusa. Como se não fosse óbvio.

— Certo, sabe quando você está se vestindo para uma ocasião bem especial... E você tem a roupa absolutamente perfeita para vestir? Como é *bom* se sentir — como é *especial* — saber que você está tão linda quanto possível? — perguntou Lisa.

Jenny concordou com a cabeça.

— É um sentimento maravilhoso — disse olhando para o vestido com as flores de lavanda.

Imagine ter de vestir algo assim
na sua formatura!

Mas Lisa se recusava a ser distraída.

— Agora pense em como seria *nunca* experimentar esse sentimento. Nunca ter um vestido maravilhoso que fizesse você se sentir... especial. — Os olhos de Lisa ficaram muito sérios. — Sabe, Jen, existem muitas garotas — garotas como a gente — que *nunca* vivem essa experiência. Tudo que elas vestem são roupas usadas ou que vêm de um brechó. Imagine ter de vestir algo assim na sua formatura!

Jenny *conseguia* imaginar. E o que ela pensava transparecia claramente em seu rosto.

Lisa sabia que tinha ganhado a amiga!

— Mas, e se... e se, Jen, se houvesse um lugar onde as garotas pudessem ir — um “armário” especial — cheio de roupas maravilhosas para escolher?! Não só coisas batidas e velhas de que alguém estava cansado, mas roupas muito bacanas e modernas que qualquer garota sentiria orgulho em usar?

Jenny acenou de novo, mostrando que acompanhava a amiga.

— Bem... esse lugar *existe*! — concluiu Lisa, triunfante — Tudo que precisamos fazer é preencher esse armário. Bom, na verdade... esses armários. E antes da época da formatura — o resto da história

veio deslanchando.

Tudo começou quando Lisa e sua prima ouviram sobre algo que envolvia a mãe advogada de Nicole e as amigas. Cada uma delas estava doando uma das melhores roupas de trabalho para criar um Armário de Carreira para mulheres em programas de treinamento.

— Para que elas estejam bem *bonitas* nas entrevistas de emprego. Bem, Nicole e eu enxergamos uma possibilidade de cara.

— Ora, é meio óbvio que você iria — provocou Jenny.

Lisa devolveu com uma risada.

— Então, Nicole falou com o grupo de jovens da igreja *dela*. E eu falei com o meu grupo. E uma das garotas tinha uma amiga em outra escola... Enfim, todo mundo amou a ideia. E aqui vem a melhor parte, Jen.

Lisa parou rapidamente para tomar fôlego, e Jenny aproveitou a oportunidade. — Como pode ter uma parte “melhor”? — ela perguntou, com um sorriso. — A ideia parece muito incrível, para mim.

Lisa abriu um sorriso.

— Ah, mas ainda fica melhor — garantiu. — Cada um dos grupos está juntando roupas de meninas que conhece. Depois, vamos trocar as coleções — encher os “armários” das *outras* igrejas! Entendeu?

Jenny *tinha* entendido. As igrejas e as escolas ficavam em bairros diferentes da cidade. Então *nenhuma* garota que ficasse com uma dessas roupas teria de se preocupar em passar vergonha. As chances de a garota que ganhou a roupa e a garota que doou estarem na mesma festa ou na mesma formatura eram praticamente nulas. E as equipes das igrejas saberiam que garotas convidar — com a máxima discrição — para escolher uma roupa. Era *realmente* um lance de gênio!

— Brilhante, Lisa. Simplesmente brilhante — aplaudiu Jenny. Depois, fechou o rosto. — Mas, sabe, não sei se consigo deixar essas flores de lavanda irem embora — o rosto dela murchou — assim sozinhas. Elas tinham ficado bem apegadas àquela saia amarela.

Pela primeira vez no dia, Lisa não sabia o que falar. Ou quase.

— A amarela de *seda*? Mas aquela... é sua roupa favorita de todos os tempos!

— Ela é — Jenny concordou, com um sorriso meio amarelo — acho que é isso que chamam de... “sacrifício”.

Lisa só conseguiu observar enquanto Jenny buscava no armário o brilho da seda amarela. Depois, deu um sorriso e um abraço na amiga.

— Não, Jen... Isso é o que chamam de... *amor*.



Quando Jesus foi pregado à cruz para morrer como um criminoso, ele foi antes humilhado diante de todas as pessoas que lá estavam assistindo à cena. Mas essa não foi a pior parte. Foi esta aqui: Jesus não foi só ridicularizado diante das pessoas, ele também foi ridicularizado diante do Céu.

Como carregava o pecado do assassino e do ladrão, ele assim sentia a vergonha do assassino e a do ladrão. Apesar de jamais ter mentido, ele carregava a desgraça do mentiroso. Apesar de nunca ter traído, ele sentia o embaraço de um traidor. Como carregava os pecados do mundo, ele sentiu a vergonha coletiva pelo mundo.

Não é de imaginar que o autor de Hebreus fala sobre a “desonra que ele suportou” (Hebreus 13:13).

Enquanto estava na cruz, Jesus sentiu a indignidade e a desgraça de um criminoso. Não, ele não era culpado. Não, ele não tinha cometido nenhum pecado. E não, ele não merecia ser condenado. Mas você e eu somos culpados, nós cometemos pecados e merecemos ser condenados. Nós nos vestimos com as roupas do pecado e da vergonha. Mas Jesus tomou essa roupa de nós na cruz. Na verdade, ele fez muito mais que isso. Com seu infinito amor e com infinita generosidade, ele nos oferece um robe de pureza sem costura, e toma para si nossas vestes remendadas de orgulho, ganância e egoísmo. “Cristo (...) se tornou maldição em nosso lugar” (Gálatas 3:13). Ele vestiu nossos pecados para que pudéssemos usar da retidão dele.

Apesar de chegarmos à cruz vestidos em pecado, deixamos a cruz vestindo “a justiça como couraça” (Isaías 59:17), tendo na “fidelidade o seu cinturão” (Isaías 11:5), e trajando “vestes da salvação” (Isaías 61:10).

De fato, saímos vestindo o próprio Cristo. “De Cristo se revestiram” (Gálatas 3:27).

Não foi suficiente para ele preparar um banquete para você.

Não foi suficiente para ele reservar um lugar para você.

Não foi suficiente para ele arcar com o custo e arranjar o transporte para você chegar ao banquete.

Ele fez algo mais. Ele deixou você usar as roupas dele para que você estivesse vestido de forma adequada.

Ele fez isso... Só por você.



Jenny sorriu quando viu Lisa descer pela entrada da frente, carregando a saia de seda amarela e o vestido de flores de lavanda nas mãos.

Vou sentir falta daquela saia amarela. Mas, ei, ela está indo para um lugar bastante especial.

Pensando naquilo tudo, havia uma coisa que ela ainda não sabia.

— Ei, Lisa, você nunca me disse. Como é que você e a Nicole vão chamar essa operação toda?

Lisa olhou para trás e deu um sorriso delicioso de volta para Jenny.

— Inventar um nome foi a parte *fácil*. Que outro nome podia ser além de... Armário das Amigas?!

9.

Todo mundo *diz* que joga bem; mas é a bola que conta!

“Eu compreendo sua dor”

(A promessa de Deus por meio da esponja embebida em vinagre)

Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado.

Hebreus 4:15

Jesus chorou.

João 11:35

Você já conseguiu convencer um rato a não se preocupar? Já teve sucesso em acabar com o pânico de algum roedor? Se sim, então você é mais sábio do que eu. Minha tentativa foi um fracasso. Minhas palavras de conforto caíam sempre em orelhas muito pequenas e surdas.

Não que o camarada mereça gentilezas, note bem. Por causa dele, Denalyn gritou. Por causa do grito, a garagem tremeu. Porque a garagem tremeu, fui arrancado da terra dos sonhos e do meu estado de inércia e chamado a defender minha mulher e meu país. Eu tinha orgulho de fazer isso. Cabeça para cima, ombros para trás, marchei em direção à garagem.

O rato não teve a menor chance. Eu sei *jiu-jítsu*, caratê, *tae-kwon-do* e muitos outros... ahn... nomes. Eu já até assisti a comerciais de centros de autodefesa. Esse rato finalmente encontrou um adversário à altura.

Além disso, ele estava preso em uma lata de lixo vazia. Como ele chegou lá, só ele sabe, e não vai dizer. Eu sei, pois perguntei a ele. A única resposta, no entanto, foi uma corrida desenfreada pelo fundo da lata.

O pobre animal estava assustado até a ponta dos bigodes. Quem não estaria? Imagine ficar preso em um recipiente de plástico, olhar para cima e ver um enorme (porém lindo) rosto humano. Seria o bastante para você engasgar com o queijo.

— O que você vai fazer com ele? — perguntou Denalyn, agarrando meu braço em busca de coragem.

— Não se preocupe, querida — respondi — vou pegar leve com esse coitadinho.

E assim partimos — o rato, a lata de lixo e eu, marchando pelo beco sem saída até um terreno vazio.

— Fique comigo, ratinho. Vou deixar você em casa logo, logo.

Ele não ouviu. Quem visse pensaria que estávamos andando pelo corredor da morte. Não houvesse uma tampa na lata, meu amiguinho peludo teria tentado pular.

— Não vou machucar você — expliquei — vou liberá-lo. Você se meteu em

encrenca; eu vou tirá-lo dela.

Pensa que ele me convidou para sua toca para tomar um lanche?

Ele não se acalmava. Ele não parava quieto. Ele não — bem, ele não confiava em mim. Mesmo até o último segundo, quando virei a lata no chão e o libertei, você pensa que ele deu meia-volta e agradeceu? Pensa que ele me convidou para sua toca para tomar um lanche? Não. Ele só correu. (Foi minha imaginação ou será que eu o ouvi gritar: “Para trás! Para trás! Max, aquele-que-odeia-ratos, está aqui!”?)

Sinceramente... O que era preciso fazer para ganhar a confiança dele? Aprender a falar ratolês? Esbugalhar os olhos e criar uma cauda? Entrar na lata de lixo com ele? Obrigado, mas não, muito obrigado. Quero dizer, o rato era bonitinho e tudo mais, mas ele não valia tanto assim.

Aparentemente, você e eu valem.

Você acha um absurdo para um homem se tornar um rato? A jornada da sua casa até a lata de lixo é muito menor do que aquela que vai do Céu à Terra. Mas Jesus a fez, mesmo assim. Por quê? Porque ele quer que confiemos nele.

Vamos examinar melhor esse raciocínio. Por que Jesus viveu na Terra em toda sua vida? A vida dele não podia ter sido bem mais breve? Por que não pisar no mundo apenas tempo suficiente para morrer pelos nossos pecados e depois partir? Por que não passar apenas uma semana ou um ano sem pecados? Por que ele teve de salvar vidas? Assumir nossos pecados é uma coisa, mas experimentar queimaduras do sol, dor de garganta? Experimentar a morte, sim — mas suportar toda uma vida? Suportar as longas estradas, os longos dias e os temperamentos pequenos. Por que ele fez tudo isso?



Dessa vez ele conseguiu! Fez uma grande besteira.

Kyle estava na maior enrascada, e ele sabia. Tudo graças às “Famosas Últimas Palavras” dele — palavras que ele parecia não conseguir resistir: Sem problema. Confiem em mim.

Ele devia ter adivinhado. Não foi por falta de aviso do pai, que vivia lembrando.

— Olha, filho, ter confiança em si mesmo é ótimo. Mas é preciso muito mais que só *dizer* que vai dar certo. Você precisa sustentar o que *diz* com aquilo que você *faz*. Criar boas ideias é bom. Mas é melhor poder cumprir as promessas, ou você perderá mais amigos do que conseguirá fazer.

— A confiança é muito importante em qualquer relacionamento. Na verdade, sem confiança não temos *sequer* um relacionamento. Dizer: “Confiem em mim” *não* é suficiente. É preciso *provar* que você é digno de confiança.

Mas você acha que ele ouviu? Agora, graças apenas a ele, o projeto da turma inteira para a feira de ciências tinha virado um desastre total! Em *que* ele estava pensando?!

Que era o verdadeiro problema. Ele não estava pensando. Só abrindo e fechando a boca. Planejando pensar nos detalhes depois. Tentando impressionar os caras legais da escola.

Para piorar, a ideia anterior *já era* muito boa. Mas, como ele sempre fazia, Kyle viu um jeito de deixar tudo ainda maior. O entusiasmo dele, como costumava acontecer, contagiou todos ao seu redor. Todo mundo, menos Stacy.

— Você tem certeza, Kyle? — ela perguntou. — Isso vai precisar de um cabeamento bastante complicado. E se mudarmos o projeto para aumentar, não haverá tempo para voltar atrás. Você tem certeza de que consegue fazer isso...?

Bem, é claro que ele tinha certeza. Kyle sempre tinha certeza. Não importa que ele nunca tenha tentado nada tão difícil antes. Que dificuldade poderia existir?! Alguns livros na biblioteca, um pouco de leitura... Fácil demais! Ao menos, ele pensava. Até ligar o interruptor para fazer um teste. E ter arruinado o projeto... o principal circuito elétrico de toda a escola... e a confiança de todo o grupo.



A confiança é algo bastante frágil. Difícil de conquistar. Mas fácil de perder. Não é algo que podemos simplesmente pedir. Ela tem de ser merecida — não pelo que dizemos, mas pelo que *fazemos*. Jesus sabia disso. E em cada momento de sua vida — e em cada detalhe de sua morte — ele trabalhou sem descanso para merecer nossa confiança. Até mesmo seu ato final na Terra teve a intenção de provar que ele era digno dessa confiança.

Mais tarde, sabendo então que tudo estava concluído, para que a Escritura se cumprisse, Jesus disse: “Tenho sede.” Estava ali uma vasilha cheia de vinagre. Então embeberam uma esponja nela, colocaram a esponja na ponta de um caniço de hissopo e a ergueram até os lábios de Jesus. Tendo-o provado, Jesus disse: “Está consumado!” Com isso, curvou a cabeça e entregou o espírito. (João 19:28-30).

Esse é o ato final da vida de Jesus. Nos últimos momentos de sua vida terrena, ouvimos os sons de um homem sedento. Por intermédio da sede — pela esponja e pela vasilha de vinagre de vinho azedo — ele nos diz, mais uma vez:

“Confiem em mim.”

Jesus. Lábios rachados e a boca estéril. A garganta tão seca que não conseguia engolir, e voz tão parca que mal conseguia falar. Ele está com sede. Para lembrar a última vez em que alguma umidade tocou aqueles lábios, será preciso rebobinar doze horas até a refeição no cenáculo. Desde que provou o copo de vinho na Última Ceia, Jesus foi batido, cuspidor, machucado e cortado. Ele carregou a cruz e suportou os pecados, e líquido nenhum aliviou sua garganta. Ele tem sede.

A confiança é algo bastante frágil. Difícil de conquistar. Mas fácil de perder.

Por que ele não faz alguma coisa a respeito? Ele não poderia? Pois não foi ele que fez vasos de água se tornarem vasos cheios de vinho? Ele não fez o rio Jordão virar um muro e não fez duas paredes no meio do Mar Vermelho? Não foi ele que, com uma palavra, expulsou a chuva e acalmou as ondas?

Não foi Deus quem disse: “Pois derramarei água na terra sedenta” (Isaías 44:3)?

Se sim, então por que Jesus, que é Deus, sofre com a sede?

E enquanto fazemos essa pergunta, há ainda muitas outras. Por que ele ficou cansado na Samaria (João 4:6), admirado em Nazaré (Marcos 6:6) e bravo no templo (João 2:15)? Por que ele teve sono no barco no mar da Galileia (Marcos 4:38), ficou triste diante do túmulo de Lázaro (João 11:35) e teve fome no deserto (Mateus 4:2)?

E por que — *por que* — ele tinha sede na cruz?

Ele não precisava sofrer com a sede. Pelo menos não com aquela intensidade. Seis horas antes lhe fora oferecido de beber, mas ele recusou.

Levaram Jesus ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira. Então lhe deram vinho misturado com mirra, mas ele não o bebeu. E o crucificaram. Dividindo as roupas dele, tiraram sortes para saber com o que cada um iria ficar (Marcos 15:22-24).

Antes de o cravo ser martelado, ofereceram a ele de beber. Vinho com mirra — para nublar os sentidos e aliviar a dor. Mas Jesus recusou. Ele recusava ficar estupefato pela droga, preferindo sentir toda a intensidade de seu sofrimento.

Por quê? Por que ele se manteve aberto a todos esses sentimentos?

Porque ele sabia que você sentiria o mesmo.



Kyle estava desolado. Não... *pior* que desolado. Ele tinha tanta certeza...

Era uma ideia *realmente* muito boa. Quem iria imaginar que um detalhe como “experiência prática” iria fazer tanta diferença? Bom, Kyle não imaginou.

E isso foi péssimo. Principalmente agora. Quatro dias antes da

feira de ciências. Os fios todos queimados do projeto arruinado — e os rostos de toda a equipe.

— Valeu *mesmo*, cara! — disse Greg.

— Você não tem ideia de como fazer isso, tem? — completou Annie.

E Stacy? Bom, os olhos *dela* soltavam mais faísca que aquele monte de fios.

— Fala sério, Kyle... *A gente* podia ter estragado tudo sozinhos! Mas, não, fomos confiar no grande... *expert*!

E o que mais havia para acrescentar? Especialmente quando nos sentimos menores que... uma minhoca.



Jesus experimentou todos os sentimentos que sabia que você também experimentaria. Ele sabia que você ficaria cansado, preocupado e irritado. Ele sabia que você ficaria com sono, triste e com fome. Ele sabia que você encararia a dor. Se não a dor do corpo, ao menos a dor da alma... Uma dor aguda demais para ser anulada com drogas. Ele sabia que você encararia a sede. Se não uma sede de água, ao menos uma sede de verdade. E a verdade que aprendemos com a imagem de um Cristo sedento é esta: ele compreende.

Jesus compreende. Ele já “esteve lá”. Ele já “fez tudo”. E porque ele compreende, podemos ir até ele.

Na verdade, caso ele *não* compreendesse, isso seria suficiente para nos manter afastados dele? Mas essa nossa falta de compreensão não nos mantém afastados das outras pessoas? Acho que você não consegue imaginar como expandir seu raio de “permissão”. Você precisa da orientação de um amigo compreensivo. Você procuraria o filho de alguém zilionário? Provavelmente não. Por quê? Porque ele não entenderia. Provavelmente ele nunca passou pelo que você passou, então ele não consegue compreender como você se sente.

Jesus, no entanto, consegue, e pode. Ele já esteve onde você está, e pode compreender como você se sente. E se a vida dele na Terra não serve para convencê-lo, a morte na cruz deveria ter esse efeito. Ele compreende tudo que você está passando. Nosso Senhor não despreza as fraquezas, nem ri das necessidades. Ele responde “livremente, de boa vontade” (Tiago 1:5). Como ele

consegue? Não há resposta mais clara do que aquela do autor de Hebreus:

Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim sendo, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade. (Hebreus 4:15,16).



— **U**au — disse o pai, ouvindo todos os detalhes. — *Toda a* fiação?

— Cada centímetro — disse Kyle — frito... totalmente... acabado! — contou, balançando a cabeça. — Não sei *o que* aconteceu.

— Você não sabe? — perguntou o pai, erguendo uma sobrancelha.

Kyle então estudou todos os passos que tinha dado. Ele sabia, é claro. Ele tinha se deixado carregar de novo... Toda aquela “promessa” e *nenhum* resultado. Apesar de o pai estar pensando *Eu avisei*, ele não disse nada. Ele nunca dizia. Kyle deu um suspiro de alívio.

— Então, veio a pergunta seguinte: O que você vai fazer a respeito?

Fazer?! Não há nada que pode ser feito. Kyle deu de ombros. Bem, eu pedi desculpas. Mas ninguém ficou muito impressionado.

— Não podemos culpá-los — o pai respondeu. — “Desculpas” é um bom *começo*, Kyle. Mas há algo ainda melhor que deveria vir a seguir, lembra? “Deixe eu...”

— ... consertar as coisas!” — Kyle completou a frase com o pai. — Mas como, pai? Essa coisa toda é muito mais difícil do que eu imaginei. Eu não conheço o assunto o suficiente!

O pai passou o telefone.

— Então sugiro que você coloque seu cérebro para trabalhar e

encontre alguém que *conheça*.



Kyle demorou dois dias e vinte e sete telefonemas para conseguir encontrar. Um amigo do pai dele, John Wilcox, engenheiro elétrico. Quem — por mais estranho que pareça — não ficou tão surpreso ao ouvir a história de Kyle. Ele poderia, de fato, mostrar a Kyle como resolver o problema. E acontecia — por felicidade do acaso — de ele ter uma enorme garagem que precisava de uma faxina.

— Já limpou uma garagem antes, Kyle? — perguntou o Sr. Wilcox.

— Ei, sem problemas. Confie em... bom, na verdade, nunca. Mas posso aprender. A experiência é uma ótima professora...



Por que Jesus permitiu a si mesmo experimentar a sede? Para que soubéssemos que ele a compreende; para que todos os que lutam pudessem ouvir o convite que ele faz: “Confie em mim.”

A palavra *confiar* não aparece na passagem da esponja e do vinagre, mas encontramos uma frase que torna essa confiança mais fácil. Repare na sentença anterior à declaração da sede: “Para que a Escritura se cumprisse, Jesus disse: ‘Tenho sede’” (João 19:28). Com esse versículo, João nos dá o motivo por trás das palavras de Jesus. Nosso Senhor estava preocupado com a realização da Escritura. Na verdade, a realização da Escritura é um tema recorrente na paixão e na morte de Cristo. Confira a lista:

Judas traiu Jesus “para que se cumprisse a Escritura” (João 13:18; veja também João 17:12).

A disputa pela roupa de Jesus aconteceu “para que se cumprisse a Escritura que diz: ‘Dividiram as minhas roupas entre si, e tiraram sortes pelas minhas vestes’” (João 19:24).

As pernas de Jesus não foram quebradas “para que se cumprisse a Escritura: ‘Nenhum dos seus ossos será quebrado’” (João 19:36).

A costela de Jesus foi perfurada para cumprir a passagem que diz: “Olharão para aquele que traspassaram” (João 19:37).

João conta que os discípulos ficaram perplexos ao ver o túmulo vazio porque “ainda não haviam compreendido que, conforme a Escritura, era necessário que Jesus ressuscitasse dos mortos” (João 20:9).

Por que tantas referências à Escritura? Por que, em seus momentos finais, Jesus estava tão decidido a cumprir a profecia? Porque ele sabia que nós duvidaríamos. Ele sabia que nós iríamos questionar. E como ele não queria que fechássemos o *coração* para o amor, ele usou seus momentos finais para oferecer uma prova de que ele era o Messias — Aquele cuja vinda havia sido anunciada durante séculos de profecias.

... ele não queria que
fechássemos o *coração* para o
amor...

Cada detalhe do sofrimento e da morte de Jesus foi descrito muito antes:

- a traição por um amigo da família (Salmo 41:9)
- os discípulos que o abandonaram por terem se sentido ofendidos (Salmo 31:11)
- a falsa acusação (Salmo 35:11)
- o silêncio diante de seus juízes (Isaías 53:7)
- a sua inocência provada (Isaías 53:9)
- a inclusão entre os pecadores (Isaías 53:12)
- a crucificação (Salmo 22:16)
- o escárnio dos espectadores (Salmo 109:25)
- o insulto do descrédito (Salmo 22:7,8)
- a disputa por suas vestes (Salmo 22:18)
- a oração por seus inimigos (Isaías 53:12)
- o desamparo de Deus (Salmo 22:1)
- a entrega de seu espírito nas mãos do Pai (Salmo 31:5)

- os ossos não quebrados (Salmo 34:20)
- o enterro na sepultura do homem rico (Isaías 53:9)

**Jesus sabe que precisamos de
alguém em quem confiar.**

Na verdade, estudiosos da Bíblia dizem que, durante sua vida, Jesus cumpriu 332 diferentes profecias que constavam do Antigo Testamento!

Jesus foi pregado à cruz, e disse: “Tenho sede”. Nestas palavras, ele nos deu um aviso final — mais uma prova, em uma vida já repleta delas — de que ele é quem diz ser, o Messias. O Filho de Deus. Aquele em quem podemos confiar mais do que qualquer outra pessoa.

Jesus sabe que precisamos de alguém em quem confiar. Alguém que seja maior, mais forte e mais sábio do que nós. Alguém que nos ame em absoluto. Alguém que nos compreenda com perfeição — porque ele já *foi* um de nós.

Em sua mensagem final — entregue por meio de uma esponja embebida em vinagre — ele diz apenas isto: Eu sou essa pessoa. Confiem em mim.

10.

Entre... a porta está sempre aberta!

“Convido você para entrar em minha presença”

(A promessa de Deus por meio dos espinhos na carne)

[Podemos entrar] por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo.

Hebreus 10:20

Por meio dele tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito.

Efésios 2:18

Aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade.

Hebreus 4:16

Nicole Ryan estava absolutamente imóvel, fitando a porta de metal batida. Ela esticou a mão esguia e gentilmente retirou uma camada de tinta verde, dando lugar a *outra* porta. Uma porta de um carvalho polido, brilhante e dourado. Uma porta que ela havia batido com firmeza, em lágrimas, no último fevereiro — deixando tudo com que ela sonhava, tudo pelo que tinha batalhado tanto, do lado de lá. Fora de alcance, para sempre.

As palavras de Madame Nevetsky tinham sido perfeitamente claras.

Meses atrás, Nicole ainda se lembrava de quão confuso e dolorido tinha sido aquele dia de fevereiro. Ela ainda conseguia ouvir os pensamentos irritados que corriam por sua cabeça: *Não é justo. Não é! Em que Deus estava pensando?! Presentear com um dom desses, depois fazer com que eu não possa usá-lo?*

Mas foi exatamente o que aconteceu. O sonho acabara. A porta se fechara.

Ao menos, era o que parecia... aquele dia de fevereiro para Nicole.



Imagine uma pessoa em frente à Casa Branca. Melhor ainda, imagine que *você* está em frente à Casa Branca.

Lá está você na calçada, olhando pela cerca, por sobre a grama, para a casa do presidente dos Estados Unidos. Lá está você — em ótima forma — cabelo penteado e sapato brilhando. Lá vai você em direção à entrada. Seus passos são vivos e rápidos. E deveriam ser mesmo. Você está indo se encontrar com o presidente.

Você precisa discutir alguns assuntos com ele.

Primeiro, há o problema do hidrante em frente à sua casa. Será que o vermelho poderia ser um pouco mais fosco? Ele é muito brilhante.

Depois, vem o problema da paz mundial. Você é a favor — será que o presidente poderia abraçar a ideia?

Por fim, a matrícula na faculdade é muito cara — seus pais jamais conseguirão pagar. Será que ele poderia ligar para a faculdade que você tanto sonha em cursar e pedir que peguem mais leve?

Todos esses são problemas relevantes, certo? Não irão demorar mais que alguns minutos para resolver. Além do mais, você trouxe biscoitos que ele pode dividir com a primeira-dama e com o primeiro-cachorro. Com a mochila na mão e um sorriso no rosto, você aparece no portão e anuncia para o guarda:

— Eu gostaria de ver o presidente, por favor.

Ele pergunta seu nome, e você dá. Ele olha para você e depois para uma lista, e diz:

— Não temos registro de seu compromisso.

— Mas é preciso ter hora marcada?

— Sim.

— Como eu consigo isso?

— Com a equipe do gabinete.

— Você pode me dar o número?

— Não, é um número restrito.

— Então como posso entrar?

— É melhor esperar até eles o chamarem.

— Mas eles nem me conhecem!

O guarda deu de ombros.

— Então, provavelmente, não vão chamar.

Então você dá um suspiro, se vira e começa a voltar para casa. Suas perguntas ainda não foram respondidas, e seus pedidos não foram atendidos.

E você estava tão perto! Se o presidente tivesse aparecido, você poderia ter acenado, e talvez ele respondesse com outro aceno. Você estava a alguns metros da porta da frente... Mas era como se estivesse a quilômetros dali. Você e o presidente estavam separados pela cerca e pelo guarda.

Também havia o problema do Serviço Secreto. Se você desse um jeito de entrar, eles certamente dariam um jeito de barrar você. A equipe do gabinete

faria a mesma coisa. Havia muitas barreiras.

E quanto às barreiras invisíveis? Barreiras de tempo. (O presidente está ocupado demais.) Barreiras de posição social. (Você não é importante o suficiente.) Barreiras de protocolo. (É preciso seguir os caminhos corretos.) Por fim, você deixa a Casa Branca com nada mais que uma dura lição aprendida. Você não tem acesso ao presidente. Sua conversa com o comandante-em-chefe? Não vai rolar. Você terá de levar a questão da paz mundial e aquela sobre a faculdade de volta para casa. Há muitas barreiras. A porta está fechada.



Nicole não estava nem um pouco acostumada a portas fechadas. Seu talento — seu *dom* especial — sempre fora abrir portas, a vida inteira.

Nicole era dançarina — especialmente talentosa — que sempre soubera que um dia seria primeira bailarina. E ela não era a única a pensar assim. Os primeiros professores de dança haviam visto, e estimulado, o raro talento da menina. O trabalho duro dela garantiu um lugar na Escola Ímã da Arte. Aos quatorze anos, ela já era conhecida como estrela em ascensão da Companhia Municipal de Dança.

Nicole, não era só uma garota que dançava. Dançar era quem ela *era*. Todos que a conheciam sabiam disso. E concordavam. Para as pessoas, ela nunca era “Nicole”, mas sempre “Nicole, a Dançarina”. Parecia... natural. Tão “natural” quanto o futuro brilhante no balé que todos projetavam para ela.

Então, no último fevereiro, tudo mudou.

O rosto fechado de Madame Irina Nevetsky parecia gentil quando chamou Nicole de lado ao fim do ensaio. Somente isso já bastava para deixar Nicole um pouco nervosa.

A diretora da companhia de balé geralmente só usava uma expressão facial: crítica. Seus olhos penetrantes enxergavam todas as falhas, pegavam todas as discontinuidades na forma, notavam o

menor deslize na graça. Suas palavras preferidas eram: “Você pode fazer melhor.”

Os elogios de Madame Nevetsky eram raros — apesar de Nicole já ter ganhado mais do que a parte que lhe cabia. Um olhar de ternura e de preocupação, silencioso. Ver aqueles olhos tão duros repletos de... o que seria? Tristeza?!... foi absolutamente terrível.

— Sinto muito, Nicole, mas não podemos mais ignorar a realidade. Ao longo dos últimos meses você simplesmente cresceu demais.

Nicole baixou a cabeça. (O que não fazia com que ela ficasse nem um pouco mais baixa.) Ela tinha tentado de todo jeito ignorar o estirão de crescimento por que estava passando. Quase oito centímetros no ano! Oito centímetros acrescentados aos antigos um metro e setenta centímetros. Oito centímetros que uma modelo fotográfica consideraria uma bênção. Oito centímetros que um jogador de basquete receberia de bom grado. Mas uma bailarina clássica? Oito centímetros não eram nada mais, nada menos que um... desastre!

— Quanto você tem agora, Nicole? — perguntou Madame Nevetsky, gentilmente. — Um metro e setenta e oito? — Nicole concordou com um aceno da cabeça. — É claro, na ponta dos pés, *en pointe*, você ficará ainda mais alta. Já tem quase um metro e oitenta, e, aos quatorze anos, ainda está crescendo — continuou Madame Nevetsky.

— Acho que você sabe — na verdade, minha querida, você *deve* saber — que nenhuma grande companhia de dança tem interesse em uma bailarina tão alta assim. É muito difícil encontrar um parceiro de dança que tenha a mesma altura.

Nicole sabia. Mas aquilo não fazia a dor do sonho despedaçado menos amarga. *Como Deus deixou isso acontecer?!*

Lágrimas inundaram os olhos de Nicole quando a diretora do balé colocou as mãos sobre as de Nicole.

— Eu sei, querida, dói. O balé clássico está dando adeus para você. Mas o seu dom para a dança continua tão raro e lindo quanto sempre

foi. E há muitas outras formas com que você pode...

Mas Nicole não estava interessada em “outras formas”. É tão injusto! Olhos cobertos de lágrimas iradas, ela os limpou com as costas da mão e correu pela porta, batendo com força ao passar por ela. Fechada!



Sim, algumas portas estão absolutamente fechadas. E — como o futuro de Nicole Ryan no balé — a chance de andar pela rua ao redor da Casa Branca e ver o presidente no gramado é, *de fato*, bem pequena. A menos... A menos, portanto, que *ele* tome a iniciativa. A menos que ele, vendo você na calçada, sinta dó de seus pedidos e peça ao chefe de sua equipe:

— Está vendo aquela pessoa com biscoitos em uma mochila? Vá até ela e diga que eu gostaria de lhe falar um instante.

Se ele desse tal ordem, todas as barreiras cairiam. O Salão Oval iria ligar para o chefe da segurança. O chefe da segurança iria ligar para o guarda, e o guarda iria chamar seu nome.

— Adivinhe só! Não sei explicar o motivo, mas a porta até o Salão Oval está aberta.

Você para e dá meia-volta, arruma a postura e entra pela mesma porta em que — momentos atrás — você foi barrado. O guarda é o mesmo. O portão é o mesmo. Os seguranças são os mesmos. Mas a situação não é a mesma. Agora, você pode ir onde antes não podia.

Além disso, *você* também não é o mesmo. Você se sente especial, escolhido. Por quê? Porque o homem lá de cima olhou você aqui embaixo e tornou a sua entrada possível.

Sim, você está certo. É *mesmo* uma história maluca. Jamais aconteceria. Você e eu sabemos que, quando se trata do presidente, não adianta esperar — nunca nenhum convite chegará. Mas e quando se fala de Deus? Bem, então é melhor apanhar uns biscoitos e entrar — porque esse convite *já* aconteceu!

Ele já viu você. Já ouviu você e já o convidou. O que antes separava vocês agora foi removido: “Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo” (Efésios 2:13). Nada se interpõe entre você e Deus, apenas uma porta aberta.

Nada se interpõe entre você e Deus, apenas uma porta aberta.

Mas como isso é possível? Se não conseguimos entrar para ver o presidente dos Estados Unidos, como podemos conseguir uma audiência com Deus? O que aconteceu? Para simplificar, alguém removeu as cortinas. Alguém rasgou o véu. Alguém abriu a porta.



A porta do quarto de Nicole ficou fechada por um bom tempo durante fevereiro e março. Ela não queria ver ninguém. Ela não queria falar com ninguém — apesar de (incrível!) a Madame Nevetsky ter ligado várias vezes. Nicole só queria ficar sozinha.

Ela passou longas horas trancada no quarto durante aquelas semanas. Ferida. Confusa. Irritada. Muito irritada — especialmente com Deus! (Ele está acostumado com isso.) Ela precisava compreender. Ela precisava culpar *alguém*. (Deus estava acostumado com isso, também.)

Mas ninguém consegue ficar bravo para sempre. Especialmente quando Deus — e Madame Nevetsky — dá uma mãozinha.

— Muito bem, querida, eu sei que você está machucada — disse a persistente diretora quando Nicole finalmente atendeu o telefone. — Mas, sério, Nicole, você pode fazer melhor que isso!

Fazer melhor? Como? Não há nada para fazer!

Mas havia, é claro. E Madame Nevetsky estava preparada para listar tudo.

— Existe muito mais na dança que apenas nosso amado balé, sabe? Muitas outras maneiras de usar esse seu dom maravilhoso. Há muitas companhias de dança modernas que não ligam para a altura. Há a coreografia... as aulas... tantos caminhos para usar seu talento. Mas

não foi por isso que liguei...

De fato, não era. O que Madame Nevetsky tinha planejado para Nicole, naquele momento, era algo completamente diferente.

— Você teve muito azar, Nicole. Seu dom foi reconhecido e cultivado. Todas as portas foram abertas para você. Mas Deus concede dons em outras áreas, também. Para crianças que vivem em um mundo de portas *fechadas*. Crianças sem as vantagens que você teve. Crianças cujos talentos não poderão ser admirados, nem incentivados. A menos que *alguém* esteja observando.

— Deixe eu contar sobre algo bastante especial que vamos fazer neste verão em um centro comunitário. Uma porta que *você* pode ajudar a abrir...



Algo bastante especial aconteceu na cruz — algo mais do que maravilhoso aconteceu com a morte de Cristo — que acabou abrindo uma porta, para você e para mim. Esse algo é descrito pelo autor de Hebreus:

Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo. (Hebreus 10:19,20).

Para os leitores originais daquela carta, aquelas últimas palavras foram bombásticas: “por meio do véu, isto é, do seu corpo.” De acordo com o autor, o véu era Jesus! Assim, o que quer que tenha acontecido com a carne de Jesus, aconteceu também entre nós e Deus. O que aconteceu com a carne? Ela foi lacerada. Rasgada pelo chicote, cortada pelos espinhos. Arranhada pelo peso da cruz e perfurada pela ponta dos cravos. Mas, no horror da carne lacerada, encontramos o esplendor da porta aberta.

“Depois de ter bradado novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito. Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo” (Mateus 27:50,51).

Aquela cortina nada mais é do que a cortina do templo. O véu que pendia diante do Santo dos Santos.

O Santo dos Santos, você se lembra, era a parte do templo em que ninguém podia entrar. Os fiéis judeus tinham acesso apenas ao salão exterior, mas apenas os sacerdotes podiam adentrar o Sagrado. E ninguém, exceto pelo alto sacerdote, em um dia específico do ano, entrava no Santo dos Santos. Ninguém. Por quê? Porque a “glória Shekinah” — a glória de Deus — estava presente.

Se dissessem que você tinha liberdade para entrar no Salão Oval da Casa Branca, provavelmente você balançaria a cabeça e daria risada.

— Você é praticamente um palhaço, cara!

Agora multiplique essa descrença por um milhão, e você terá uma ideia de como um judeu se sentia quando alguém dizia que ele poderia entrar no Santo dos Santos.

— Você é praticamente um animador, senhor!

Ninguém, além do alto sacerdote, entrava no Santo dos Santos. *Ninguém*. Em termos mais do que claros, a cortina declarava: “Até aqui, e não mais!”

Mas o que é que quinze séculos de um Santo dos Santos recoberto por uma cortina representa? Simples. Que Deus é santo... e separado de nós, para não ser incomodado. Mesmo a Moisés foi dito: “Você não poderá ver a minha face, porque ninguém poderá ver-me e continuar vivo” (Êxodo 33:20). Deus é santo, nós somos pecadores, e há uma distância entre nós.

Mas isso não é problema nosso? Sabemos que Deus é bom. Sabemos que nós não somos, e que nos sentimos longe de Deus. As antigas palavras de Jó ainda nos servem: “Se tão somente houvesse alguém para servir de árbitro entre nós” (Jó 9:33).

Ah, mas existe! Jesus não partiu deixando para nós um Deus inalcançável. Sim, Deus é santo. Sim, somos pecadores. Mas sim, sim, sim, Jesus é nosso mediador — o único que “fica entre” nós e Deus. “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus” (1 Timóteo 2:5). Jesus era a cortina entre nós e Deus. Mas sua carne foi rasgada!

O que parecia ser crueldade dos homens era, na verdade, misericórdia de Deus. Mateus diz: “Depois de ter bradado novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito. *Naquele momento*, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo” (Mateus 27:50,51, grifos do autor).

É como se as mãos do Céu estivessem com as mãos no véu, só esperando por esse instante. Em um segundo, ele estava inteiro; no segundo seguinte, estava partido em dois de cima a baixo. Sem atrasos. Sem hesitação.

O que a cortina rasgada significa? Para os judeus, significou o fim das

barreiras entre eles e o Santo dos Santos. Não havia mais sacerdotes para se interpor entre eles e Deus. Nenhum sacrifício animal era necessário para pagar pelos pecados.

E quanto a nós? O que a cortina rasgada significa para nós? Tudo. Pelo que aconteceu na cruz, porque a cortina foi rasgada, somos bem-vindos para entrar na presença de Deus — a qualquer dia, em qualquer horário. Deus removeu a barreira que nos separava dele. A barreira do pecado que surgiu entre nós e o Pai no Jardim do Éden caiu. Deus já resolveu nossos pecados na cruz. Ele removeu a cortina. A porta está aberta, e Deus nos convida a entrar. Somos bem-vindos. E nem precisamos levar biscoitos.



Em uma bela tarde de junho — *eras* depois da dor de fevereiro — Nicole Ryan estava absolutamente imóvel, diante de uma porta de metal batida de um tímido centro comunitário. Ela sorria.

Madame Nevetsky estava certa. *Outros* tipos de dança existiam. E muitas *maneiras* de uma bailarina exercitar sua arte, e de honrar seu dom. Na verdade, na semana passada uma companhia de dança irlandesa em excursão chamou a atenção de Nicole com a música inspiradora e com a graça deslumbrante. Definitivamente, valia a pena investigar. Mas aquilo era para depois.

Madame estava certa sobre outra coisa também: toda vez que uma porta se fecha, outra se abre!

Nicole estendeu a mão esguia, abriu essa porta *inesperada* e foi em frente. Deu de cara com a... alegria!

Alinhadas em uma fileira não muito reta, todas devolvendo o olhar, estavam quinze pequenas meninas. Rostos brancos. Rostos negros. Rostos marrons e amarelos. Um *arco-íris* de menininhas. Garotinhas com meias remendadas, maiôs sobrando e sapatilhas enormes e emprestadas. Garotinhas, com olhos brilhantes como estrelas, que praticamente *vibravam* de animação. Porque hoje — hoje! — *elas* iam aprender a dançar!

**Toda vez que uma porta se
fecha, outra se abre!**

11.

O presente que continua a dar

“Eu redimi você e o sustentarei”

(A promessa de Deus por meio do sangue e da água)

Mas quando este sacerdote acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus. Porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados.

Hebreus 10:12,14

Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

1 João 4:10

Você já praticou algum esporte coletivo? Empolgante, não é? Especialmente quando seu time ganha. Claro, mesmo quando seu time não ganha você ainda se aproveita de uma série de benefícios. O exercício. A diversão. A energia — aquela sensação de pertencer a alguma coisa maior do que você. Isso sempre acontece, na vitória *e* na derrota.

E quando seu time *vence*? Ah, é aí que as coisas ficam *muito* mais interessantes — quando uma coisa bastante especial acontece. E você nem precisa ser o melhor jogador do time. Na verdade, você pode ser o pior jogador da equipe e ainda assim acontece tanto com você quanto com a estrela do time. Quando seu time vence, você *também* é um vencedor! Você compartilha o bom trabalho de outras pessoas simplesmente por estar na equipe.

Jesus não fez o mesmo por você? Se aceitou Jesus como o Salvador, você não ganhou um lugar no time de Deus?

Mas o que a sua equipe faz por você nos dias de jogo, o Senhor faz *todos* os dias. Por causa da participação dele, você cruza a linha de chegada todo dia com um placar perfeito. Não interessa se você “bobeou” aqui ou se “comeu bola” ali. O que interessa é que você apareceu para jogar e estava do lado certo. No caso, do lado de um time invencível: você, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não existe time melhor.

A você é dado o prêmio, não por seu desempenho, mas por quem você conhece — por causa do time em que está jogando.

Bem legal, não acha? Mas existe algo mais legal ainda entre você e Deus. É a *outra* coisa que acontece quando você joga em um time. Uma coisa que acontece *dentro* de você.

Pense um pouco. Você nunca reparou como jogar em um time — especialmente em um time com jogadores melhores do que você — isso faz com que *você* também jogue melhor? Conforme o tempo passa, você começa a se movimentar melhor... a continuar um pouco mais a jogada... a entrar um pouco mais duro... para acompanhar a qualidade do time. Para resumir, porque você está no time, você *muda*.

Aonde quero chegar com tudo isso? Aqui:

- *Só de estar em um time vencedor, você também é um vencedor. É o que acontece para você.*
- *Só de participar de uma equipe, você já se torna um jogador melhor. É o que acontece dentro de você.*
- *Quando Jesus morreu na cruz por nossos pecados, nós fomos salvos. Essa é a obra que Cristo realiza por nós.*
- *Por causa da morte de Jesus na cruz, podemos nos tornar um pouco melhores... mais fortes em espírito... mais santos... todos os dias. Essa é a obra que Cristo realiza dentro de nós.*

A obra de Cristo por nós.

A obra de Cristo em nós.

Ambos dons de Deus.

“Porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (Hebreus 10:14). Vê os dois tempos verbais, passado e presente? Nós *fomos* “aperfeiçoados”. Negócio encerrado. Nós *estamos sendo* “santificados”. Ainda está acontecendo. Todos os dias.

Jesus abriu bem os braços para morrer na cruz. Você conhece algum gesto mais perfeito — mais *amoroso* — que esse?



Lauren passou as mãos pela saia rendada do longo vestido e fez caretas no espelho. Deu uma volta e olhou por sobre o ombro para ver o laço inflado e as longas fitas que pendiam da grande fita de cetim. *Uma fita, pelo amor de Deus!* A parte de trás não agradava nem um pouquinho a mais do que a frente.

É tão infantil! E tão... rosa. Então, ela mordeu os lábios, e depois deu um sorriso. *Mas por que eu estou tão surpresa? Rosa é a cor favorita da noiva.*

Ao pensar na noiva — e no noivo — o sorriso se transformou em

risada, e os olhos se encheram de amor.

Aquele casamento era a *cara* deles. Meio brega. E muito, muito doce. E se eles queriam uma dama de honra de treze anos — em um vestido *muito* rosa — era o que eles iriam ter. Mas também teriam um pajem de um metro e oitenta centímetros de altura. Lauren rolou de rir quando lembrou a cara do irmão de quinze anos de idade quando recebeu a *mesma* notícia.

Lauren deu mais uma olhada no espelho. Não. O vestido não tinha ficado nem um pouquinho melhor. *Bom, paciência, encare isso como um presente de casamento.* Família! O que fazer?!



Relacionamentos são estranhos e maravilhosos ao mesmo tem- po. E nenhum exemplo poderia ser melhor que nosso relacionamento com Deus. Igualmente estranhos e maravilhosos são os dons que ele concede — e a obra que ele realiza *por* nós e *dentro* de nós.

A obra de Deus *por* nós. A obra de Deus *em* nós. Ambos são dons lindos e *poderosos*. Negue o primeiro e você morrerá de medo. Negue o segundo, e você morrerá de preguiça. Qualquer uma das situações seria lamentável, pois esses dons nos foram dados na cruz. Na verdade, sinais de ambos podem ser enxergados na sujeira umedecida ao pé da cruz. Vamos olhar a primeira mais de perto:

A obra de Deus por nós.

Leia esta passagem: “Um dos soldados perfurou o lado de Jesus com uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19:34). Nas Escrituras, sempre houve uma ligação entre o sangue e a misericórdia. Indo longe, até chegar em Abel, um dos primeiros filhos de Adão, todos nós fiéis sabemos que “sem derramamento de sangue não há perdão” (Hebreus 9:22).

Como Abel, um simples pastor, sabia dessa verdade ninguém sabe, mas, de algum jeito, ele sabia que devia oferecer mais do que orações e safras inteiras. Ele sabia que devia oferecer uma vida. Ele sabia que devia entregar mais que coração e desejos; ele sabia que devia entregar sangue. Com o campo como

templo e o chão como altar, Abel escolheu a melhor ovelha do rebanho e se tornou o primeiro a fazer o que milhões de pessoas imitariam. Ele ofereceu um sacrifício de sangue em nome dos pecados. E Deus ficou muito satisfeito com Abel e seu presente.

Mas com o irmão de Abel, Caim, a história é um pouco diferente. Caim também tinha um presente para Deus. Mas ele escolhera oferecer apenas o alimento de seus campos. Quando o presente foi rejeitado por Deus, Caim ficou tão bravo, machucado e com ciúmes de Abel que assassinou o irmão!

Caim e Abel. Dois irmãos. Um escolheu agradar a Deus. O outro escolheu seguir outro caminho. As consequências foram *enormes*.

O corpo de Jesus Cristo foi
oferecido uma vez por todas.

Naqueles dias, naqueles tempos, Deus queria sangue. E os que seguiram o exemplo de Abel formam uma fila bem grande: Abraão, Moisés, Gideão, Sansão, Saul, Davi, Jacó, Arão... Eles sabiam que o derramamento de sangue era necessário para o perdão aos pecados.

Mas essa fila acabou na cruz. O que Abel conseguiu realizar nos campos, Deus realizou com seu Filho. O que Abel começou, Cristo terminou.

Depois do sacrifício de Jesus não haveria mais necessidade de sangue derramado. “Não por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, e obteve eterna redenção” (Hebreus 9:12).

O Filho de Deus se tornou Cordeiro de Deus, a cruz se tornou altar, e nós “fomos santificados, por meio do sacrifício do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas” (Hebreus 10:10).

O que precisava ser pago foi pago. O que precisava ser feito foi feito. Era necessário sangue inocente. Sangue inocente foi oferecido, de uma vez por todas. Enterrem essas cinco palavras no fundo do coração: *de uma vez por todas*. Porque o que elas dizem para você é o seguinte: você não tem como merecer a salvação. Jesus já fez tudo por você. A salvação é sua. O presente foi oferecido para você aceitar.



Lauren estava na entrada da longa nave. Esperando. Ajeitou a saia do vestido rosa pela última vez e balançou os longos cabelos escuros trançados com diversas fitas rosa e finas. Esperou mais um pouco. Então, deu um pulo quando um estrondo tomou conta da igreja lotada e deu início à marcha nupcial.

Certo, vamos lá. Com um último olhar por sobre os ombros, ela começou a avançar, espalhando pétalas de rosa — cor-de-rosa, é claro! — até o altar. Atrás dela, a noiva. À sua frente esperava o noivo.

E que noiva, e que noivo!

Praticamente flutuando por sobre as pétalas — cobrindo atrás de si uma grande distância com cetim e renda brancos — a noiva dos cabelos prateados entrou pela nave. Cada passo deixava seu sorriso maior. No altar, esperando por sua “querida Amy” — a careca brilhando sob as luzes do santuário, apenas *levemente* desconfortável no *smoking* alugado — estava o noivo.

Os avós de Lauren — os avós adoráveis, esquisitos e maravilhosos — estavam se casando. De novo. No dia do aniversário de cinquenta anos de casamento.

Lauren não estava tão certa de que entendia direito. Quer dizer, eles já eram casados, certo? Estavam casados havia cinquenta anos. Então, qual era o sentido de...?

Não importa. Era o que eles queriam. E estava tudo certo para Lauren. E parecia fazer sentido para *eles*.

— Bem, sabe como é, querida, gostamos de comemorar sempre de um jeito especial.

E falando de celebrações especiais, essa realmente merecia um prêmio. Um bolo de casamento. Apesar de tudo, Lauren não conseguia evitar pensar por que eles estavam fazendo algo que já estava... *feito*.



A obra de Deus *por* nós já foi realizada. Assim como a vitória do seu time também é creditada a você, a vitória do sangue de Jesus é creditada a nós. Mas essa é só uma *parte* da história.

Lembra o que mais acontece quando você joga em uma equipe? Você melhora. Você *muda*. Assim como sua habilidade melhora devido à influência da equipe, sua vida pode melhorar quanto mais você caminhar e quanto mais íntimo for de Jesus. A obra *por* nós já foi completada. Mas e quanto a obra *em* nós? Ah, essa continua... e continua... e continua.

Podemos enxergar a obra dele por nós no sangue que foi derramado na cruz. Na água que saía pelo flanco, enxergamos...

A obra de Deus em nós.

Você se lembra das palavras de Jesus para a samaritana? “Quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (João 4:14). Jesus oferece não só um gole bem especial, mas toda uma fonte inesgotável! E essa fonte não é um buraco no seu quintal, mas o Espírito Santo de Deus em seu coração.

“Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.” Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nele cressem. Até então o Espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado. (João 7:38,39).

A água, nesse versículo, é um retrato do Espírito de Jesus que opera *em* nós. Jesus purifica, refresca e ressuscita. Ele não está operando para nos salvar, note bem; essa obra já foi realizada. Ele está operando para nos transformar. Eis como Paulo descreve esse processo:

Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas em minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, *ponham em ação* a salvação de vocês *com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês* tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele. (Filipenses 2:12,13, grifos do autor).

Como resultado da “salvação” (a obra do sangue), o que fazemos? Obedecemos a Deus “com temor” e nos afastamos de tudo que possa desagradar a ele. Em outras palavras, amamos o vizinho e evitamos fazer fofoca. Recusamo-nos a trapacear e fazemos o melhor que podemos para amar pessoas difíceis de amar. Mas fazemos isso buscando a salvação? Não. Essas são as boas coisas que resultam de ser salvo.

Algo parecido acontece no casamento. Será que a noiva e o noivo ficam “mais casados” do que no primeiro dia de casamento? Os votos são feitos e as certidões são assinadas — como alguém pode ficar mais casado que isso?

Talvez seja possível. Imagine um casal — como os avós de Lauren — cinquenta anos depois. Quatro filhos depois. Algumas mudanças a trabalho e uma montanha-russa de picos e vales depois. Depois de quase meio século de casamento, um termina a frase do outro e um consegue pedir o prato favorito do outro de olhos fechados. Eles até começam a ficar parecidos depois de um tempo. (Um pensamento que muito atormenta *minha* esposa.) Não é compreensível que duas pessoas estejam mais casadas no aniversário de cinquenta anos de união do que no primeiro dia?

Por outro lado, como isso é possível? A certidão de casamento não ficou mais madura. Ah, mas o relacionamento amadureceu, e há uma grande diferença. Tecnicamente, o casal não está mais unido do que quando deixou o altar. Porém, em termos de relacionamentos, eles estão completamente mudados.

O casamento é tanto um acordo pontual quanto um compromisso diário, algo que você faz um dia e continua fazendo.

O mesmo vale para a caminhada com Deus.



Lauren deu uma mordida no bolo de morango e olhou para a enorme festa com olhos maravilhados. Os convidados conversavam e dançavam. Malabaristas faziam malabares. Acrobatas faziam suas acrobacias. Palhaços... faziam palhaçadas! E bem no meio daquilo tudo — tendo o dia mais especial de sua vida — estavam a noiva e o noivo.

Lauren sorriu. *Só o vovô e a vovó para contratar um circo para a festa do casamento. Do segundo casamento — o que acabara de*

lembrar a ela...

Lauren deslizou no meio da multidão — desviando com cuidado do comedor de fogo — e passou um braço pela cintura do avô.

— Vovô — ela disse, dando uma beijoca na bochecha — eu só não entendo uma coisa...

— Só uma? — provocou. — Bastante impressionante para alguém de treze anos.

Lauren riu.

— Não, sério. Você e a vó Amy estão casados há cinquenta anos. Então, por que isso? Você está *mais* casado agora?

Ele abraçou Lauren e deu um sorriso que cruzou toda a sala, até encontrar a noiva.

— Querida, sua avó e eu ficamos um pouquinho *mais* casados todos os dias! Essa é a maravilha dos relacionamentos. Eles sempre crescem e mudam — revelando novas surpresas. Como você.

— Eu?

— Sim, *você*. Você é uma parte importante do nosso relacionamento *agora*. Mas quando tudo começou, cinquenta anos atrás, você era apenas um lindo pensamento na mente de Deus.

O avô passou a mão em uma das faixas rosa do cabelo da neta.

— Faz a gente pensar, não?

Será que você consegue ficar mais salvo do que no primeiro dia da sua salvação? Não. Mas será que a salvação pode evoluir? Absolutamente. Como o casamento, a salvação é um acordo pontual e um compromisso diário.

O sangue é o sacrifício de Deus por nós.

A água é o Espírito de Deus em nós.

E precisamos dos dois. João muito se preocupa para que todos saibam disso. Não é suficiente saber *o que* saiu de Jesus; precisamos saber *como* aquilo saiu: “Logo saiu sangue e água” (João 19:34). João não dá destaque a nenhum dos dois. Mas nós, ah, como fazemos isso!

Algumas pessoas aceitam o sangue mas esquecem a água. Elas querem ser salvas, mas não querem ser transformadas.

Outras pessoas aceitam a água mas esquecem o sangue. Elas se mantêm ocupadas com Cristo, mas nunca encontram paz.

E quanto a você? Você tende a seguir mais um caminho que o outro?

Você se sente tão salvo que nunca serve a ninguém? Você está tão feliz com o placar construído por seu time que nunca mais quer deixar o campo? Em caso afirmativo, permita que eu faça uma pergunta. Para começo de conversa, por que Deus colocou você para jogar? Por que ele simplesmente não sugou você de volta no momento em que o salvou? A verdade é que você e eu estamos aqui por uma razão, e essa razão é glorificar a Deus ao servir.

Ou será que sua tendência é a oposta? Talvez você sempre sirva por medo de não acabar salvo. Talvez você não confie no próprio time. Você está preocupado que seus enganos *contem* contra você — que eles acabem até cortando você do time. Se você é assim, saiba o seguinte: o sangue de Jesus é suficiente para salvar você.

Grave no coração o anúncio de João Batista: Jesus é o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Você *já foi* salvo. Isso nunca mudará. Mas você ainda pode mudar. E deveria.

Você pode se abrir para o Espírito de Deus operar *em* você. Cresça. Evolua. Mude. E seja *tudo* que ele pretende que você seja.

**A verdade é que você e eu
estamos aqui por uma razão...**

12.

Amor tenro. Duro amor. Amor verdadeiro.

“Para sempre amarei você”

(A promessa de Deus por meio da cruz)

Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

João 3:16

Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

1 João 4:10

Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus.

2 Coríntios 5:21

Zeke sorriu ao olhar para a fotografia antiga presa no mural. *Acho que tínhamos dois... três anos... no máximo.* Dois menininhos, rostos lambuzados de chocolate do bolo de aniversário de alguém. Tony e “Eky-é” (que era o mais perto que Tony conseguia chegar de “Ezekiel” quando se conheceram no tanque de areia da creche).

Logo chegaram a um acordo com o apelido de “Zeke”. E pegou. É claro, Tony o chamava de muitos outros jeitos, também, durante todos os anos do Ensino Fundamental. “Vai-logo-Zeke”, “Olha-isso- Zeke”, “Se-liga-Zeke”, “Magnífico, Zeke” e até (por um tempo felizmente curto) “El Zeako”. Mas a despeito de qualquer apelido, Tony *sempre* o chamou de... amigo.

Mas talvez aquilo não durasse muito. Zeke tinha um problema.

Como você conta para o seu melhor amigo que ele está agindo como um... bem, como um... babaca?! Ou mesmo, *será* que você deve contar?

Não seria mais correto apenas não reparar? Dar espaço para ele resolver seus problemas? Ficar ao lado dele na alegria e na tristeza — ainda que Tony estivesse *forçando* essa tristeza muito além do ponto — como sempre?

Por outro lado, seria justo *não* dizer nada? Deixar que ele continuasse cometendo erros e mais erros?



Todos nós encaramos momentos na vida em que devemos escolher entre fazer a coisa mais gentil e fazer a coisa *certa*. Contar a verdade para aquele

amigo e arriscar machucar os sentimentos dele? Ou será melhor olhar na direção contrária, deixando os erros o levarem para outro lugar?

Em escala infinitamente maior, Deus passa com a humanidade o que Zeke passou com o amigo Tony e toda aquela crise em sua vida. Como é que ele pode ser, ao mesmo tempo, justo e simpático? Como pode dar confiança e ter dó? Como pode redimir o pecador sem endossar o pecado?

Poderia um Deus santo ignorar nossos erros?

Poderia um Deus gentil punir nossos enganos?

Do nosso ponto de vista, há apenas duas soluções igualmente desagradáveis. Porém, do ponto de vista de Deus, há uma terceira solução. Ela é chamada “a Cruz de Cristo”. Ela é o lugar onde Deus faz com que justiça e compaixão permaneçam *juntas*, em perfeita harmonia.



Zeke não estava mais perto de encontrar uma resposta para ajudar Tony hoje do que há um mês. E ele estava ficando bastante cansado de tentar descobrir essa resposta! Na verdade, ele se sentia bastante tentado a fazer aquilo que parecia que Tony queria que *todo mundo* fizesse — deixá-lo sozinho! *Ele está fazendo um ótimo trabalho para conseguir isso!* Hoje tinha sido a última gota...

Ei, pega leve com o cara. Ele é o seu melhor amigo, lembra? Ele era mesmo, e doía em Zeke ver Tony se machucando tanto. O divórcio dos pais tinha atingido o amigo em cheio. Tão forte, na verdade, que Tony tinha se tornado uma pessoa quase completamente diferente. Os professores pararam de se preocupar com as notas dele — ele nem se importa mais com as lições. A estrela do time de futebol faltava a mais treinos do que comparecia. E *quando* ele aparecia, ele parecia sempre decidido a ser o jogador mais sujo e violento em campo. O que aconteceu com o menino bom e de sorriso grande? Bem, ele havia se *transformado* em alguém que trata os amigos como... lixo.

... ele havia se *transformado* em

alguém que trata os amigos
como... lixo.

Até mesmo o *melhor* amigo — isso doía mais do que Zeke gostaria. E ele tentou tudo que conseguiu pensar para ajudar Tony a superar essa fase difícil. Mas nada disso parecia fazer a menor diferença. Quando ele tentava conversar, Tony não estava a fim de ouvir. Quando ele se oferecia para ouvir, Tony não estava disposto a falar. E ele fechou os olhos muitas vezes para diversos comportamentos ruins. Ele queria *muito* “estar lá” por seu amigo, mas Tony não estava querendo ajuda. Para ser sincero, Zeke tinha de admitir que não tinha a menor ideia de como ele próprio iria agir se sua família fosse dividida ao meio. Principalmente porque ele estaria bem no meio, como Tony.

Os pais de Tony tentaram costurar um divórcio “amigável”. Mas cada um sentia que a culpa era mesmo do outro. E dava para perceber. Então, veio o problema sobre com quem Tony iria morar. Os dois queriam a guarda do filho. Mas Tony — que culpava os *dois* — não queria viver com nenhum deles. Mas ele *tinha* de escolher.

Então ele precisava escolher. E escolheu. E foi o que ele escolheu — e o porquê — que deixaram Zeke furioso! E confuso. Dividido entre o que era amável e o que era certo. Tentando ir a duas direções ao mesmo tempo. Direções opostas, podemos dizer.



A cruz. Você consegue olhar em alguma direção sem enxergar uma? No topo de uma capela. Encravada na sepultura do cemitério. Gravada em um anel ou pendurada em uma corrente. A cruz é o símbolo universal do Cristianismo. Uma escolha peculiar, você não concorda? É estranho que um instrumento de tortura possa personificar um movimento de esperança. Os símbolos das outras crenças são mais animados: a estrela de seis pontas de Davi, a lua crescente do islã e o

lótus em flor no budismo. E uma cruz para o Cristianismo? Um instrumento de execução?

Você usaria uma pequena cadeira elétrica pendurada no pescoço? Você penduraria uma força banhada a ouro em sua parede? Imprimiria a imagem de um pelotão de fuzilamento em seu cartão de visitas? Pois nós fazemos todas essas coisas com a cruz. Muitos até mesmo fazem o sinal da cruz ao orar. Será que faríamos um símbolo de uma, digamos, guilhotina? Em vez dos toques nos ombros e na testa, será que aceitaríamos trocar por uns golpes de caratê? Acho que não tem a mesma força, não é mesmo?

Mas por que a cruz é o símbolo da fé cristã? Para encontrar a resposta, não precisa ir além do que a própria cruz. Não poderia haver desenho mais simples. Um tronco horizontal — e outro vertical. Um estende os braços — como o amor de Deus. O outro retidão de cima a baixo — como a santidade de Deus. Um mostra o comprimento do amor divino; o outro mostra a altura da santidade dele. A cruz é essa interseção. A cruz é onde Deus perdoou seus filhos sem precisar se rebaixar.



Os parâmetros que Tony usou para fazer a escolha sobre com quem iria morar não podiam ser mais baixos. Isso porque eles tinham a intenção de causar o máximo de dor em todos os envolvidos. Incluindo Tony — não que *isso* parecesse importar alguma coisa.

— Sim, eu já decidi — ele contou para Zeke, uma tarde. — Vou morar com meu pai.

Zeke estava surpreso. Ele sabia que Tony adorava sua mãe.

— Eu achei que você e seu pai não se davam muito bem — só quando você ganhava uma partida de futebol.

— É verdade — Tony confirmou com o olhar.

Zeke tentou de novo.

— E você não reclama sempre que ele nunca tem tempo para você?

— Ele não tem mesmo — disse Tony, com uma risada. — Essa é a beleza da coisa, meu amigo.

— Mas e a sua mãe? — Zeke sabia como eles eram próximos.

Tony deu de ombros.

— O que tem ela? Ela supera. Além disso, ela está sempre pegando no meu pé. “Fez a lição?” “E as tarefas?” “Sério, Tony, você precisa dormir. Apague tudo às dez, mocinho!” Como se ela *ligasse*... A voz de Tony tremeu um pouco na última palavra. Eram lágrimas nos olhos dele?

Tony levantou e foi até a janela.

— Meu pai, por outro lado, não vai nem *ver* o que eu faço. Pense nisso, Zeke: liberdade!

Zeke não estava convencido. E não tinha a menor certeza de que Tony estava convencido também.

— Mas isso significa que você vai viver do outro lado da cidade. Vai para uma escola diferente. E quanto aos seus amigos...? — *E quanto a mim?*, era o que ele queria dizer.

Tony olhou pela janela por um bom tempo, e respondeu:

— Ei, as coisas mudam. *Isso* eu já aprendi!

Zeke não sabia o que dizer. Mas ele tentou.

— Bom... Acho que seu pai vai ficar feliz.

Tony riu.

— Eu não contaria com isso. Sabe aquela história de “meu-filho-craque-de-bola” de que ele tanto gosta?

Zeke fez que sim com a cabeça. Futebol era a única coisa que realmente unia Tony e seu pai.

— Larguei. Como eu disse, as coisas mudam.

Zeke estava chocado. A mãe. A escola. Os amigos. E, agora, o futebol! Tony estava jogando tudo fora! *Bom, é conosco. Com todos nós. Se Tony se sente mal, então todo mundo vai ficar ainda pior! Que tipo de valores são esses?!* Foi quando Zeke começou a ficar bastante irritado.



Deus perdoou seus filhos sem precisar se rebaixar... Como ele conseguiu isso? Em uma frase: Deus colocou nossos pecados em seu Filho, e os puniu ali.

“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21).

Ou, como é dito em outro lugar: “Em Cristo não havia pecado. Mas Deus colocou sobre Cristo a culpa dos nossos pecados para que nós, em união com ele, vivamos de acordo com a vontade de Deus” (2 Coríntios 5:21, NTLH).

Imagine a cena. Deus em seu trono. Você na Terra. E entre você e Deus — suspenso entre você e o Céu — está Cristo na cruz. Seus pecados são colocados em Jesus. Deus, que pune o pecado, libera sua justa ira em cima dos seus erros. Jesus recebe o golpe. Como Cristo está entre você e Deus, nada acontece a você. O pecado é punido, mas você continua a salvo — salvo sob a sombra da cruz.

**Deus perdoou seus filhos sem
precisar se rebaixar....**

Foi o que Deus fez, mas por que, por que ele faria isso? Obrigação moral? Dever celestial? Requisito paternal? Não. De Deus nada é exigido.

Além do mais, reflita sobre o que ele fez. Ele entregou seu Filho. Seu único Filho. Você faria isso? Se tivesse um filho, você ofereceria a vida dele por outra pessoa? Eu não faria. Existem pessoas por quem eu daria minha vida. Mas pedir para eu fazer uma lista das pessoas por quem eu daria a vida da minha filha? A folha permanecerá em branco. Nem vou precisar de caneta. Essa lista não tem nenhum nome.

Mas a lista de Deus contém o nome de todas as pessoas que já viveram. Esse é o tamanho do amor divino. Essa é a razão da cruz. Ele ama o mundo.

“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Da mesma maneira que o tronco vertical proclama a santidade de Deus, o tronco horizontal declara todo o amor divino. E, oh, como é amplo o alcance do amor divino!

Qual é o tamanho do amor de

Deus?

Você não se contenta com o fato de os versículos não dizerem:

“E Deus amou os ricos...”?

Ou “Deus tanto amou os famosos...”?

Ou Porque Deus amou os magros...”?

E eles não dizem. Como também não dizem: “Deus amou europeus e africanos...”; “...o sóbrio e aquele que é vencedor...”; “...o jovem e o velho...”

Não, quando lemos João 3:16, lemos apenas (e felizmente): “Porque Deus tanto amou o mundo.”

Qual é o tamanho do amor de Deus? Grande o bastante para todo o mundo. Você está incluso no mundo? Então você está incluso no amor de Deus.

É bom estar incluso. Nem sempre estamos. As universidades excluem quem não é bom o bastante. As pessoas excluem as outras por não serem “descoladas” o bastante e, infelizmente, algumas igrejas excluem quem acham que não são “boas”.o bastante.

Mas, apesar de *essas coisas* serem excludentes, Cristo sempre inclui você. Quando perguntado qual era a medida de seu amor, ele estendeu um braço para a direita, outro braço para a esquerda e os teve pregados para que você soubesse que ele morreu amando você.

Mas não há um limite? Decerto há de haver um fim ao amor dele. Pois você acredita mesmo nisso? Davi, o adúltero, nunca encontrou tal limite. Paulo, o assassino, nunca encontrou esse limite. Pedro, o mentiroso, também não. Em termos de suas vidas, conseguiram chegar ao fundo. Em se tratando do amor de Deus, isso nunca aconteceu.

Eles, como você, encontraram seus nomes na lista de amor de Deus. Porque ele escreveu todos os nomes lá — na cruz.



Zeke não ficou bravo por muito tempo, é claro. Ele sabia que Tony estava bastante machucado. Mas tomar decisões importantes com base em quanto você consegue fazer as pessoas ao seu redor sofrerem junto era simplesmente... burrice!

Mais do que burrice, na verdade. Porque nenhuma das decisões que Tony pretendia tomar iria fazer com que *ele* se sentisse melhor. *Ir de mal a pior não é a resposta!*

Sim, Tony estava machucado. Sim, Tony estava bravo. E, sim, ele tinha o direito de se sentir assim. Mas ficar lambendo as feridas, em vez de encontrar um jeito de se curar? *Sem chance! Só um... babaca faria isso. E só outro babaca deixaria o melhor amigo fazer uma besteira dessas!*

E foi por isso que um Tony extremamente surpreso foi convidado para ir à casa de Zeke depois da escola. Lá, foi sentado à força e pregado por um par de olhos determinados.

— Vamos lá, cara — disse Zeke. — Sei que muitas coisas estão acontecendo ultimamente, então vamos falar sobre isso. Vamos começar com a *sua* atitude!

Agora eu chamei a atenção do Tony. Que bom... Já era hora de isso acontecer!

Zeke ergueu a mão quando Tony, indignado, ameaçou abrir a boca.

— Olha, eu sei que as coisas estão difíceis para você. Mas você tem muitos amigos — incluindo eu no topo da lista — que querem ajudar você a superar. Mas se você deixar!

— Nós estamos aqui para você... mas você está tentando afastar as pessoas. E está fazendo um ótimo trabalho!

Tony encarou o amigo durante um bom tempo, e a raiva estampada em seu rosto se transformou em... vergonha.

— É — ele disse — estou, não estou? Mas eu não consigo me ajudar.

— Eu sei quem vai conseguir — disse Zeke, com um soco amigável. — Eles têm um programa de aconselhamento para quem está passando pelo mesmo problema, na escola. E você está marcado para conversar com a Sra. Adams amanhã, às quatro! E eu vou acompanhar você toda semana... Durante o tempo que for necessário. Fechado? — Zeke perguntou, com um sorriso esperançoso.

Zeke prendeu a respiração enquanto Tony pensava no assunto durante o que pareceu uma eternidade. Então...

— Fechado, El Zeako — veio a resposta.

Foi quando a cura começou. Para Tony *e* todos ao redor dele.

13.

Sem ter para onde ir senão... para cima!

“Posso transformar sua tragédia em triunfo”

(A promessa de Deus por meio das vestes de luto)

Contudo, Senhor, tu és o nosso Pai. Nós somos o barro; tu és o oleiro. Todos nós somos obra das tuas mãos.

Isaías 64:8

Tudo posso naquele que me fortalece.

Filipenses 4:13

O Deus de toda a graça, que os chamou para a sua glória eterna em Cristo Jesus, depois de terem sofrido durante pouco tempo, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces.

1 Pedro 5:10

O que você me diz de termos uma conversinha sobre as vestes de luto? Parece divertido? Parece uma conversa animada? Dificilmente. Faça uma lista de assuntos deprimentes e “vestimentas fúnebres” estará em algum lugar entre “provas finais” e “aparelho dentário”.

Ninguém gosta de roupas de luto. Ninguém conversa sobre vestes de luto. Você já apimentou a conversa com seus amigos perguntando: “O que vocês vão usar no caixão?”

A maioria das pessoas não conversa sobre vestes de luto.

O apóstolo João, no entanto, foi uma exceção. Pergunte para ele, e ele contará como conseguiu enxergar nas vestes de luto um símbolo de triunfo. Não foi sempre que ele viu as coisas assim. Como lembrete doloroso da morte de seu melhor amigo, Jesus, as vestes de luto costumavam ser vistas como símbolo de tragédia. Mas, no primeiro domingo de Páscoa, Deus pegou a mortalha de Jesus e a transformou em símbolo de vida.

Será que ele poderia fazer o mesmo por você?

Cedo ou tarde, vamos acabar encarando alguma tragédia. Além disso, em algum momento da vida, vamos acabar recebendo símbolos de tragédia. Talvez o seu seja uma etiqueta de identificação de um hospital, uma cicatriz ou uma nota de jornal sobre a morte de um amigo. Não gostamos de tais símbolos, nem desejamos esses símbolos. Como carros batidos em um ferro-velho, eles enchem o coração com memórias de dias ruins.

Será que Deus conseguiria usar essas coisas com algum bom propósito? Até onde podemos ir com versículos como este: “Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:28)? Será que esse “todas as coisas” inclui testes, dificuldades e problemas? João diria que sim. João diria que *Deus pode transformar qualquer tragédia em triunfo, basta esperar para ver.*



Eric estava na linha de chegada, esperando — junto com todo mundo — os últimos jovens competidores se arrumarem na linha de partida. Demorou um pouco. Mas ninguém da plateia reclamou.

Eric sorriu quando viu seu irmão mais novo, JayJay, escolher uma posição... mudar de ideia... e encontrar uma melhor. Pronto! Todos estavam prontos — não, espere! Uma garotinha não conseguia encontrar espaço — até que JayJay foi um pouco para o lado. Isso, é claro, significava que todo mundo tinha de ir um passo para o lado também. Mas ninguém da plateia se incomodou, Eric menos ainda. *Demore quanto precisar, JayJay, nós esperamos. Você vale a pena.*

Não era a primeira vez que Eric esperava por seu irmãozinho. O barulho da multidão pareceu sumir quando ele começou a lembrar...

Eric não era muito paciente naquela época, oito anos atrás. Porém, ele mesmo era bem pequeno. Para um Eric com seis anos, parecia que ele esperava uma *eternidade* para seu irmãozinho nascer.

— Você acha que ele *já* nasceu, vovó? — ele perguntou pela enésima vez.

— Tenha paciência, querido — respondeu a avó, que não conseguia se sentar nas últimas três horas. — Tudo no devido tempo de Deus. Lembre, Eric, não temos certeza de que é um menino...

— Ah, é sim — interpelou Eric — É um menino! O que é que eu iria fazer com uma *irmã*?! Eu só queria que ele viesse *logo*!

A avó riu e deu um abraço no garoto.

— Para falar a verdade, eu também! Mas seu pai prometeu telefonar do hospital assim que...

Trrrrimmmmmmm!

Ela pegou o telefone.

— Alô. Peter? Como é bom ouvir sua voz! Como está Ann? Isso é ótimo. E o bebê? Fale sobre o bebê...

Eric estava pulando de alegria. Para cima e para baixo. Seu irmãozinho havia nascido! Mas... Mas por que a vovó parecia tão triste? Por que ela estava com lágrimas nos olhos?

— Oh, Peter... — disse ela, ao telefone. — Oh, meu Deus...



Há momentos na vida em que uma grande alegria subitamente se transforma em enorme tristeza. Quando isso acontece, é fácil esquecer-se de algo que o apóstolo João foi o primeiro a aprender: Deus pode transformar qualquer tragédia em triunfo. Para provar seu argumento, João contaria sobre uma sexta-feira bem peculiar.

Depois disso, José de Arimateia pediu a Pilatos o corpo de Jesus. José era discípulo de Jesus, mas o era secretamente, porque tinha medo dos judeus. Com a permissão de Pilatos, veio e levou embora o corpo. Ele estava acompanhado de Nicodemos, aquele que antes tinha visitado Jesus à noite. Nicodemos levou cerca de trinta e quatro quilos de uma mistura de mirra e aloés. Tomando o corpo de Jesus, os dois o envolveram em faixas de linho, juntamente com as especiarias, de acordo com os costumes judaicos de sepultamento. (João 19:38-40)

Tementes durante a vida de Cristo, mas corajosos depois da morte, José e Nicodemos vieram para servir a Jesus. Vieram para enterrá-lo. Eles subiram o monte carregando as vestes de luto.

Pilatos deu permissão.

José de Arimateia havia cedido o túmulo.

Nicodemos havia trazido linho e especiarias.

João conta que Nicodemos levou trinta e quatro quilos de mirra e aloés. Essa é uma quantidade notável, pois quantidades como essa eram geralmente reservadas para cerimônias exclusivas dos reis. João também comenta sobre o tecido porque, para ele, aquilo era uma imagem da tragédia da sexta-feira. Se não houvesse mortalha, se não houvesse túmulo, haveria esperança. Mas a chegada das ervas e do tecido sinalizou o fim de qualquer esperança. Para o apóstolo, as vestes de luto simbolizam a tragédia.

A tragédia da sexta-feira seria o triunfo do domingo.

Poderia haver tragédia maior para João do que ver Jesus morto? Três anos antes João havia voltado as costas para a carreira para seguir o carpinteiro nazareno. No começo da semana, João havia visto Cristo ser recebido com pompas ao lado dos discípulos em Jerusalém. Oh, como as coisas mudam rápido! O povo que o chamava de rei no domingo era o mesmo que exigia sua morte na sexta-feira seguinte. O tecido era um lembrete visível de que o amigo e o futuro seriam envolvidos em pano e selados detrás de uma rocha.

João não sabia, naquela sexta-feira, o que você e eu sabemos hoje. Ele não sabia que a tragédia da sexta-feira seria o triunfo do domingo. João depois confessa que “não haviam compreendido que, conforme a Escritura, era necessário que Jesus ressuscitasse dos mortos” (João 20:9).

É por isso que o que João fez no sábado é muito importante.

Ele esperou.



Quando sua mãe explicou sobre o irmãozinho para Eric, nada do que ela disse fez sentido algum para ele.

— JayJay é uma criança muito... *especial*, Eric. — Eric balançou a cabeça, concordando. É claro que ele era. Ele era o irmão do Eric! E Eric tinha muito para mostrar, e contar, e ensinar...

— Ele não é como as outras crianças, e ele *nunca* será como as outras crianças — ora, isso sim era confuso. Parecia um bebê normal para ele!

— Querido, quando Deus fez JayJay, ele o fez só um pouquinho... diferente. Algumas coisas não funcionam tão bem para ele quanto para as outras pessoas. E algumas coisas que são fáceis para todo mundo aprender serão bem difíceis para JayJay. Mas Deus tem seus motivos. Deus sempre tem motivos...

Claro, a maior parte do que ela falou só passou pela cabeça de Eric. Quando se tem seis anos, palavras como “síndrome de Down” não significam nada.

Mas significavam muito para os amigos dos pais.

— Nossa, que coisa triste...

— Ann, eu sinto muito!

— Que tragédia...

— Não! — disse a mãe de Eric — não é uma tragédia! É um dom! Deus fez JayJay especial por algum motivo. E ele deu esse filho lindo para nós por algum motivo. Vamos esperar para ver.



Existe alguma coisa mais difícil do que ficar esperando? Ainda mais quando você não sabe pelo que está esperando. O apóstolo João provavelmente confirmaria tudo isso.

Nada sabemos sobre o sábado logo após a morte de Jesus. Nenhuma passagem para ler, nenhum conhecimento para dividir. Tudo que sabemos é isto: quando chegou o domingo, João ainda estava lá. Quando Maria Madalena veio procurar por ele, encontrou-o ali.

Jesus estava morto. O corpo do Mestre não tinha nenhuma vida. O amigo e o futuro de João estavam enterrados. Mas João não havia partido. Por quê? Estaria esperando a ressurreição? Não. Até onde ele sabia, os lábios foram para sempre cerrados e a mão para sempre silenciou. Ele não esperava surpresa alguma no domingo. Então, por que estava lá?

Seria mais lógico ter saído. Quem haveria de garantir que os homens que crucificaram Cristo não iriam atrás dele? Por que João não deixou a cidade?

Talvez a resposta seja um tanto simples; talvez ele estivesse cuidando da mãe de Jesus. Ou talvez ele só não tivesse para onde ir. Podia acontecer de ele não ter dinheiro, ou não ter disposição, ou não ter direção... ou tudo isso junto.

Mas pode ser que ele tenha ficado ali porque amava Jesus.

Para os outros, Jesus era um fazedor de milagres. Para os outros, Jesus era um mestre que ensinava. Para os outros, Jesus era a esperança de Israel. Mas, para João, ele era isso tudo e muito mais. Para João, Jesus era um amigo.

Não se abandona um amigo — nem mesmo o amigo que está morto. João ficou ao lado de Jesus.

Ele tinha esse hábito. Ele estava ao lado de Jesus no cenáculo. Ele estava ao lado de Jesus no jardim do Getsêmani. Ele estava ao pé da cruz durante a crucificação, e estava muito próximo da sepultura no enterro de Jesus.

Por que João não deixou a cidade?

Ele compreendeu Jesus? Não.

Ele ficou feliz por Jesus ter feito o que fez? Não.

Mas ele abandonou Jesus? Não.

E você? Quando se vê na mesma situação que João, o que você faz? Quando é sábado na sua vida, como você reage?. Quando você está em algum lugar entre a tragédia de ontem e o triunfo de amanhã, o que é que você faz? Você abandona Deus — ou você fica ao lado dele?



BANG!

O estalo do revólver de pólvora trouxe Eric de volta do passado em um instante. A corrida tinha começado! E lá vinham eles... Quinze crianças animadas correndo pela pista tão rápido quanto podiam. (O que não era muito rápido. Não que alguém se importasse. No que dizia respeito ao público, aqueles “atletas especiais” tinham, todos, *asas* nos calcanhares!) Bem no meio do pelotão — braços para cima e para baixo, rosto iluminado de alegria — vinha JayJay, de apenas oito anos.

— Vai, JayJay! Vai, maninho!

De algum jeito, no meio do rugido de toda aquela gente, JayJay ouviu a voz de seu irmão mais velho. E seu sorriso ficou ainda maior. Sempre foi assim. Desde quando era um bebê, os enormes olhos azuis sempre brilhavam assim que Eric aparecia. Ele sentou pela primeira vez — bem depois de as outras crianças — para Eric. Ele deu os primeiros passinhos vacilantes — muito mais tarde do que as outras crianças — para Eric. Suas primeiras palavras — muito tempo depois

de todos já terem desistido de acreditar que ele falaria, algum dia — foram: “Ric... Ric”.

Durante um bom tempo Eric estava convencido de que todo mundo estava errado sobre JayJay. Ele *era* como as outras crianças. Mas, quando Eric chegou aos onze e seu querido irmãozinho fez cinco, ele teve de admitir a verdade. JayJay *era* diferente. Mas, naquela época, não importava.

Sim, havia coisas que ele jamais conseguiria fazer ou compreender. Mas, ah, ele sabia como tentar. E, ah, como ele sabia rir. Acima de tudo... oh, como ele sabia *amar*!

JayJay estava cheio até a tampa — e transbordando — de amor. Amor... inquestionável... incondicional. A verdade era que JayJay vivia apaixonado pelo mundo inteiro, e por todo mundo (Eric em especial), e por tudo que havia nele. Todo dia, para JayJay, era cheio de alegria e de prazer. E isso contagiava todos ao redor dele. Estar com JayJay fazia você se sentir bem. E quando se vê o mundo por meio daqueles olhos azuis brilhantes, você vê as coisas — e as pessoas — sob uma luz completamente diferente. Talvez até do jeito que Deus em pessoa vê a gente.

Sim, JayJay *tinha* “necessidades especiais”, mas, até onde Eric sabia, ele era mais especial do que as necessidades que tinha. E ele dava muito mais do que recebia.

Só isso já bastava. Mais do que bastava.

Mas JayJay era cheio de surpresas. Quem iria imaginar que, até o ano passado, aquele garotinho que achava tantas coisas tão difíceis iria saber *exatamente* como ser um herói?



Às vezes as coisas mais incríveis acontecem quando você menos espera. O apóstolo João decerto não esperava que nada maravilhoso acontecesse no sábado após a crucificação. Ele não esperava absolutamente nada. O que havia para esperar? Jesus estava morto. Mas João escolheu esperar por ele. Escolheu ficar

perto de Jesus. E porque ele esperou no sábado, ele estava por perto no domingo para testemunhar o milagre.

Então correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, aquele a quem Jesus amava, e disse: “Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o colocaram!”

Pedro e o outro discípulo saíram e foram para o sepulcro. Os dois corriam, mas o outro discípulo foi mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Ele se curvou e olhou para dentro, viu as faixas de linho ali, mas não entrou. A seguir Simão Pedro, que vinha atrás dele, chegou, entrou no sepulcro e viu as faixas de linho, bem como o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus. Ele estava dobrado à parte, separado das faixas de linho. Depois o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, também entrou. Ele viu e creu.

(João 20:2-8)

Bem cedo, na manhã de domingo, Pedro e João receberam a notícia: “O corpo de Jesus sumiu!” Maria ficou enlouquecida, porque pensou que os inimigos de Jesus haviam levado seu corpo embora. Imediatamente, os dois discípulos correram até o sepulcro. João, sendo mais rápido, chegou antes. O que ele viu o deixou tão atordoado que parou na entrada.

O que ele viu? “Faixas de linho”. Ele viu “o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus. Ele estava dobrado à parte, separado das faixas de linho”.

Essas vestes de luto não haviam sido cortadas e arrancadas. Os pedaços de tecido estavam imaculados. O tecido que encobria a cabeça de Jesus estava perfeitamente dobrado.

Como aquilo aconteceu?

Se amigos tivessem removido o corpo, não teriam levado aqueles panos com eles?

O que ele viu o deixou tão atordoado que parou na entrada.

Se inimigos tivessem retirado o corpo dali, não teriam feito o mesmo? Ou então, por algum motivo, se amigos ou inimigos tivessem retirado do corpo de Jesus os tecidos, teriam sido tão cuidadosos a ponto de deixar tudo aquilo bem arrumado? É claro que não!

Mas se nem amigos nem inimigos mexeram no corpo, quem teria feito aquilo?

Era a pergunta que ecoava na cabeça de João, e essa pergunta levou a uma descoberta. “Ele viu e creu” (João 20:8). João viu a força da vida pelos retalhos de tecido. Você não acha curioso, Deus usar algo tão triste quanto uma mortalha para transformar uma vida?

Mas Deus é dado a estas práticas:

- Em suas mãos, jarros vazios em um casamento se tornaram um símbolo de poder.
- A moeda da viúva se transforma em símbolo de generosidade.
- Uma manjedoura simples em Belém virou símbolo de devoção.
- Um apetrecho ligado à morte vira símbolo do amor divino.

Devemos ficar surpresos por ele tomar a mortalha e a transformar em um retrato da própria vida?

O que nos leva de volta à pergunta: será que Deus conseguiria fazer algo parecido na sua vida? Será que conseguiria pegar hoje o que é uma lembrança de uma tragédia e transformá-la em um símbolo de triunfo?

Será que uma mudança dessas pode acontecer com você? Não tenho a menor dúvida. Você só precisa fazer o mesmo que João fez. Não vá embora. Fique aqui.

Lembre-se da segunda metade da passagem: “Deus age em todas as coisas para o bem *daqueles que o amam*”.(Romanos 8:28, grifos do autor). Era assim que João se sentia em relação a Jesus. Ele o amava. Ele não compreendia os meios, nem concordava sempre com Jesus. Mas o amava muito.

E porque ele amava, ficou por perto. E lá estava ele quando o mundo mudou para todo o sempre.



amos lá, JayJay, você está ótimo! — comemorou Eric, conforme os competidores se aproximavam da linha de chegada. Seu irmãozinho se

— **V**esforçava para andar. Mas era impossível saber disso apenas olhando para o enorme sorriso que ele estampava no rosto. Primeiro ou último, não fazia a menor diferença para JayJay. Ele *sempre* se entregava de coração. Como fez no ano passado...

Tinha sido um acidente muito *estúpido*. Eric fora o primeiro a admitir isso. Quem teria pensado que cortar algumas fatias de pão italiano para fazer sanduíches seria tão... perigoso? Mas também, segurar o pão com a mão esquerda e empurrar a faca grande e afiada (!) na *própria* direção também não é nada inteligente. Especialmente quando ela escorrega...

Havia sangue em todo lugar. Ele escorria, espirrava, até *jorrava*! Eric tinha rompido a artéria do pulso. Ele estava tonto demais para se mexer. E estava sozinho em casa com JayJay!

Eric não sabe até hoje o que teria acontecido se seu irmãozinho não tivesse entrado naquele instante na cozinha. Os olhos de JayJay estavam arregalados, enquanto ele olhava para o irmão esborrachado no chão — sangue jorrando do pulso, pintando a porta dos armários de um vermelho vivo.

— Oh! — ele disse. — Oh!

Então:

— Não se preocupe, Eric, eu sei o que fazer. Eu sei... — e ele correu para o telefone... e discou para o número da emergência. — Venham rápido. Venham rápido. Eric está sangrando muito...!

A cicatriz talhada no pulso de Eric refletiu a luz do sol em contraste com a pele queimada quando ele ergueu os braços na linha de chegada. Correndo direto para ele — com um sorriso de quem havia chegado em primeiro, em vez de cansado e em último lugar — estava JayJay.

— Você viu, Eric? Você me viu?

Eric deu um abraço apertado.

— Eu vi você, maninho. Eu vi.

— Eu fui bem? Eu fui...?

A mão maior acerta a mão menor em um cumprimento entusiasmado.

— Você foi mais do que bem, JayJay. Você foi maravilhoso!

E foi mesmo, pensou Eric. Cheio de espanto. E de alegria.



A Bíblia diz que “Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam” Antes de encerrar este capítulo, faça um exercício simples. Tire a expressão *em todas as coisas* e substitua pelo símbolo da sua tragédia. Para o apóstolo João, o versículo seria: “Deus age em tecidos de luto para o bem daqueles que o amam.” Para Eric e sua família, o versículo seria: “Deus age em *uma criança com necessidades especiais* para o bem daqueles que o amam.”

Como Romanos 8:28 se aplicaria à sua vida?

- Deus age *em notas vermelhas* para o bem.
- Deus age *no divórcio dos pais* para o bem.
- Deus age *em uma amizade desfeita* para o bem.

Se Deus conseguiu mudar a vida de João com uma tragédia, será que ele poderia usar uma tragédia para mudar a sua vida?

Por mais difícil que seja acreditar nisso quando sua vida parece bastante sombria, talvez você esteja a apenas um sábado de distância da ressurreição. Talvez você esteja apenas a algumas horas de distância daquela preciosa oração de um coração transformado: “Deus, você fez isto por mim?”

14.

Contra tudo e contra todos!

“Eu venci”

(A promessa de Deus por meio do túmulo vazio)

[Deus] fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz.

Colossenses 2:15

Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

1 Coríntios 15:57

Mas graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo.

2 Coríntios 2:14

Você já reparou como tudo na vida parece ser medido... calculado... estudado... avaliado... por alguma pessoa, em algum lugar? Da nota oito no trabalho de língua estrangeira às cédulas de uma disputa presidencial, alguém... em algum lugar está registrando tudo.

Números. Estatísticas. Enquetes. Pesquisas de opinião. Todo mundo usa esses instrumentos. Muitas pessoas confiam nessas ferramentas. Elas são capazes de fornecer informação valiosa. Elas dizem muito sobre alguma coisa. Mas existe algo que números e opiniões não conseguem medir com precisão: a verdade.

É preciso olhar muito abaixo das aparências para encontrá-la. Porque a verdade não se importa com o que alguém — ou todo mundo — pensa ou faz. Ela simplesmente existe. E isso, muitas vezes, deixa pessoas espantadas.

Vamos encarar os fatos, “muita chance de vencer” não é um vaticínio que ninguém — exceto Deus — teria feito pelo bebê nascido em Belém por volta de dois mil anos atrás!

NASCIMENTO

Palavras do rei Herodes quando soube do nascimento de Jesus: “Matem-no. Só há lugar para um rei neste lado do mundo.”

Número de líderes religiosos que acreditavam que um messias havia nascido em Belém: zero.

Tipo das pessoas que acreditavam: sonhadores, pastores que trabalhavam de noite e alguns casais recém-casados.

Recompensa dada a José e Maria por trazerem Deus à Terra: dois anos no exílio, aprendendo a língua egípcia.

Esse foi o início do movimento cristão. (E esses foram os anos de calmaria.)



Se você perguntasse a qualquer um que conhecesse a história da infância dura de Jez Marshall quais eram as *chances* de ela vencer, a resposta provavelmente seria um aceno triste com a cabeça.

Aos três anos de idade, Jez e sua mãe eram parte da população “invisível” — esquecida por entre becos — de uma cidade grande e indiferente. Quando sua mãe estava bem para trabalhar — e quando *conseguia* trabalho — elas viviam em um conjunto habitacional desolado. Nos períodos intermitentes, muitas noites foram dormidas dentro de um carro — e mais do que algumas foram passadas em abrigos para pessoas sem-teto.

Quando Jez chegou aos oito anos, o pior aconteceu. A mãe gentil e frágil — que sempre fazia o melhor que podia por Jez — sucumbiu durante o jantar em um trabalho que havia acabado de conseguir. Ela nunca voltou do hospital. E uma Jez triste e revoltada foi mandada para viver em uma série de lares adotivos.

Esses são os fatos. Mas, por trás dos *fatos*, como sempre, há uma história.

É verdade, quando se tratava de posses materiais, tinha muito pouco a oferecer para sua preciosa filha. Mas a mãe de Jez tinha três dons para dar. E ela os dava o tempo todo. Amor. Fé. Esperança.

— Você é a melhor — melhor das melhores — coisa que já me aconteceu, querida! — dizia a mãe. Jez sabia, sem sombra de dúvida, que era muito e verdadeiramente amada — e que era *digna* de amor. (E se os outros não conseguiam enxergar isso, até onde dizia respeito a Jez, era problema *deles*!)

— Ande sempre com o queixo erguido, linda. Não é o que você tem que importa, mas quem você é. E *você* é especial. Acredite em você mesma! — Assim, Jez sempre olhava o mundo na cara e não pedia desculpas por absolutamente nada. (E se isso deixava algumas pessoas nervosas, bem, problema delas.)

Jez se apoiava (...) No amor da mãe. Na fé em si mesma. Na confiança em Deus.

— Mas você *tem* um Pai, meu amor — respondia a mãe quando Jez perguntava por que não tinha um pai. — Você tem um Pai no Céu que ama você mais do que qualquer coisa, e que sempre vai cuidar de você. (Jez gostava bastante daquela ideia. Apesar de achar — errado! — que Deus devia estar muito ocupado — e provavelmente ele devia estar contando apenas com ela para conseguir se virar.)

Nos anos que se seguiram — de lar adotivo em lar adotivo, escola após escola — era nisso que Jez se apoiava. No amor da mãe. Na fé em si mesma. Na confiança em Deus — que havia dado a ela um dom muito especial...

Não, a Jez Marshall — com seu guarda-roupa escandalosamente preto e com aquela atitude independente — que fazia cabeças se virarem para vê-la na lanchonete do colégio Jefferson Middle School naquele lindo dia de outubro não era, *definitivamente*, uma garota de treze anos qualquer. Jenny Archer podia pensar o que quisesse dela... Mas Jez sabia *exatamente* quem ela era. E o que os outros pensavam sobre ela, era problema *deles*.



MINISTÉRIO

Fofoca que corria na cidade de Jesus quando ele declarou ser enviado por Deus: Uma família esquisita. Você já viu o primo dele?

Reação do povo da cidade natal: Apedrejem-no.

Opinião dos irmãos de Jesus: Prendam-no.

Número de discípulos que Jesus recrutou: Setenta. Número de discípulos que defenderam Jesus na frente das autoridades: Zero.

Avaliação dos seguidores de Jesus encontrada na seção do editorial de um jornal da época de Jesus: Grupo de desempregados recrutados no cais do porto e do “lado errado” da cidade.

Número de leprosos, cegos e demais desgraçados que Jesus curou: Impossível contar.

Número de leprosos, cegos e desgraçados curados por Jesus que o

defenderam no dia de sua morte: Zero.



“O orgulhosa.” “Difícil.” “Espinhosa.” “Impossível!” Todas essas palavras foram usadas, vez ou outra, para descrever a jovem Jez. E não eram injustas por completo. A verdade era: por mais brilhante que fosse em certas áreas, Jez não tinha o menor talento para fazer amigos, ou para se “encaixar” nos vários lares adotivos.

— Meu Deus, Jez — suspirou Emily Harris, a assistente social que havia tomado Jez sob seus cuidados. — Você é independente como... como um gato!

Na verdade, Jez gostou daquela ideia. Ela admirava gatos. Criaturas esguias e elegantes que encaravam o mundo com atitude a descolada de “tô-nem-aí”. Espíritos independentes que seguem o próprio caminho, que nada pedem — nem esperam — de ninguém. (Assim, nunca se decepcionam.)

— Não importa — disse a Sra. Harris com um sorriso e um abraço — os Anderson têm espaço. E eles são adoráveis. Se você desse uma chance a eles... — ela olhou para Jez, em dúvida.

— Vou dar, prometo — disse Jez, devolvendo o abraço. E ela ia *mesmo* tentar. Só para agradar a única amiga que tinha. Emily Harris era a única pessoa que tinha — com amor e persistência — enxergado pelo exterior frio e reservado até encontrar uma Jez ansiosa e esperançosa por dentro. Foi ela também que descobriu — e incentivou — o incrível talento da garota para matemática.

— É um dom incrível, Jez! — disse com um espanto quando descobriu que a jovem sob seus cuidados estava estudando — e entendendo — problemas de matemática muito além do esperado para sua idade. — Um talento como esse pode levar você para qualquer lugar que quiser chegar!

Jez não entendia toda aquela animação. Ela sempre fora fascinada por números. Ela amava a lógica polida e precisa — desprovida de

emoção — do funcionamento dos números. Não era preciso sorrir, nem conversar, com os números. Eles simplesmente existiam. E as coisas que conseguiam fazer. Uma dessas coisas, ela decidiu quando tinha doze anos, seria levar uma garota das ruas cruéis de Chicago até... as estrelas!

... quais eram as chances de
uma coisa como aquela
acontecer...?

Jez tinha tudo planejado. Ela faria um esforço no lance do lar adotivo. Daria duro na escola. Encontraria *algum* jeito de entrar na faculdade. Depois... o programa espacial!

Tudo estava decidido. Todos os detalhes. Exceto por aquele “desvio” accidental que Deus — e Emily Harris — aprontou. Afinal, quais eram as chances de uma coisa como aquela acontecer...?



EXECUÇÃO

Opinião popular sobre Jesus antes de ele purificar o templo: Vamos ver se ele concorre a algum cargo.

Opinião popular sobre Jesus depois de ele purificar o templo: Vamos ver quão rápido ele corre.

Decisão do conselho judaico: Três cravos e uma lança.

Fofoca nas ruas de Jerusalém após a morte de Jesus: Devia ter permanecido no negócio de móveis.

Número de vezes que Jesus profetizou que voltaria à vida três dias após sua morte: Três.

Número de apóstolos que ouviram essa profecia: Todos eles. Número de apóstolos que esperou ao lado da sepultura para ver se ele faria o que prometeu:

Zero.

Número de seguidores que acreditavam na ressurreição antes de ela acontecer: Faça as contas.

Probabilidade que um corretor de apostas teria oferecido, no dia da crucificação, sobre a chance de o nome de Jesus ser conhecido no ano 2000: “Você terá mais chances de vê-lo voltar dos mortos.”



Aquilo quase se encaixava na categoria dos genuínos... milagres. Depois de anos de buscas — Emily Harris era uma assistente social *muito* determinada — ela finalmente havia encontrado uma tia de Jez. Uma tia, além de tudo, que estava animada por receber a filha de sua irmã, desaparecida havia muito tempo, em sua casa.

— Uma tia?! Eu não sabia que tinha *algum* parente... — Jez estava estarecida com a notícia. Sua mãe nunca havia dito nada sobre a família. Nem por que havia saído de casa. Exceto naquela única vez...

— Ora, acho que sou a ovelha negra da família, querida — e isso bastava para Jez. Se a mãe era uma ovelha negra, ela seria também. Foi *então* que ela começou o caso de amor com os pretinhos básicos!

Para falar a verdade, Jez não tinha tanta certeza de que estava tão empolgada quanto sua tia Margaret e quanto Emily Harris em relação à casa “nova” em uma cidadezinha pequena. Ela estava muito bem em Chicago! Mas bastou um olhar para os olhos cinzentos e amáveis de sua tia Margaret — olhos iguais aos de sua mãe — e uma risada seguida de um abraço para conquistar Jez.

É claro, ela e a tia ainda estavam conhecendo uma à outra. Mas as coisas pareciam ir bem. Muito bem. Bem melhor, na verdade, do que no colégio — onde tinha adotado a costumeira postura de aceite-me-como-eu-sou.

Ainda havia o problema de fazer amigos. Sim, ela gostaria de ter amigos. Quem não gostaria? Não, ela não tinha ideia de como conseguir isso. E *algumas* pessoas — como aquela garota da aula de

matemática — pareciam bastante interessantes. Jenny Archer era o nome dela. Como todo mundo, Jez se sentiu atraída pelo sorriso caloroso e pelos olhos risonhos da colega. Ela podia adivinhar que Jenny estava tendo dificuldades com a aula de hoje — e que não estava gostando nem um pouco. Então, o que Jez fez? Deu um sorriso incentivador? Ofereceu ajuda? Não!

Não, eu tinha de... tá bom vai, me exhibir! Fazer ela se sentir muito burra. Deixar ela saber que eu era a inteligente. Como um gato... marcando território!

Algumas horas depois, na hora do almoço, todos os alunos iriam se encontrar para comer. Jez estava na lanchonete — todos pareciam ter um lugar marcado, menos ela — olhando pelo local diretamente para Jenny e seus amigos. (Não foi difícil achar aquele monte de cabelos vermelhos em chamas.) Por um instante, quando os olhos de Jenny cruzaram os seus, Jez realmente desejou que Jenny a convidasse para se sentar com ela. Há! A esnobada, quando veio, doeu. Mas não foi de todo uma surpresa. Ela simplesmente levantou um pouquinho de nada o queixo e se virou. *Certo. Fique aí, Senhora Popularidade! O que vem fácil, vai fácil.*

Por mais incrível que pareça, “foi fácil” mesmo, naquela mesma tarde, durante o treino de natação. Na raia exatamente ao lado estava Jenny Archer — uma das estrelas da equipe, é claro — nadando tudo que podia.

Ah, não, não vou deixar!, pensou Jez, arranjando um impulso que não sabia que possuía. E acabou terminando em primeiro. *Consegui!*



O MOVIMENTO

Resposta oficial dos líderes judaicos aos rumores da ressurreição: Claro que dizem que ele está vivo. Precisam disso. O que mais poderiam dizer?

“Se o propósito ou a atividade deles for de origem humana, fracassará.”

Resposta verdadeira dos líderes judaicos à ressurreição de Jesus: “Um grande número de sacerdotes obedecia à fé” (Atos dos Apóstolos 6:7).

Decisão dos líderes judaicos sobre a igreja: “Se o propósito ou a atividade deles for de origem humana, fracassará; se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los” (Atos dos Apóstolos 5:38,39).

Resposta da igreja: “Crescendo o número de discípulos” (Atos dos Apóstolos 6:1).

Resposta oficial dos líderes judaicos à conversão de Saulo: Já vai tarde, antigo fariseu. Não vai demorar para aparecer em uma prisão, e depois, vai fazer o quê? Escrever cartas?

O que Saulo, convertido Paulo, compreendeu que não compreenderam seus ex-colegas: “Deus o ofereceu [Jesus] como sacrifício para propiciação” (Romanos 3:25).



Jez subiu até a borda da piscina e ficou olhando Jenny, apoiada à borda. Por algum estranho motivo, ganhar aquela corrida não parecia tão bom quanto ela achou que seria. Na verdade, parecia que tinha perdido alguma coisa. Uma oportunidade...

Então, Jenny fez uma coisa realmente fantástica. Ela olhou para Jez... e riu.

— Puxa vida, Jez — disse, depois de tomar um pouco de ar — *por favor*, diz que você não é boa de matemática e campeã na natação!

Oh, nossa. Minha... nossa! Aquilo era uma segunda chance? Mas será que ela podia arriscar? Será que ela — Jez-que-anda-sempre-sozinha — ia conseguir fazer uma amiga? Pensando bem, muitas coisas estranhas estavam acontecendo recentemente. Será que Deus tinha consertado isso também?

Jez olhou para os olhos verdes risonhos de Jenny. Decidiu. Sorriu de volta.

— Nããão, foi só um pouco de sorte — ela se inclinou e estendeu a mão... Uma mão oferecendo amizade. E Jenny aceitou.

Quem poderia imaginar?



O MOVIMENTO CONTINUA

A crença do filósofo francês Voltaire: A Bíblia e o Cristianismo passarão em cem anos. Ele morreu em 1778. O movimento continua.

Pronunciamento de Friedrich Nietzsche em 1882: “Deus está morto.” O alvorecer da ciência, ele acreditava, seria o ocaso da fé. A ciência raiou; o movimento continua.

Como um dicionário comunista definia a Bíblia: “Coleção de lendas fantásticas sem qualquer suporte científico.” O comunismo está se extinguindo; o movimento continua.

Descoberta feita por todos aqueles que tentam enterrar a fé: A mesma feita por todos os que tentaram enterrar o Fundador: ele não fica enterrado.

Os fatos: O movimento nunca esteve tão forte. Mais de um bilhão de católicos e quase o mesmo número de protestantes.

A pergunta: Como explicar esse fenômeno? Jesus era um simples carpinteiro. Ele nunca escreveu um livro, nunca teve uma empresa. Nunca viajou mais de uma centena de quilômetros além de sua terra natal. Amigos o deixaram. Um deles o traiu. As pessoas que ele ajudou se esqueceram dele. Antes de morrer, todos o abandonaram. Depois da morte dele, ninguém mais pôde resistir. O que fez tanta diferença?

A resposta: A morte e a ressurreição. Quando ele morreu, também morreram seus pecados. Quando ele ascendeu, o mesmo aconteceu com a esperança. Quando ele ascendeu, sua cova havia se transformado de moradia eterna para abrigo temporário.

Motivo por ele ter feito tudo isso: Olhe no espelho.

Veredito, após dois milênios: Herodes estava certo: Só há lugar para um rei.

15.

Confira sua “bagagem”!

(“O que você deixaria aos pés da cruz?”)

Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas.

Provérbios 3:5,6

Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês.

1 Pedro 5:7

O monte está quieto agora. Não parado, mas quieto. Pela primeira vez em todo o dia não há barulho algum. O clamor começou a diminuir quando a escuridão — aquela intrigante escuridão no meio do dia — sumiu. Como a água extingue o fogo, as sombras extinguiram o ridículo. Não há mais provocações. Não há mais piadas. Não há mais zombaria. E, no tempo devido, não haverá mais gozadores. Um a um, os espectadores se viraram e começaram a descer.

Quer dizer, todos os espectadores menos você e eu. Nós não saímos. Nós viemos aprender. E, por isso, permanecemos em meio à escuridão e ficamos ouvindo. Ouvimos os soldados amaldiçoarem, os passantes fazerem perguntas e as mulheres chorarem. Mas, acima de tudo, ouvimos o trio de moribundos urrarem. Urros horríveis, guturais, sedentos. Eles urravam a cada vez que rolavam a cabeça e a cada vez que uma das pernas mexia.

Conforme os minutos foram virando horas, até esses urros desvaneceram. Os três pareciam mortos. Não fosse pelo fôlego esforçado, seria de acreditar que estavam mesmo mortos.

Então, ele gritou. Como se alguém tivesse puxado seus cabelos, a parte de trás da cabeça atingiu em cheio o sinal que trazia seu nome, e ele gritou. Como uma adaga que rasga uma cortina, aquele grito cortou toda a escuridão. Tão reto quanto permitiam os cravos, ele chorou, como quem chora por um amigo perdido: “Eloí!”

A voz era seca, arranhada. Reflexos do fogo dançavam em seus olhos bem abertos: “Meu Deus!”

Ignorando o vulcão da dor em erupção, empurrou o corpo para cima até que os ombros estivessem mais altos que as mãos pregadas. “Por que me abandonaste?”

Os soldados pararam. O choro das mulheres parou. Um dos fariseus riu com sarcasmo: “Ele está chamando Elias.”

Ninguém riu.

Ele fez uma pergunta aos Céus, e era de se esperar que os Céus respondessem.

E, aparentemente, responderam. Pois a face de Jesus se aliviou, e a tarde voltou a aparecer quando ele disse, por fim: “Está consumado. Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

Com o último suspiro, a Terra tremeu do nada. Uma pedra rolou, e um soldado caiu. Então, do mesmo jeito com que o silêncio fora quebrado, o silêncio retornou.

Tudo estava quieto. A zombaria havia parado. Não havia ninguém para ser provocado.

Os soldados estavam ocupados com a limpeza dos mortos. Dois homens haviam aparecido. Bem vestidos e bem intencionados, receberam o corpo de Jesus.

E nós ficamos com as relíquias da morte dele.

Três cravos em um recipiente.

Três sombras em forma de cruz.

Uma coroa trançada com espinhos escarlates.

Bizarro, não é? O pensamento de que esse sangue não é sangue humano, mas sangue de Deus?

Que loucura, não é? Pensar que esses cravos pregaram nossos pecados na cruz!

Absurdo, você não concorda? Que a oração de um criminoso tenha sido respondida? Ou mais absurdo ainda, que o criminoso tenha se posto a orar!

Absurdos e ironias. O monte do Calvário não passa disso.

Nós teríamos planejado o momento de forma completamente diferente. Pergunte como nós achamos que Deus deveria redimir este mundo, e você verá! Cavalos brancos, espadas reluzentes. O mal morto, pendendo de suas costas. Deus em seu trono.

Mas Deus em uma cruz?

Um Deus coberto de sangue, de lábios rachados e olhos saltados?

Com uma esponja espremida contra o rosto?

Uma lança perfurando sua costela?

Dardos jogados a seus pés?

Não, não teríamos escrito o enredo da redenção dessa forma. Mas, volto a

lembrar, ninguém pediu. Os atores e o cenário foram escolhidos pelo Céu e dirigidos por Deus. A nós não foi pedida nenhuma opinião.

Mas nos foi pedido que respondêssemos. Para que a cruz de Cristo seja a cruz da sua vida, e você e eu precisamos levar algo até o monte.

Nós já vimos o que Jesus trouxe. Com mãos machucadas ele ofereceu o perdão. Pela pele rasgada ele prometeu aceitação. Ele fez aquela caminhada para poder nos levar de volta para casa. Ele vestiu nossas roupas para nos dar as suas. Nós já vimos os presentes que ele trouxe.

Agora vem a pergunta, o que nós levaremos?

Ninguém está pedindo para fazermos o aviso, nem para carregarmos os cravos. Também não nos pedem para suportar o cuspe, nem para usar a coroa. Mas é *pedido* fazer o mesmo caminho, e deixar alguma coisa na cruz.

Nós não somos obrigados, é claro. Muitos não fazem isso.

Mas posso implorar para que *você* deixe algo na cruz? Você pode olhar e analisar a cruz. Você pode ler sobre ela, até orar para ela. Mas, até que você deixe alguma coisa aos pés dela, você ainda não terá abraçado a cruz.

Você já viu o que Cristo deixou. Você não vai deixar nada? Por que não começa com os *momentos ruins*?

Sabe aqueles maus hábitos? Deixe-os na cruz. O egoísmo e as mentirinhas leves? Dê tudo para Deus. As farras e a carolice? Deus quer isso também. Cada falha, cada fracasso. Ele quer cada um deles. Por quê? Porque ele sabe que nós não conseguimos *conviver* com essas coisas.

**É pedido a nós que deixemos
alguma coisa na cruz.**

Eu cresci jogando futebol em um campo aberto ao lado da minha casa. Muitas tardes de domingo eu passei imitando os heróis dos campos verdes.

Os campos abertos do oeste do Texas têm espinhos. Espinhos machucam. Não dá para jogar futebol sem cair, e não dá para cair em um campo do oeste do Texas sem se machucar.

Mais vezes do que consigo lembrar tive de sair de touceiras tão coberto de espinhos que precisava até de ajuda. E era preciso de ajuda com experiência. Eu corria para casa para meu pai tirar os espinhos — um a um, com toda a dor.

Eu não era muito inteligente, mas sabia disto: para poder voltar ao jogo, eu precisava me livrar daqueles espinhos.

Cada erro da vida é como uma touceira de espinhos. Não é possível viver sem cair em uma, e não dá para cair sem ficar com espinhos presos. Mas adivinhe só! Nem sempre somos tão inteligentes quanto uma criança jogando. Às vezes, tentamos voltar para o jogo sem lidar antes com os espinhos. Como se não quiséssemos que os outros descobrissem que caímos, então fingimos que nada aconteceu. Assim, vivemos com dor. Não andamos bem, não dormimos bem, nem descansamos. E, nossa, como ficamos sensíveis!

Você acha que Deus quer que você viva assim? De jeito nenhum. Ouça esta promessa: “E esta é a minha aliança com eles quando eu remover os seus pecados” (Romanos 11:27).

Deus faz mais do que perdoar nossos erros; ele os remove! Só precisamos levar os erros até ele.

Ele não quer só os erros que já fizemos, ele quer também os erros que *estamos* fazendo! Você está cometendo erros? Você desobedece ou ridiculariza? Você anda irritado, ou sem paciência? Está colando na escola, ou traindo alguma amizade? Está preocupado ou assustado com alguma coisa que fez — ou que está pensando em fazer?

Em caso afirmativo, não finja que nada está errado. Não finja que você não caiu. Não tente voltar para o jogo. Vá antes para Deus. O primeiro passo depois de um tropeço deve ser sempre em direção à cruz. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados” (1 João 1:9).

O que você pode deixar na cruz? Por que não começar com seus *momentos ruins*? Você sabe, aquelas coisas que você fez que o deixaram chocado, assustado ou envergonhado...



Para Jenny Archer, foi o acúmulo de inveja — com um pouco de desprezo para sobremesa — que lançou uma sombra sobre sua personalidade quase sempre ensolarada. Você se lembra de Jenny — a garota popular e descolada que costumava ser muito boa em *tudo* que fazia? Tudo, exceto matemática. A frustração e a raiva que sentia da garota nova que era um crânio em matemática foram suficientes para

soltar a “fera da inveja” presa dentro dela.

Mas foi preciso que Jenny desse uma boa olhada em si mesma para colocar a inveja de lado. E para estender a mão em amizade para alguém que precisava demais de um amigo.

Foi o medo que fez Brian Parnell tropeçar... Brian, o Bom... Brian, o Corredor. Foi o medo que o fez tratar um garoto de cadeira de rodas de modo que tivesse vergonha de si mesmo. Só depois de superar o medo da preocupação de fazer ou falar algo errado que ele pode ver a coisa *certa* a fazer.

Mike O’Hara queria desesperadamente o que todo garoto quer: pertencer — fazer amigos. E ele conseguiu. Infelizmente, o preço daquela amizade era um pouco alto demais. Apesar de ele se sentir tentado — *muito* tentado — o preço se revelou alto *demais* para Mike.



Ninguém disse que é fácil ser jovem. (Pelo menos, ninguém que *já* tenha sido jovem.) Mas você *pode* conseguir ajuda. Você pode levar a inveja, o desprezo, a vergonha e as tentações e colocar tudo isso em um lugar onde nada pode machucar você. Você pode levar tudo para a cruz.

E já que você está na cruz, dê para Deus também os seus *momentos de raiva*. Vamos lá, eu sei que você tem alguns.

Você conhece a história do homem que foi mordido por um cachorro? Quando soube que o animal tinha raiva, o homem começou a fazer uma lista. O médico disse que ele não precisava escrever um testamento, já que a raiva pode ser curada. “Não estou fazendo um testamento”, respondeu o homem. “Estou fazendo uma lista das pessoas que quero morder.”

E não fazemos todos essa lista? Você já aprendeu que amigos nem sempre são amigáveis, não aprendeu? Que professores nem sempre são pacientes? Que pais nem sempre são compreensivos?

Você já aprendeu que promessa feita não é promessa cumprida, não aprendeu? Que só porque alguém tem o título de pai, não significa que seja um de verdade?

Você já aprendeu que tendemos a devolver, não aprendeu? A morder de

volta? A guardar listas e a rosar para as pessoas de que não gostamos?

Deus quer a sua lista. Ele inspirou um servo a escrever: “[O amor] não guarda rancor” (1 Coríntios 13:5). Ele quer que nós deixemos essa lista na cruz.

Não é fácil de fazer, eu sei.

“Olha só o que eles fizeram comigo!”, desafiemos, apontando para as feridas.

“Olha só o que eu fiz por você”, ele lembra e aponta para a cruz.

Paulo disse assim: “Perdoem como o Senhor lhes perdoou” (Colossenses 3:13).

Nós somos ordenados — não é um pedido, é uma *ordem* — a não guardar uma lista de rancor.

Além disso, você realmente gostaria de manter uma lista dessas? Você gostaria de catalogar todas as suas dores? Quer ficar rosnando durante toda a vida? Deus não quer que você faça isso. Ele quer que você desista do pecado antes que ele possa contaminá-lo de toda amargura e raiva antes que elas desfigurem você. Ele já indicou o lugar para isso. A cruz.



Quando Kim Nakamura deixou escapar o coelho da cartola com o segredo de família de sua melhor amiga, Molly Craig não ficou só envergonhada, mas também *furiosa*! Não, ela estava mais que furiosa — ela simplesmente não tinha palavras. A raiva de Molly quase destruiu uma amizade que praticamente tinha feito de Molly e Kim personagens eternas. Quase. Até que Molly se lembrou de algo que aprendemos na cruz: perdão.

A raiva com a desaprovação do pai diante do namoro fez com que Madeline se afastasse de casa... e da cidade natal... para assumir uma vida que ela jamais imaginou. E da qual não gostava. O orgulho e a vergonha a mantinham presa. Até que o amor do pai a alcançou e convidou a garota a voltar para casa. O amor do Pai nos espera na cruz, também. Junto com um lugar para receber *tudo* que causa problema ou que é um fardo.



Há outras coisas que você também pode deixar na cruz. A tristeza e a dor. Às vezes, coisas além de nosso controle acabam acontecendo. Coisas que machucam profundamente, apesar de não serem causadas por nós. Jesus também carregará seus momentos de tristeza. Se você permitir.



A confiança de Jez Marshall no amor de Deus a carregou por momentos muito duros depois da morte de sua mãe e durante os anos em que passou por vários lares adotivos. Foi preciso que ela deixasse para trás o medo da rejeição — não que Jez admitisse ter medo de *alguma coisa*! — para poder alcançar a amizade que tanto desejava!

Quando a porta se fechou para o sonho de Nicole de uma bela carreira como bailarina, ela ficou arrasada. Mas quando olhou para além da dor e da decepção — quando desistiu da raiva e da lamentação — ela viu que Deus estava segurando *outra* porta aberta para ela!

Para Eric, um irmão mais novo com uma necessidade especial *poderia* ser visto como uma tragédia. Mas é muito difícil ficar triste quando se confia em Deus — e quando se vive na mesma casa que o amor *puro e incondicional*.

Deus também sabe exatamente o que fazer com os momentos mais tristes e dolorosos da *sua* vida.



Talvez você esteja preocupado... não tenha certeza... esteja com medo... a respeito de algum assunto. Mas você não precisa ficar assim, sabia? Tem alguém esperando na cruz para receber essas preocupações. Deus quer seus *momentos de ansiedade* também.



Se você olhar com bastante cuidado para o pé da cruz, verá toda sorte de coisas preocupantes e problemáticas de que as pessoas deixaram de precisar.

Você encontrará a dolorosa timidez que não “combina” mais com David. E também as desculpas que Josh *podia* ter dado, em vez de encontrar soluções criativas para um presente especial, de uma pessoa especial.

Pode ser que você se depare com a certeza que Kyle tinha de que *sempre* sabia de tudo. (Ele trocou isso por uma pitada de humildade.)

E — bem ali — o medo de perder uma amizade que Zeke trocou pela coragem de contar a verdade a seu amigo Tony a respeito de algumas escolhas ruins que ele estava fazendo.

É claro, sempre há espaço para mais. Talvez alguma pequena ansiedade... preocupação... *sua*?



Da próxima vez em que estiver convencido de que seu mundo está prestes a acabar, faça uma viagem mental até o Calvário. Passe algum tempo observando as peças da paixão.

Corra a ponta do dedo pela ponta da lança. Brinque com um dos cravos na palma da mão. Leia o aviso de madeira em sua língua. Lembre, também, a terra aveludada, umedecida pelo sangue de Deus.

Sangue ele derramou por você.

A lança o perfurou por você.

Os cravos ele sentiu por você.

O sinal ele deixou para você.

Ele fez tudo isso por você. Sabendo disso, sabendo de tudo que ele fez por você ali, ainda acha que ele não iria procurá-lo?

Como Paulo escreveu: “Aquele que não poupou a seu próprio Filho, mas o

entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?” (Romanos 8:32).

Faça um favor a você mesmo: leve seus momentos de ansiedade até a cruz. Deixe-os ali com os momentos ruins, com os momentos de raiva e os momentos de tristeza.

Pecados. Erros. Problemas. Preocupações. Condições. Seja lá o nome que damos, *todos* nós carregamos “bagagens” de um tipo ou de outro. Coisas que aumentam nosso peso, que fazem o espírito se arrastar. Quer saber de uma coisa? Não precisamos disso! Não precisamos carregar nada, só o que *escolhemos*! Porque Jesus está esperando para aliviar esse fardo. E para limpar tudo. Tudo que precisamos fazer é pedir. Na cruz.

Posso sugerir mais uma coisinha para levar até a cruz? Seu *momento final*.

A não ser que Cristo volte antes do tempo, você e eu passaremos por isso. Um momento final. Um suspiro final. A última fechada dos olhos e a última batida do coração. Em um período ínfimo você deixa aquilo que conhece e entra no desconhecido.

É isso o que nos incomoda. A morte é o grande desconhecido. Sempre ficamos um pouco ariscos em relação ao desconhecido.

Minha filha Sara, pelo menos, ficava. Minha esposa e eu tivemos uma ótima ideia. Iríamos raptar as meninas na escola e levá-las para uma viagem de fim de semana. Fizemos reservas em um hotel e combinamos a viagem com os professores, mas guardamos segredo para as meninas. Quando aparecemos na sala de Sara em uma tarde de sexta-feira, pensamos que ela ficaria animada. Ela não ficou. Ela estava com medo. Ela não queria sair!

Depois de partir, garanti a ela que nada estava errado. Tínhamos aparecido para levá-la a um lugar legal. Não funcionou. Quando chegamos ao carro, ela começou a chorar. Estava confusa, e não gostou daquela interrupção..

Nem nós. Deus prometeu vir em uma hora inesperada e nos tirar do mundo cinzento que conhecemos para um mundo dourado, que não conhecemos. Como não conhecemos, não temos certeza se queremos partir. Ficamos até nervosos em pensar na vinda dele.

Por isso, Deus quer que façamos o que Sara, finalmente, fez — confiar no pai. “Não se perturbe o coração de vocês”, ele pediu. “Voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver” (João 14:1,3).

A propósito, em pouco tempo Sara relaxou e aproveitou a viagem. Na verdade, ela nem queria voltar. Você também não vai querer.

Perturbado com essa coisa do momento final? Deixe tudo isso no pé da cruz.

Deixe tudo ali, momentos ruins, momentos de raiva, momentos de ansiedade e momentos de tristeza.

A esta altura, alguém já está pensando: *Quer saber, se eu deixar todos esses momentos na cruz, não me sobrarão outros momentos que não os bons.*

E você? O que vai fazer?

Notas

CAPÍTULO 5

1. Isabel McHugh & Florence McHugh, trad. The Trial of Jesus: The Jewish and Roman Proceedings against Jesus Christ Described and Assessed from the Oldest Accounts, by Josef Blinzler. Westminster, Md.: The Newman Press, 1959, p. 103.

2. Id., ib., p. 104.

CAPÍTULO 6

1. Paul Aurandt. Paul Harvey's the Rest of the Story. New York: Bantam Press, 1977, p. 47.

CAPÍTULO 7

1. Frank Stagg. New Testament Theology. Nashville: Broadman Press, 1962, p. 102.

Outros livros do autor pela Editora Thomas Nelson Brasil

365 Bênçãos

3:16

Os mais brilhantes pensamentos de Max Lucado

Derrubando Golias

Dias melhores virão

Todo dia é um dia especial

Faça a vida valer a pena

Amor acima de tudo

Você não está sozinho

Soluções de Deus

Sem medo de viver

Gente como a gente

Quando Cristo voltar

O Salvador mora ao lado

Um coração igual ao de Jesus

Você é linda (Max Lucado e Jenna Lucado)

O sentido da cruz na vida do jovem

O período da vida que começa na adolescência pode ser muito difícil. Você luta para encontrar sua identidade, é empurrado e puxado em várias direções por amigos e colegas. Mas o escritor Max Lucado tem uma boa notícia: esses anos turbulentos vão fortalecer sua vida adulta se você crescer e se desenvolver na companhia do Criador.

Ele escolheu você revela o plano de Deus e seu amor incondicional para com todos aqueles que decidem segui-lo. Com muita intimidade e utilizando histórias reais e atuais, Lucado mostra que o perfeito amor do Pai é demonstrado na vida de Jesus Cristo, desde seu nascimento até o momento da cruz.

ISBN 978-85-78601-74-4



9 788578 601744